FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

FRANCISCO ORO WARAM
ORO WAO XAIN ORO WARAM

MEMÓRIAS E SABERES DO POVO ORO WARAM
KA' PIYIM AN HET XINE, KA' KROMIKAT NEXI, KA' PEHO NAIN WINAXI

PORTO VELHO - RO
2019

FRANCISCO ORO WARAM
ORO WAO XAIN ORO WARAM

MEMÓRIAS E SABERES DO POVO ORO WARAM
KA' PIYIM AN HET XINE, KA' KROMIKAT NEXI, KA' PEHO NAIN WINAXI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Mestrado em Geografia da Fundação Universidade Federal de Rondônia-UNIR para obtenção do título de Mestre em Geografia.
Área de concentração: Ambiente e Território na Pan-Amazônia.
Linha de Pesquisa: Território e Sociedade na Pan-Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Josué da Costa Silva

PORTO VELHO – RO
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Fundação Universidade Federal de Rondônia

Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

W253m Waram, Francisco Oro .

Memórias e Saberes do povo Oro Waram: Ka' Piyim An Het Xine, Ka' Kromikat Nexi, Ka' Peho Nain Winaxi / Francisco Oro Waram. -- Porto Velho, RO, 2019.

88 f. : il.

Orientador(a): Prof. PhD Josué Costa Silva

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1.Povo Wari. 2.Povo Wari. 3.Oro Mon. Oro Waram Xijein.. 4.Memórias.. 5.Origem. Sabedores tradicionais.. I. Silva, Josué Costa. II. Título.

CDU 572.95(811.1)

Bibliotecário(a) Luã Silva Mendonça CRB 11/905

PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO
E DOUTORADO EM GEOGRAFIA
Ambiente e Território na Pan-Amazônia

Ministério da Educação - MEC
Universidade Federal de Rondônia - UNIR
Núcleo de Ciências Exatas e da Terra - NCET
Departamento de Geografia – DGEO/UNIR
Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG/UNIR

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Francisco Oro Waram

A Banca de Defesa de Mestrado presidida pelo Orientador e Presidente **Prof. Dr. Josué da Costa Silva** e constituída pelos examinadores: **Prof. Dr. Adnilson de Almeida Silva** - Avaliador Interno – PPGG/UNIR; **Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva** - Avaliadora Interna – PPGG/UNIR e **Dr. Julien Marius Reis Thevenin** - Avaliador Externo – Bolsista PNPD/CAPES, reuniram-se em 02 de julho de 2019, às 9 horas, no Auditório Milton Santos/CEGEA/UNIR/Bloco 1T, para avaliar a dissertação de mestrado intitulada: ***"Memórias e Saberes do povo Oro Waram Ka' Piyim An Het Xine, Ka' Kromikat Nexi, Ka' Peho Nain Winaxi "*** do mestrando **Francisco Oro Waram** – Matrícula: 20162001747. Após a explanação do pós-graduando e arguição pela Banca Examinadora, a referida **DISSERTAÇÃO** foi avaliada e de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação em Geografia foi considerada APROVADA. O Candidato terá o prazo de até 90 dias para fazer as correções sugeridas pela banca e entregar as cópias definitivas de sua dissertação, sob pena de invalidação, pelo Colegiado, do processo de Defesa, conforme preceitua o § 3º do artigo 83 do Regimento Interno do PPGG, uma vez que o curso só finaliza com a entrega da Dissertação revisada e a comprovação do cumprimento dos demais créditos, conforme Regimento Interno.

Porto Velho-RO, 02 de julho de 2019.

Prof. Dr. Josué da Costa Silva
Orientador e Presidente

Prof. Dr. Adnilson de Almeida Silva
Avaliador Interno – PPGG/UNIR

Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva
Avaliadora Interna – PPGG/UNIR

Dr. Julien Marius Reis Thevenin
Avaliador Externo – Bolsista PNPD/CAPES

Campus José Ribeiro Filho – BR 364, Km 9,5 sentido Acre, CEP: 76806-679 – Porto Velho-RO
Bloco 1T, Sala 18, 3º piso – CEGEA - E-mail: posgeografia@unir.br - Fone: 2182-2190

Scanned with CamScanner

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu filho Francélio Oro Waram que se foi desta vida de uma forma tão trágica e inexplicável, mas que me ensinou que devemos seguir lutando com mais força e sabedoria e não desistir apesar das dificuldades; in memória à meu pai Ko Um' Oro Wram, e minha mãe Pakao' Oro Nao', pessoas que fizeram a diferença na minha vida. A minha família e ao povo Oro Waram; a minha querida Narima Tokohet Oro Waram e aos meus filhos vivos, Italo Oro Waram, Franciele Oro Waram, Ilo Oro Waram, Cristiano Oro Waram, Francisco Oro Waram Filho e Francélio Ko Um Oro Waram.

DEDICATÓRIA EM WARI'

Ka' tomi' mi' wa pain payaxi'

Ka xrao' ne ka', tomi' mi' inom pain mantita Francélio Oro Waram, ko pa' ka' napa pain ka e' nukum. Wriko ko ka' na napa kem, pain ka xrao' ne ka'. Ka na' napa pain ka' xrao' tekim wa, ye ka tatiwa kem. Ma' paxi'napa oro ka' i ina napa pain tumuka pain oro xek. Kromikat in inom ate' Ko Um' wrikam na' Pakao' Oro Nao'. Wrikakam ko ara nimao nanain oro ka ara ta pain ka xrao' ne kem. Wrikoko oro kanari kem, wrikam narima ne Tokohet Oro Waram, wrikoko oro na mantita ko e' nana kem. Mo nana: Italo Oro Waram, Franciele Oro waram, Ilo Oro Waram, Cristiano Oro Waram, Francisco Oro Waram Filho e Francélio Ko Um' Oro Waram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Eterno Deus (Iri'Yam) que me conduziu durante esta caminhada acadêmica.

À minha família que deu um grande apoio, obrigado pela força e coragem neste longo processo de aprendizagem;

Ao povo Wari', do subgrupo Oro Waram, especialmente sabedores e sabedoras tradicionais, como: Awo Kamip Oro Waram, Ko' Um Oro Waram, Tatoyi Oro Mon, Yamain Oro Mon, Xowa Oro Mon, Tokohet Oro Waram, Hatem Oro Waram, Harein Oro Mon e Mon Oro Mon, não deixo de agradecer aos subgrupos Oro Mon, Oro Waram Xiyein, Oro Eo' e Oro Nao', que habitam nesta comunidade, aldeia Lage Velho;

Aos professores indígenas Antenor Oro Waram, Pascoal Oro Waram, Robson Oro Waram, Silvano Oro Waram Xiyein, Valdemar Oro Mon e cacique Carlito Oro Waram, agradeço a todos pela colaboração de cada um;

Agradeço aos professores que me ajudaram na verificação da língua Portuguesa, na formatação, na coerência e coesão e revisão final do meu orientador e demais dicas de inclusão e exclusão de partes deste trabalho, Aristokles Pantoja, por sua afinidade com a comunidade indígena, seus trabalhos sempre nos orientando a educação de qualidade e desenvolvimento regional e pessoal.

Agradeço também às equipes da Associação Komi Memem (água de fruta) e principalmente ao presidente Simião Oro Waram que colaborou com a carta de anuência de confiança assinada por sua pessoa;

Ao Programa Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia da Fundação Universidade Federal de Rondônia que acolheu o meu projeto de pesquisa para estudar sobre as diversidades culturais presente nas memórias dos anciões;

Ao professor Dr. Josué Costa da Silva pela paciência, amizade e confiança no meu trabalho, principalmente nas orientações e diálogos ao longo desses dois anos;

À Fundação Nacional do Índio (FUNAI) de Guajará-Mirim na pessoa do coordenador Adilson dos Santos e sua equipe de trabalho que me deram suporte e força durante a pesquisa na Terra Indígena Igarapé Lage, na aldeia Lage Velho. Ao coordenador interino Dr. João Soares, que me incentivou dando coragem para a conclusão da minha dissertação e contribuiu com a carta de anuência da FUNAI apoiando a proposta do plano de trabalho e a bolsas de Mestrado e da CAPES.

Ao Conselho Indigenista Missionário - CIMI de Guajará–Mirim, que incentivou-me

bastante na conclusão do estudo. Agradeço todas as equipes que atenderam aos meus pedidos de passagens de ônibus e principalmente o Dr. Gil de Catheu, que sempre esteve ao meu lado ajudando e orientando nos momentos de dor e perda do meu filho primogênito.

A Coordenadora Yap Mete Verônica Oro Mon, Coordenadora da Educação Escolar Indígena e sua equipe pedagógica que colaboraram na minha ausência na sala de aula enquanto estava estudando. Agradecer também as equipes de Coordenação da Organização Oro Wari', que apoia a política educacional para a população indígena do Povo Oro Wari.

Não deixo de agradece à equipe da Diocese de Guajará – Mirim, *In Memoriam* Dom Geraldo Verdier, pela longa caminhada de trabalho realizada, pela Igreja Cartólica pelo povo Oro Wari' e principalmente na Terra Indígena Sagarana na margem no rio Mamoré;

A equipe da Missão Novas Tribos do Brasil, agradeço por terem os trabalhos conduzidos pelos missionários e o método no ensino bilíngue, a senhora Maria Aparecida Siqueira Santos e ao Missionário Pedro Paulo Gomes Santos, que contibuiram quando eu precisava algumas orientações, *In Memoriam* Royal Taylor que presenciou o contato do subgrupo Oro Waram e a uma grande guerreira na educação escolar indígena dos Wari' e conhecida nas áreas Pacaas Novas, terrestre, Mamoré e Guaporé, e recebem meus agradecimento de gratidão professora Seila Soeilas de Melos.

À minha querida Neidinha da Kanindé, que disponibilizou sua casa para me hospedar e acolheu-me com muito carinho e respeito, juntamente com sua equipe. Fizeram longos trabalhos com diferentes povos indígenas, através de parcerias com associações do plano de gestão etno ambiental no planejamento de ações que contribuem para a implementação do etnozoneamento nas melhorias de qualidade de vida do povo indígena de Rondônia.

A Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior - CAPES pela bolsa de estudos, pois ajudou-me nesse trabalho e principalmente na saída de aldeia para cidade.

ORO WARAM, Francisco**. Memórias e Saberes do povo Oro Waram.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Rondônia-UNIR. Porto-Velho, 2019.

.

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa concentrou-se na aldeia Lage Velho, Terra Indígena Igarapé Lage, localizada no Município de Guajará-Mirim, Rondônia – Brasil. A pesquisa foi realizada, a partir de relatos e entrevistas com sabedores e sabedoras tradicionais do povo Wari' do subgrupo Oro Waram, também foram registrados os principais problemas de sobrevivência enfrentados pelos ancestrais do povo Wari'desde os tempos imemorais. Além disso, foram levantados os problemas e as consequências do contato causado pela sociedade não indígena até os dias atuais. As principais referências desta pesquisa são as anciãs tradicionais que viveram e presenciaram, naquela época, em que os seus pais estavam vivos e foram contados pelos seus pais vários lendas e mitos que fizeram parte do histórico das origens do povo Wari' e durante estes períodos que aprofundaram o tema dessa pesquisa nos seus olhares como sabedores das suas histórias, também terão por base VILAÇA (2006) e LIMA DE SOUSA (2009). O método qualitativo da pesquisa de campo foi realizado no período de novembro de 2016 a novembro de 2018, com a participação de cinco professores indígenas que nos apoiaram durante a pesquisa de campo. Os resultados da pesquisa mostram a origem do Wari' do subgrupo Oro Waram, Oro Mon e Oro Waram Xiyein sendo importante na preservação da história dos Wari. Os conhecimentos tradicionais dos sabedores foram registrados nesta dissertação que esclarece o processo de origem e manutenção de ritos e valores culturais e morais do povo Wari'.

Palavras-Chave: Povo Wari'. Oro Waram. Origem. Sabedores tradicionais.

ABSTRACT

The present research work focused on the Village Lage Velho, Indigenous Land Igarapé Lage, located in the Municipality of Guajará-Mirim, Rondônia – Brasil. The research was carried out, based on reports and interviews with traditional men and traditional women of the Wari' People Oro Waram subgroups, were also recorded the main problems of survival faced by people's ancestors of the Wari' People for thousands of years. In addition, the problems andconsequences of the contact caused by non-indigenous societies up to the present day were raised. The main references of these researches are the traditional knowledge that lived and witnessed that time, historical events of the origins of their peoples during these periods that deepen the theme of this research in theirlooks like knowing their VILAÇA (2006) and LIMA DE SOUSA (2009). The qualitative method of the field research was carried out in the period of November of 2016 to 2017. With the participation of five indigenous teachers who supported us during field research. Search results of the research show that the origin of the Wari of the Oro Waram, Oro Mon and Oro Waram Xijein subgroups is very important in the preservation of the history of the Wari. The traditional knowledge of the learners was recorded in this dissertation that clarifies the Wari' People.

Palavras-Chave: Wari' People. Oro Waram. Memories. Origin. Tradicionals

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Família e sabedores indígenas.....12
Imagem 02: Teatro ‘’Um novo espaço Wari’.....29
Imagem 03: Paneiro / koko.....35
Imagem 04: Estudantes Wari’do subgrupo Oro Waram.....36
Imagem 05: Aluno demonstra como os pais dos Wari’ ficaram presos na caverna.....38
Imagem 06: Alunos apresentaram os Wari’, surpreendidos com novo espaço além da caverna.....39
Imagem 07: Rios principais na visão dos Wari..... 45
Imagem 08: Alunos Wari’ do subgrupo Oro Mon.....47
Imagem 09: Casa Tradicional antes do Contato (Trim pain kra pane).....48
Imagem 10: Livro sobre os povos Indígenas de Rondônia.....50
Imagem 11: Localização das Terras Indígenas do povo Wari’.....54
Imagem 12: Kawayinwa (festa).....62
Imagem 13: Tamra (festa) tradicional na aldeia Laje Velho.....63
Imagem 14: Hiroroin (flauta) acompanhada pela festa.....64
Imagem 15: Hitop (festa) acompanhada pela taboca no IFRO.....65
Imagem 16: Iyaya - festa especifica para mulheres - no IFRO.....66
Imagem 17: Wakam (Pedaço de madeira) tocado pelo sabedor.....67
Imagem 18: Trabalho sobre Wi (esteira) com os alunos.....82
Imagem 19: Três gerações dos Oro Waram: neto, avô e pai.....85
Imagem 20: Sabedor Awin Kamip Oro Waram com o pesquisador.....94
Imagem 21: Sabedor tradicional Yamain Oro Mon.....95
Imagem 22: Sabedora tradicional Tatoyi Oro Mon.....96
Imagem 23: Sabedora tradicional Tokot Oro Waram.....97
Imagem 24: Sabedora tradicional Hatem Oro Waram.....98
Imagem 25: Sabedor tradicional Mon Oro Mon.....99
Imagem 26: Alunos colaboradores da pesquisa.....100

LISTAS DE QUADROS, TABELAS E FIGURAS.

Figura 01 Localização das terras indígenas de Rondônia.....16
Quadro 01 Demonstrativo dos Lugares Tradicionais…….…….....…41
Quadro 02 Subgrupos Wari…….....42
Quadro 03 Nomes de Wari' derivados de animais ou futas.....……..……43
Quadro 04 Terras Indígenas e suas aldeias.....…….....51
Tabela 01 População dos Wari na Terra índigena Igarapé Laje.....55
Quadro 05 Subgrupos existentes na aldeia Laje Velho…….....55
Quadro 06 Sabedores tradicionais que estiveram no contato.....…….....58
Quadro 07 Missionários que participaram do contato com os Wari'.....……....58
Quadro 08 Materias usados para pintura dos Wari'.....……..….....60
Quadro 09 Algumas pinturas do Wari'com jenipapo.....……....…61
Quadro 10 Demonstrativo das festas tradicionais do povo Wari.....62
Quadro 11 Sabedores tradicionais da aldeia Lage Velho.....80
Quadro 12 Demonstrativo dos Professores indígenas e não indígenas.....90

ABREVIATURAS

AIKM- Associação Indígena Komi Memem.

CIMI – Conselho Indigenista Missionário.

CTL – Coordenador Técnico Local.

CRI/DPU - Certificado de Recebíveis Imobiliários / Departamento de Patrimõnio da União

DEINTER- Departamento de Educação Intercultural.

FUNAI - Fundação Nacional do Índio.

FUNASA - Fundação Nacional de Saúde.

IFRO – Instituto Federal de Rondônia.

KANINDÉ - Associação de Defesa Etnoambiental.

MEC – Ministério da Educação.

NEIRO- Núcleo de Educação Escolar Indígena de Rondônia.

MNTB – Missão Novas Tribos do Brasil.

MPF- Ministério Público Federal.

PEC - Proposta de Emenda a Constituição.

PPGG – Programa de Pós-Graduação em Geografia.

OW - Organização Oro Wari.

OPIRON- Organização dos Professores Indígenas de Rondônia e Noroeste de Mato Grosso.

RCNEI - Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.

REN – Representação de Ensino da SEDUC.

SEDUC/RO - Secretaria de Estado da Educação de Rondônia.

SPI - Serviço de Proteção ao Índio.

TI – Terra Indígena.

UNIR – Fundação Universidade Federal de Rondônia.

CRE – Coordenação Regional de Educação.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO……..…….....…12

1 INTRODUÇÃO E METODOLOGIA.....30

CAPÍTULO I
2 QUEM SÃO OS WARI'.....35
2.1 A Origem do Wari'…….....37
2.2 O espaço do povo Wari'....…….....39
2.3 Quem são os Oro Waram do povo Wari'e onde estão?.....40
2.4 Como surgiram os subgrupos Wari'…….....41
2.5 Origem e divisão dos grupos Wari'……...42
2.6 O retorno de Oropixi……..45

CAPÍTULO II
3 BREVE HISTÓRICO: MASSACRE DOS SUBGRUPOS ORO MON E A HISTÓRIA E MEMÓRIA DO CONTATO WARI'.....47
3.1 A História do povo Wari' contado pelos não indígenas.…….….....50
3.2 As histórias e memórias do contato Wari do'subgrupo Oro Waram, Oro Mon, Oro Waram Xiyein com o não indígena a partir das narrativas e experiências vivenciada por sabedores tradicionais…….....57
3.3 Festas tradicionais do povo Wari' subgrupos Oro Waram, Oro Mon e Oro Waram Xiyein.....59

CAPÍTULO III
4 SABERES, CONHECIMENTOS E CULTURA DO POVO ORO WARAM.....68
4.1 Mitos Wari'dos subgrupos Oro Waram, Oro Mon e Oro Waram Xiyein Wari'……...68
4.1.1 A Grande Alagação.....68
4.1.2 Um Wari' transformou-se em Orokot (O Fantasma).....70
4.1.3 O sapo e o pica – pau.....71
4.1.4 O homem tamanduá.....75
4.1.5 O fim da volta da morte.....77
4.1.6 O homem que quebrou o pênis.....79
4.2 Sabedores e sabedoras, cada memória uma história……..80
4.3 Organizações sociais antes do contato com o não indígena…….....81
4.4 Sabedores e conhecimentos tradicionais do Wari', subgrupo Oro Waram.....84
4.5 O subgrupo Oro Waram e sua relação ao meio ambiente.....87
4.6 Relatos dos sabedores tradicionais sobre contexto: aldeia, casas e invasão na Terra Indígena Igarapé Laje…….....88
4.6.1 Relato do sabedor indígena Awo Kamip Oro Waram.....88
4.6.2 Relato da sabedora indígena Tatoyi Oro Mon.....89

5 IMPRESSÕES DOS SABEDORES SOBRE A DISSERTAÇÃO.....94

CONSIDERAÇÕES FINAIS…….....101

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS…….……...…..103

APRESENTAÇÃO

Na língua Wari meu nome é Oro Wao'Xain Oro Waram, nasci na aldeia Laje Velho, registrado na língua Portuguesa como Francisco Oro Waram, do subgrupo Waram (macaco aranha) e falante de dois dialetos da língua Wari, o Oro Nao' e Oro Waram; sou o segundo filho do sabedor indígena Wan Hon Co Um' Oro Waram[1] com a sabedora Pakao Oro Nao' os quais registraram-me apenas com sobrenome do meu pai, pois os Wari são patrilineares[2] e a maioria dos subgrupos fazem desta maneira.

Naquela época, as certidões de nascimento eram feitas primeiramente pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), posteriormente pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e atualmente no Cartório de Registro de Pessoas Naturais de Guajará-Mirim. Wan Hon Co Um' era viúvo e já tinha dois filhos, José Oro Waram e Terezinha Oro Waram e, criaram ainda os dois filhos da minha mãe Pakao Oro Nao', que também era viúva, a saber: João Oro Nao' e Moam Oro Nao'.

Família e sabedores indígenas

IMAGEM 01: ORO WARAM, Pascoal. Moradores ORO WARAM: Francisco, Francélio, Hatem, Alzira, Ítalo, Yap. Moradores ORO MON: Itamar, Tatoyi, Francisca, Geizi e Mon. Lage Velho, Filmagem digital celular. Março de 2017.

[1] Indígena nascido na maloca as margens do rio Laje, e faleceu na aldeia de Laje Velho em 2012, participou na tese doutoral da pesquisadora Aparecida Vilaça, da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1987 como um de seus informantes na história do povo Wari, do subgrupo Oro Waram, tem uma foto dele no livro "Quem somos nós, os Wari' encontram os brancos" de 2006, p. 400, na aldeia de Rio Negro Ocaia.

[2] São os povos na qual os seus decendentes levam apenas o sobrenome de seu pai.

Os dois conheceram-se quando ele saiu da aldeia Laje Velho e foi para aldeia Pitop[3], território dos Oro Nao', os Nukun Wayam[4], os dois aproximaram-se e com três anos de convivência tiveram o primeiro filho e deram o nome de Oro Wao' Xain, mas infelizmente o primeiro filho quando tinha sete anos de idade não resistiu à doença, vindo a falecer.

Com a tristeza da perda de um filho, Pakao Oro Nao' chorava muito com saudade dele, e Wan Hon Co Um' resolveu levar toda família para Laje Velho deixando a aldeia Pitop. Com o passar tempo, Pakao engravidou novamente e depois de nove meses nasci. Fui colocado e deixado no 'paneiro' (*koko*) por mais ou menos três minutos.

Esse ritual de colocar recém-nascido no paneiro em nossa cultura do povo Wari'do subgrupo Oro Waram acreditavam que serviria para afastar qualquer tipo de doença ou mal *(Ka Katiwa*) na criança. Geralmente este ritual acontece somente com famílias que estão doentes e podem levam a óbito mais cedo, assim a mãe procurava a sabedora tradicional que compreende lhe dar este processo de conhecimento de colocar o recém-nascido no (koko) paneiro.

Todas as famílias que procuravam levar seus filhos nesse ritual tinham como esperança que eles crescessem saudáveis. Para os sabedores eles compreendiam a importância de conhecimentos adquiridos pelos honana (anciões), em relação o ritual de colocar crianças no paneiro e não praticar de acordo como faziam antes, as famílias que sofrem de óbito com as crianças hoje, os pais, avós e parentes, eles não tinham esperança de vê-la.

As famílias decidem antes do parto do próximo filho (a), não colocar o nome da criança e nem comprar vestuários e esperando a criança crescer um pouco e depois de todo este processo os pais assumem o compromisso de escolher o nome de seu filho e comprar vestuários que são necessários.

Muitas crianças que não foram colocadas no paneiro morreram e ficaram no imaginário do povo Oro Waram na qual elas ficaram desprotegidas por não passarem por esse ritual. Esse paneiro trazia fortalecimento para essas crianças crescerem, e tornarem grandes guerreiros a resistir a todas as situações. Nasci em 15 de abril de 1976, às 04horas da manhã, na aldeia Laje Velho, localizada em Guajará-Mirim, próximo à BR-425, trajeto até o município de Nova Mamoré, das adjacências fronteiriças intermunicipais e intraestaduais.

No meu caso, quando nasci, meus pais sabiam que naquele momento iria amanhecer e

[3] Pitop, primeira aldeia dos Oro Nao', fica próxima da aldeia Tanajura, aproximadamente 4 km, na Terra Indígena Pacaas Novas.

[4] Foram assim chamados os Oro Nao pelos demais Wari, pois foram eles os primeiros a serem contactados pelos agentes do Serviço de Proteção ao Índio-SPI em 1956 nas margens do rio Pacaás-Novos.

observavam a maior estrela que nasce na madrugada. Ela que nos orienta e mostra que já é madrugada (xek pin ta na'), então, minha mãe deu a luz a Oro Wao' Xain.

Em relação ao Povo Wari', podemos classificar segundo Vilaça (1996, p.43) em 08 subgrupos que são: Oro Waram, Oro Mon, Oro Waram Xiyein, Oro Nao', Oro At, Oro Eo', Oro Yowin[5] e Oro Kao' Oro Wayi.

Podemos demonstrar as orientações geográficas do povo Wari como os pontos cardeais na marcação das regiões, são estes os principais marcadores de tempo: a direção em que o sol nasce chamamos de "Iri kwrexi" (leste); a direção em que se põe chamamos de "Prayixi" (oeste); a direção norte chamamos de "Kimaxi"; e a direção sul chamamos de "Xonexi".

Com essas orientações geográficas, sabemos onde ficavam nossos territórios, conhecemos assim os lugares, espaços e demarcações de seus limites. Até hoje, esse conhecimento é utilizado pelos sabedores tradicionais, por tal motivo os anciões são convidados nas salas de aula para repassarem seus conhecimentos tradicionais e a importância geográfica para os alunos. Em relação à lua, o subgrupo Oro Waram, geralmente, observava a lua nova, pois era nesse período que indicava o plantio mais saudável para as germinações desenvolverem mais rápido.

Quando tinha aproximadamente quatro anos de idade, nasceu o terceiro filho dos meus pais, Raimundo Oro Waram, que infelizmente viveu tão pouco para tristeza da minha família. Sua vida foi ceifada aos três anos de idade pelo sarampo depois do pós-contato com os não indígenas. Lembro-me, como se fosse hoje, muitas crianças morriam antes mesmo de completar cinco anos de vida, era comum não resistirem às doenças dos pós-contato que assolavam as aldeias.

Quando completei sete anos de idade, tivemos que sair da aldeia Laje Velho e fomos para a aldeia Tanajura, devido a essas várias doenças herdadas pelo pós-contato que dizimou a maioria das crianças e anciões indígenas.

No ano de 1985, na aldeia Tanajura, comecei a estudar pela primeira vez em uma escola sendo alfabetizado na língua materna Wari pelo missionário Abílio Soares[6], da Missão Novas Tribos do Brasil-MNTB, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Indígena Marechal Rondon. Nessa escola tive o meu primeiro contato com as cartilhas de alfabetização

[5] Na tese Doutoral de Aparecida Vilaça 1996, aparece a palavra Oro Jowim, mas em 2000, Professores, lideranças e sabedores tradicionais do povo Wari, juntamente com a professora Ruth Maria F. Monserrat e Emília Altini (2015, p.2) modificaram a letra /c/ passou para a letra /k/ e a letra /j/ passou para a letra /y/. Assim a palavra Oro Jowin, passou a ser escrita Oro Yowin.

[6] Atuou como professor voluntário sem receber salário do poder público, ficou por 25 anos com os indígenas Wari.

na escrita do dialeto dos Oro Nao'.

A cartilha de alfabetização era elaborada pelos missionários da Missões Novas Tribos do Brasil a qual era embasada no dialeto Oro Nao', pois este dialeto serviu de referência para a elaboração do material didático de alfabetização porque foram os primeiros grupos a estabelecerem contatos com os não-indígenas, segundo as informações coletadas pelo sabedor Awo Kamip Oro Waram.

Em 1984, os meus pais mudaram-se para terra indígena de Rio Negro Ocaia, na viagem eles enfrentaram o rio Pacaás Novos passando quatro dias percorrendo da aldeia de Tanajura até chegar Rio Negro Ocaia, enfrentamos perigos ao dormir nas margens da praia ou no barranco alto e muitas das vezes, chorava com medo das onças e serpentes.

Nesse período os Wari' não tinham ainda motor de popa ou rabeta, apenas existia um motor de combustível a dizel com dezoito HP que atendia os Wari' em forma coletiva na venda de produtos agrícolas na cidade que era administrado pelo chefe da FUNAI.

Os Wari'começaram a comprar seus motores particular a partir do no ano de 1996 até os dias atuais, não dependiam do motor comunitário da FUNAI, todos Wari' assumiram responsabilidade na compra de seus motores para atenderem suas embarcações.

Em 1987 inicei meus estudo novamente, na qual terminei os seguintes anos 1ª ao 4° ano do Ensino Fundamental na Escola Estadual Indígena Posidônio Bastos no Rio Negro Ocaia e retornei a Aldeia Tanajura para continuar meus estudos. Nesta aldeia, residia a professora Seila Soeiro de Melo[7], que era responsável pelo curso de suplência de 5ª a 8° série do Ensino Fundamental. Foi muito difícil para minha família continuar a morar na Aldeia Rio Negro Ocaia, pois devido a esse fato fiquei distante dos meus familiares.

Logo após a conclusão do Ensino Fundamental em nível de supletivo fui aprovado pelo Centro de Estudos Supletivo Dr. Cláudio Fialho na sede de Guajará-Mirim. Na época, a professora Seila Soeiro de Melo era responsável pelo supletivo nas áreas indígenas do Pacaás Novos que incluía parte da região das margens dos rios Mamoré e Guaporé e, nas aldeias indígenas das áreas terrestres de Guajará-Mirim.

[7] Professora do ex-Território Federal de Rondônia-SEDUC, lecionou por 40 anos na alfabetização e supletivo com o povo Wari, atualmente está aposentada e reside em Manaus-Amazonas.

O material didático utilizado por ela para ensinar era o chamado ‘’módulos’’ (conteúdos), disponíveis para esse tipo de instrução, ou seja, levávamos os mesmos e estudávamos em casa, sem nenhuma orientação pedagógica. Esses módulos com conteúdos e conhecimentos não faziam parte do nosso contexto de linguagem, desvinculado de toda nossa realidade. A professora visitava as escolas indígenas das aldeias duas vezes por mês, com objetivo de apenas aplicar as provas.

Muitas vezes, faltava combustível para a realização desses trabalhos o que impedia e dificultava a locomoção da professora até a aldeia, o que prejudicava o ensino nesta, pois tínhamos interesse de concluir logo os módulos para dar continuidade aos demais.

Foi neste formato de ensino que concluí o Ensino Fundamental, com todas essas dificuldades e poucas orientações. O material didático apresentado era em uma linguagem na qual tínhamos e temos ainda certas dificuldades, por eese motivo, muitas vezes, tínhamos problemas na compreensão e interpretação correta e mais completa das palavras, frases e significados.

Localização das terras indígenas de Rondônia

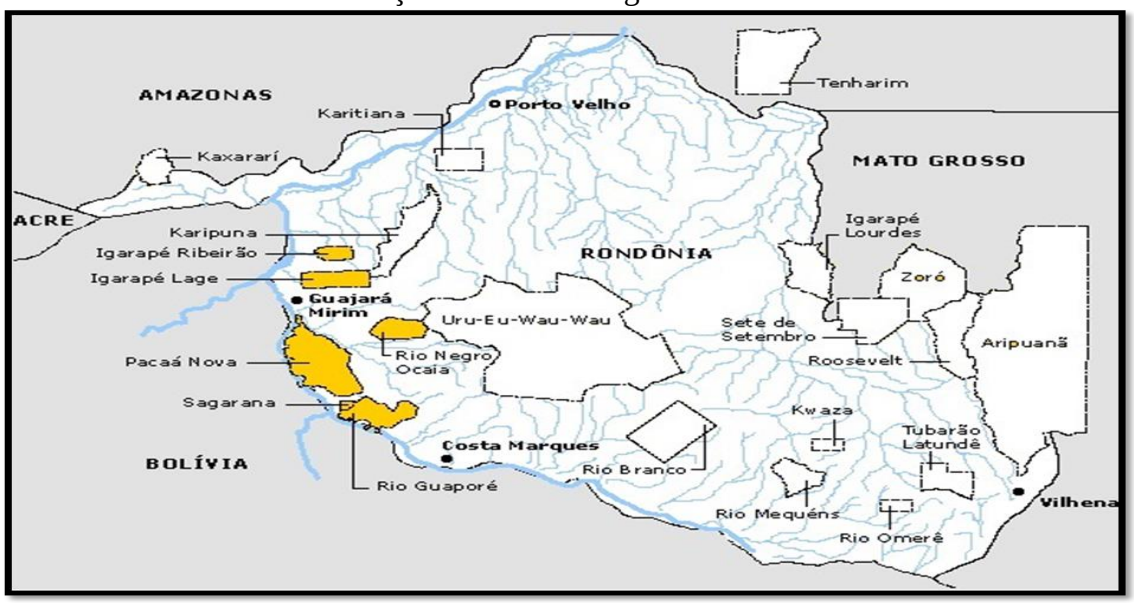

FIGURA 01: Centro de Estudos em Saúde do Índio de Rondônia – CESIR, 2010.

Este mapa aponta as três terras indígenas na qual percorri com os meus pais, que foram: Igarapé Laje, Pacaás Novos e Rio Negro Ocaia, todas no município de Guajará-Mirim.

No final de 1993, fui para a cidade de Guajará-Mirim, na qual busquei estudar na escola dos não indígenas. Nessa época, encontrava-me em um momento difícil, pois era algo novo e diferente, sair da aldeia e estudar na cidade. Pensava que deveria mudar completamente minha rotina, estilo de vida tão diferente vivida com meu povo, afinal, deveria

acostumar-me para dar continuidade aos meus estudos. Essa era a única alternativa, pois a vontade e o compromisso com meu povo era maior, precisava concluir o Ensino Médio e ajudar a minha aldeia e dos meus congêneres.

Outros indígenas já tinham desistido dos estudos, então encarei como um desafio, uma luta ideológica que teria que ganhar e levar para a aldeia, com isso abrir futuramente incentivos para os jovens de meu povo.

Na escola indígena, na época, não havia oferta do ensino médio, atualmente é oferecido apenas na aldeia de Tanajura, no Projeto da Mediação Tecnológica. Os professores, lideranças e caciques lutam e reivindicam diariamente por essa modalidade nas comunidades indígenas que ainda não foram contempladas com o Ensino Médio em Guajará-Mirim e Nova Mamoré, isto é, a abrangência da unidade administrativa da Secretaria de Estado de Educação de Rondônia (SEDUC-RO) e Coordenação Regional de Educação (CRE).

Recém-chegado na cidade, enfrentei problemas em relação ao alojamento, afinal quem iria hospedar um indígena em sua casa, quando ainda há preconceito por parte de muitos, apesar de termos uma bolsa para que pudéssemos custear e manter a hospedagem e alimentação na cidade.

Ao saber da minha situação na cidade de Guajará-Mirim, Dídimo Graciliano de Oliveira que naquela época era o Coordenador Regional de Guajará-Mirim da unidade administrativa da FUNAI no mesmo município, ofereceu-me apoio e orientou-me para que fizesse o teste seletivo para a Escola Agrotécnica Estadual Silvio Gonçalves de Farias no município de Ji-Paraná, nesta escola funcionava no modelo de internato, visto que ofereciam alojamento aos alunos oriundos de outros municípios, assim não teria que me preocupar com a questão da estadia e alimentação.

Esse curso seria uma ótima oportunidade para fazer o ensino médio, preparei-me e fiz o processo seletivo para ingressar na Escola Agrotécnica, mas havia apenas cinquenta vagas. Mesmo diante do número reduzido de vagas, encorajei-me e fiz o teste, concorri com os estudantes não indígenas e achei que não iria ser aprovado, mas veio o resultado e consegui o 12º lugar na lista dos classificados.

No momento que recebi a informação de que havia sido selecionado, senti uma alegria imensa, afinal iria poder dar continuidade aos meus estudos. Esse curso demorou três anos, formei-me assim, em técnico agropecuário em nível médio.

Em 1994, a Coordenação da FUNAI comprou-me ferramentas de trabalho manual como enxadas, foices, lima e vestimentas para levar a Ji-Paraná, pois o curso exigia tais ferramentas para usá-las nas aulas práticas de campo. A equipe responsável do Setor da

Educação Indígena da FUNAI levou-me até aquele município, ao chegar lá, o diretor da Escola Agrotécnica, Nelson Scuder o, recebeu-nos educadamente e disponibilizou quartos para nos alojarmos durante todo o curso na escola.

No primeiro dia de aula, todos os alunos tiveram que se apresentar, falar de qual região pertencia, município e suas expectativas no curso. Lembro-me, como se fosse hoje, estava sentado na primeira fila e seria a sétima pessoa a apresentar-se. Posicionei-me e falei que era da região de Guajará-Mirim, indígena do povo Oro Waram, que estava na escola para estudar e depois de formado ajudaria o povo da minha aldeia.

Nesse dia, fiquei tímido porque estava num espaço em que a maioria não era indígena, com costumes diferentes do meu povo e principalmente da minha cultura. Não estava preparado para isso, e nem, para muita formalidade.

Na elaboração de textos e redações, pensei que os alunos não iriam apresentar tantas dificuldades na escrita da língua portuguesa, pois diferente de mim, eram falantes dessa língua, portanto não deveriam apresentar tantas dificuldades, afinal, naquela sala de aula havia somente eu de indígena, ou seja, era o único. No entanto, percebi que quase todos apresentavam dificuldades que se assemelhavam as minhas.

As aulas de inglês eram o meu desafio, nunca havia estudado esse idioma, bastava a língua portuguesa com suas regras. Todos ficavam calados, mudos e acompanhavam a fala do professor.

As aulas de química e física eram as mais difíceis, pois havia muitos cálculos e a tabela periódica parecia um verdadeiro embaraço, não via sentido naquilo. Mais adiante no curso, começaram a surgir às dificuldades nas disciplinas técnicas.

No primeiro ano houve catorze disciplinas, fiquei para recuperação em cinco, porém recuperei a nota e fiz todas as avaliações. No segundo ano fiz recuperação em três disciplinas e no terceiro ano somente na disciplina de Matemática. Lembro-me que no último ano, não consegui a média, fiquei para recuperação com mais dezessete colegas em Matemática, mas reverti a situação e fui aprovado.

As minhas maiores dificuldades em estudar na escola não indígena eram nas apresentações dos trabalhos individuais na língua portuguesa, já que não a domino e também não a utilizo na comunicação do dia- a- dia.

A maioria dos professores passavam muitas atividades para serem feitas nos cadernos e também trabalhos em grupo, o que dificultava desenvolver e conciliar com outras atividades e responsabilidades, as quais nos eram atribuídas durante o curso. Tínhamos que lavar nossas roupas, fazer higienização dos quartos e cuidar dos animais, entre outras atribuições.

Mesmo diante de todas essas dificuldades das quais passava na escola da cidade, havia momentos de trocas interculturais durante alguns eventos e no dia- a- dia do curso, muitas vezes, era convidado a organizar e fazer demonstrações de como ocorria à festa tradicional do meu povo juntamente com os colegas não indígenas e apresentamos a festa Hitop no festival de música realizada pela Prefeitura Municipal no local exportiva Gerivaldão.

Nesses momentos, não era uma simples socialização, pois todos me ouviam atentamente e passava a ter voz ativa nesses eventos, o que representava uma aproximação com os não indigenas, sentia que estava conquistando um espaço para meu povo entre eles. Percebia que todos possuíam muitas curiosidades em saber como somos e de onde viemos. Enfim, curiosidade em conhecer o outro e aproximar-se deste, o que favoreceu o um diálogo intercultural.

No ano de 1996, conclui o curso técnico em agropecuária e voltei para aldeia na Terra Indígena do Rio Negro Ocaia. No ano seguinte, em 1997 recebi um convite da Coordenação da FUNAI de Guajará-Mirim para dar continuidade aos meus estudos, mas agora em nível superior para cursar Licenciatura Plena em Pedagogia, na Universidade Federal de Rondônia - UNIR, *Campus* de Guajará-Mirim.

O Setor da Educação Escolar da FUNAI fez minha matricula para esse curso, fiquei feliz, agora iria fazer um curso superior mesmo não sendo diferenciado, no entanto, não imaginava que iria passar novamente por tantas dificuldades. O administrador deste setor havia informado que para cada curso oferecido pela Universidade Federal de Rondônia-UNIR, uma vaga era destinada aos indígenas, essa era a política de reserva de cotas que existia na universidade naquela época, a garantia assim, vagas para estudantes indígenas, apesar de não existir na instituição cursos específicos para o magistério indígena.

Durante os dois primeiros períodos do curso de Pedagogia, recebi em mãos o valor de R$ 500,00, porém era a FUNAI que controlava esse valor, com muita dificuldade pagava o aluguel, que sempre ficava preste a vencer, comprava materiais e ainda custeava os valores de impressões e cópias dos materiais da Universidade que eram necessários.

No caso do dinheiro, a FUNAI na época recebia o recurso do Ministério da Educação - MEC, e assumia o compromisso com os alunos universitários indígenas que recebiam o auxílio financeiro para custear a alimentação, transporte, moradia e material didático para se manterem no curso de graduação.

O responsável que era encarregado pelo controle do dinheiro era a Coordenação da Educação Indígena, a qual pertencia ao setor financeiro da FUNAI. O dinheiro era depositado na conta da Coordenação e os bolsistas não tinham informações se o valor vinha mensalmente

ou por ano.

Na época, o valor era insuficiente para manter os gastos como aluguel, alimentação e compra de materiais escolares, portanto era impossível algum acadêmico indígena que vivia fora de sua aldeia e com responsabilidade, custear esses gastos da faculdade e manter-se no curso com uma bolsa nesse valor.

Ao ser questionado, o Setor financeiro da FUNAI não esclarecia o motivo desse valor e dos constantes atrasos no pagamento do benefício, uma vez que, essa bolsa era destinada para que pudéssemos permanecer no curso. Por fim, foi muito difícil continuar na cidade nessas condições, pois a única fonte de renda era essa, minha família estava toda na aldeia, não havia como me ajudarem, e o não recebimento da mesma fez com que eu desistisse do curso no ano de 1997.

Na minha visão, as cotas para estudantes indígenas, um programa do MEC, é de fundamental importância, pois apoia os estudantes a ingressar em um curso de graduação. Essa política educacional, que garante à população indígena o direito fundamental a Educação Básica completa e a Educação Superior, acredito que garante também para as ações conjuntas e valorização da diversidade étnica e cultural dos povos indígenas no Brasil.

No ano de 1998, foi lançado um edital de seleção para contratação de professores emergenciais na Prefeitura de Guajará-Mirim, para lecionar na escola da aldeia, fui aprovado e em seguida contratado como professor emergencial rural na Escola Tenente Lira, na qual trabalhei com os alunos da 4° série na Aldeia Laje Novo por um período de dois anos. Depois desse período fiquei sem contrato durante um ano.

Neste mesmo ano, fiz um curso de capacitação de magistério para professores rurais oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação de Guajará-Mirim. Uma capacitação que teve uma duração de cinco dias, no período de 16 a 20 de fevereiro de 1998.

No final do mesmo ano, exatamente em novembro, ocorreu o primeiro curso voltado para a formação em Nível Médio para o Magistério Indígena – Séries iniciais, conhecido como Projeto do Magistério Indígena, Açaí I, oferecido pela Secretaria Estadual de Educação do Estado de Rondônia - SEDUC, voltado para atender as demandas das escolas indígenas do estado, com direito a prosseguimento de estudos. Esse curso foi fruto de muitas lutas de professores indígenas, movimentos indígenas, lideranças, sabedores tradicionais de Rondônia e noroeste de Mato Grosso. Podemos ver da seguinte forma o Projeto Açaí:

> O Projeto Açai, portanto, não se tornou apenas um espaço de formação de professores indígenas, mas de manifestações sobre a questão indígena em geral-cultura, tradições, demarcação de terras, relações entre índios e não índios, garimpo, atividades agropastoris em terras de reserva, invasões, violência etc-além, evidentemente, dos problemas das escolas das aldeias, desde as práticas pedagógicas

> até o material didático e as relações com as comunidades. VENERE (2018, p.118, 119)

Ao analisar esse texto de Venere pode-se afirmar que o Projeto Açaí I não foi apenas um curso de formação dos professores indígenas foi também um espaço de estudos da cultura indígena ao todo, suas ânsias, medos, oportunidades e desafios na socieda na qual está inserida. Os professores indígenas viram neste projeto reflexões sobre os desafios inerentes à construção de uma gestão da educação escolar idígena que garanta as suas especificidades, qualidade e o respeito a legislação educacional brasileira.

No ano seguinte, em 1999, ocorreram alguns problemas financeiros na Secretaria de Educação de Rondônia, direcionados a Educação Indígena Escolar, devido à falta de verba não ocorreu à almejada formação de professores do projeto Açaí I, voltou somente dois anos depois em 2000, ano em que o estado de Rondônia responsabilizou-se pela Educação Indígena e retomou o projeto que teve duração de quatro anos, finalizou no ano 2004 e foram divididos em dez etapas.

Pouco tempo depois, fui contratado como professor emergencial indígena pela Secretaria Estadual de Educação de Rondônia-SEDUC, para a qual, atualmente trabalho como professor efetivo.

Durante Projeto Açaí I, financiado pela SEDUC, adquiri conhecimentos relevantes para minha formação enquanto professor indígena, com uma visão diferente, já que é um curso específico para os povos indígenas originários. Neste projeto, fui incentivado a agir como protagonista, defender meu povo e preservar a minha língua materna, direitos esses assegurado no artigo 231 da Constituição Federal de 1988 e proposto pela Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho e das leis no âmbito da União e dos Estados para a Educação Escolar Indígena.

O projeto educacional Açaí I promoveu o primeiro contato da maioria dos professores indígenas de Rondônia, com uma formação voltada exclusivamente para as especificidades da Educação Escolar Indígena, sobre o que temos de direitos nessa área, atentos ao modo de ensinar e aprender, com respeito as características culturais e linguísticas de cada povo indígena.

As experiências no Açaí I acrescentaram meus conhecimentos e saberes relacionado ao contexto das escolas e as necessidades de nossa comunidade indígena, mostraram como fazer um planejamento escolar e prever os conteúdos de todos os componentes curriculares. No início desse projeto, imaginava um curso voltado a recurso financeiro, no qual não seria tão específico à Educação Escolar Indígena, então, comecei a perceber que era o primeiro

curso que retratava de fato as necessidades escolares indígenas e preparava os professores para atuar na escola de cada povo.

Nesse período, conheci vários professores da Universidade Federal de Rondônia, dentre eles o Pós-Doutor Celso Ferrarezi Júnior e a Pós-Doutora Catherine Bárbara Kempf que nos deixou um legado na preservação da cultura indígena.

O professor nos ensinou que devemos manter viva a nossa identidade como povo Wari, não podemos esquecer-nos de nossas raízes, segundo o Professor Celso, se nós fóssemos em um restaurante e se não conseguissemos comer com talheres, poderíamos com nossas mãos pegar o alimento como é de costume do povo Wari.

Também, o próprio professor Celso Ferrarezi Júnior incentivou-nos de que devemos evitar os empréstimos línguísticos da Língua Portuguesa, como por exemplo, a palavra açúcar, os anciões indígenas falam "açucar" mas podemos substituir pela palavra "tawi"que significa mel, devido ser doce nós também poderíamos designar o açúcar de "tawi".

Para ensinar na escola precisamos de um planejamento estruturado, bem como prevendo os seus reais objetivos gerais e específicos. Nessa época, aprendi a fazer os planejamentos de aula durante o curso, a elaboração de um projeto para Educação Escolar Indígena a partir de suas necessidades.

Isso foi de fundamental importância, pois comecei a entender que a escola vai além do espaço físico, desse formato do qual apresenta, que pode ter uma estrutura própria e independente e, principalmente, a ser construída por nós, professores indígenas, lideranças, sabedores e comunidade, uma escola na qual reflita os próprios anseios.

Este projeto convidava indígenas de outros estados para contribuírem na formação e nas experiências dos professores, levando em conta que tinham experiências com a educação indígena, como Gerson dos Santos Luciano Baniwa, Francisca Novantino Paresi de Ângelo, mestre em Educação no Mato Grosso. Logo entendemos que se eles construíram uma “base” curricular nós também somos capazes de construir nosso projeto de educação.

Devemos ter por objetivo, resgatar a nossa cultura e para isso precisamos de um projeto para construir nossas escolas e através dele elaborar o Projeto Político Pedagógico-PPP da escola indígena, de como desenvolver e modificar o PPP, a carga horária, fazer nosso calendário específico e assim por diante. Nos outros cursos não havia uma aproximação com a realidade da escola indígena, o que dificultava o diálogo com os professores.

O Governo Estadual de Rondônia tem dado maior oportunidade para a contratação de novos professores para trabalhar com a Educação Escolar Indígena, de modo que, ganhamos assim, espaço e adquirimos conhecimento. Os professores indígenas desenvolvem pesquisas

junto a suas comunidades mediante a realidade do seu povo. Assim temos uma abertura para discutir, abertamente, sobre as demandas e necessidades das nossas escolas.

A Educação Escolar Indígena de Rondônia tem ganhado espaço e a garantia do ensino ser ministrado pelos próprios professores indígenas, porém ainda, há vários problemas em relação aos materiais didáticos, questão da estrutura física das escolas nas aldeias, falta de equipamentos e manutenção, falta de incentivo para a produção de materiais específicos, produzidos na língua e outros.

Os professores estão sendo formados, porém o estado tem que proporcionar condições, para que esses professores formados na UNIR possam desenvolver seu trabalho na escola, e deve ser considerado as demandas de acordo com a realidade de cada comunidade indígena do Estado.

Nesse projeto mencionado, podemos trocar várias experiências enquanto professor indígena, ou seja, compartilhar as dificuldades e as conquistas na escola indígena, as limitações em relação ao material didático específico que atenda aos anseios de cada comunidade, a falta de projetos para nossa escola diferenciada e intercultural a qual se constitui ainda um desafio para nós, professores indígenas, que devemos construir juntamente com cada comunidade.

Conforme afirma VERENE (2019, p.129) a importância do Projeto Açai para a organização curricular em Rondônia como na elaboração dos planos de aulas ‘’[...]. Nota-se que os planos de aulas foram elaborados coletivamentes, isto é, com participação de todos os professores indígenas da mesma etnia, e com ênfase nos contéudos relacionados ao cotidiano de suas comunidades. ’’

Assim, são de necessária importância a troca de saberes e conhecimentos da cultura indígena, além das inúmeras discussões em relação à elaboração e planejamento docente dos planos de ensino específicos e diferenciados, de acordo com a realidade de cada comunidade.

Em 2000, fui chamado para ministrar aulas de 5ª ao 8º ano como professor emergencial na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental Marechal Rondon na Aldeia Tanajura. Depois em 2003 fui transferido para ministrar aulas nas séries iniciais na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental Nawakan Oro Waram Xiyein, na Linha Dez, quando a professora Eva[8] Canoé era Coordenadora da Educação Escolar Indígena na SEDUC.

Em 2004, fui transferido para a Escola Indígena Estadual Ensino Fundamental

[8] Eva Canoe é uma professora indígena concursada pela Prefeitura Municipal, e foi a primeira indígena a ocupar o cargo de chefe da Educação Escolar Indígena na SEDUC/Guajará-Mirim.

Tenente Lira[9], em Laje Novo, já em 2005 fui transferido novamente para a Escola Indígena Estadual Ensino Fundamental Dídimo Graciliano de Oliveira, na Aldeia ‘’Graças a Deus’’.

Em 2006, fui transferido da Escola Estadual Dídimo Graciliano de Oliveira[10], da Aldeia ‘’Graças a Deus’’ para Laje Velho, e, em 2008 recebi um convite para trabalhar no Setor da Educação Escolar Indígena como executor indígena, com o intuito de acompanhar a gestão de trabalho do Governo do Estado de Rondonia, no que diz respeito aos assuntos da Educação Escolar Indígena.

No decorrer de 2006, participei como membro indígena para elaboração de um projeto de Lei que cria o quadro do Magistério Indígena do Estado de Rondônia, a qual as carreiras e o ingresso no cargo de professor indígena, mediante a aprovação em concurso público de provas de conteúdo específico, além da carreira de Técnico Administrativo Educacional Nível 1 e Técnico Administrativo Educacional Nível 3.

Em 2010, fui escolhido, pelos professores indígenas, como executor indígena para acompanhar os trabalhos pedagógicos da educação escolar indígena na Secretaria Estadual de Rondônia, em Porto-Velho. Uma experiência que favoreceu meus conhecimentos e aprendizados, pois tive contato com outros indígeanas e lideranças; pude assim, trabalhar no poder público em favor da Educação Escolar Indígena possibilitando nosso protagonismo na Educação Escolar.

O projeto do Concurso Público do Magistério Indígena foi discutido durante cinco anos, com representantes dos professores, lideranças, caquiques, Organização dos Professores Indígenas de Rondônia e Noroeste de Mato Grosso-OPIRON, Conselho Indígenista Missionário- CIMI, Núcleo de Educação Escolar Indígena de Rondônia- NEIRO, Fundação Nacional do Índio - FUNAI, Ministério Público Federal-MPF e sabedores tradicionais de cada povo, sendo aprovado:

> Dispõe sobre a criação do Quadro de Magistério Público Indígena do Estado de Rondônia, da carreira de Professor Indígena e da carreira de Técnico Administrativo Educacional Nível 1 e Técnico Administrativo Educacional Nível 3, na forma que indica. Lei Complementar nº 578, de 1º de junho de 2010. DOE nº 1502, de 2 de junho de 2010.

Para cumprir a lei o Estado de Rondônia e juntamente com a Secretária de Estado da Educação, realizou o primeiro concurso específico e diferenciado em 2014, sendo um fruto de trabalho árduo dos povos originários que pressionaram os deputados estaduais é também um resultado de esforço, conquista de todos os professores indígenas, lideranças e sabedores

[9] Foi em homenagem ao coronel do Exército de Guajará- Mirim, que auxiliava a administração Regional da FUNAI naquele período.
[10] Foi em homenagem ao Administrador Regional da Fundação Nacional do Índio em Guajará-Mirim.

tradicionais.

Em relação ao formato da escola indígena para o futuro das crianças do subgrupo Oro Waram, tem o papel fundamental para que os alunos que comecem a estudar e conheçam os seus direitos e deveres garantidos pela Constituição de 1988.

Endendo que nossas crianças Oro Waram, cada vez estão ampliando seus conhecimentos na escola, estudando e observando dois territórios diferentes e sabem lhe dar com isso para não prejudicar alunos no seu futuro e a escola sempre trabalham com esses dois lados diferentes, não podemos separar a sociedade indígena dos não indígenas, porque estamos enserida dentro dele. Na escola indígena, os professores e lideranças estão trabalhando em coletivas os principais valores das nossas identidades e principalmenete os territórios originários para defender o nosso povo.

Assim, os alunos nas aldeias valorizarão suas identidades culturais, devem saber também a importância da Língua Portuguesa, para a comunicação com o não indígena, como afirma o Referencial Curricular Nacional da Educação Indígena-RCNEI (2005, p.121): "Aprender e saber usar a Língua Portuguesa na escola é um dos meios de que as sociedades indígenas dispõem para interpretar e compreender as bases legais que orientam a vida no país".

É por isso que precisamos dessas oportunidades mais claras para expressar melhor nossas intenções, pontos de vista, argumento, dúvidas e sentimentos. Diante disso, a função da escola é desenvolver nos alunos a competência e os estímulos necessários para que eles possam entender e falar sobre novos conhecimentos do sistema da Educação Escolar Indígena.

Em relação à educação do povo Oro Waram, significa um exemplo de conquista de espaço, de assumir a grande responsabilidade de lecionar. O espaço escolar, para os alunos ali presentes, torna-se um ambiente agradável quando o professor fala a mesma língua, facilitando assim as atividades escolares e ao mesmo tempo o educador assume o papel de professor bilíngue. No meu caso, como professor há mais de 15 anos nas salas de aulas, conheço alunos com seu próprio modo de falar a língua portuguesa, como afirma o RCNEI:

> [...]. Esses modos de falar o português têm, quase sempre, marcas muito específicas da língua de origem do povo em questão: no vocabulário, na gramática, na pronúncia. Esses modos de expressão devem ser respeitados na escola e fora dela. [...]. (RCNEI ,2005, p.123).

É importante lembrar que, antes do contato com a sociedade não indígena, as etnias do povo Wari não precisavam aproximar-se e caminhar juntos. Nos dias atuais a nossa visão como indígena é que podemos ingressar na política pública para discutir o futuro do nosso

país e defender também os nossos direitos na legislação brasileira, no que diz respeito ao reconhecimento e garantia de uma educação escolar diferenciada.

Não podemos considerar, somente por sermos Wari' que vamos ter todo tipo de direitos, pois sabemos que todos os povos da humanidade têm seus direitos e deveres conquistados, devemos saber respeitar os direitos dos outros povos indígenas e não indígenas, como nos assegura a Constituição Federal, (2018, p.174), na qual nos proporciona o direito de orgnização social, preservação de nossos costumes, línguas, crenças, tradições e nossas terras bem como proteger e respeitar os nossos bens.

Sabemos que existem várias consequências que enfrentamos até hoje nas sociedades dos "brancos"[11] e em diversos espaços culturais. Com isso não podemos nos esquecer das nossas identidades e precisamos manter viva e levar adiante para a escola, onde os alunos possam reconhecer a importância cultural.

Foi a partir do projeto Açaí que a Universidade Federal de Rondônia - Campus de Ji-Paraná, juntamente com os professores indígenas e especialistas na Educação Indígena que já tiveram experências nos outros estados do país que elaboraram o Departamento de Educação Intercultural - DEINTER, que é um projeto maior e mais amplo, o qual foca em todas as áreas de pesquisas, dentre elas: Gestão Escolar, Ciências da Natureza, Ciências da Linguagem, inclusive com a participação dos sabedores indígena na escola, o que possibilita, assim, que os professores fizessem uma graduação específica na Educação Escolar Indígena.

Em 2009, prestei o vestibular para ingressar na UNIR na primeira turma do curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, no qual fui aprovado e iniciei meus estudos no Campus de Ji-Paraná.

O sentimento era de uma nova caminhada na etapa de estudos. Estava novamente na universidade, desta vez no curso de Educação Básica Intercultural-Gestão Escolar. Achei que iria ser fácil, porém teria que deixar a minha família na aldeia e viajar para estudar durante dois meses em Ji-Paraná, tinha que fazer um trajeto de 15 horas em cada viagem, e enfrentava os perigos da BR 425 e 364, no entanto superei e terminei o curso em 2015. As professoras doutoras que apoiam atualmente o curso do Intercultural em Ji-Paraná são Edineia Aparecida Isidoro e Josélia Gomes Neves.

Nossas lideranças, juntamente com os professores e especialista na Educação Escolar Indígena decidiram escolher o município de Ji-Paraná, por este localiza-se no centro do Estado, de modo que possibilita assim a locomoção de indígenas de várias partes de Rondônia

[11] É assim que chamam os sabedores tradicionais aos não indígenas.

para estudar neste curso.

No mesmo município foi proposto e construído uma casa de apoio indígena para os estudantes do Intercultural se alojar, no entanto, porém houve um desentendimento entre a Prefeitura de Ji-Paraná e Universidade Federal de Rondônia, sobre a responsabilidade do prédio, o que causou várias polêmicas, sendo que a Prefeitura Municipal está atualmente na administração desse prédio.

Já nas primeiras aulas, observei que as disciplinas falavam do contexto escolar indígena, o que já havia estudado em outras formações de professores e esses conhecimentos facilitaram a minha compreensão dos conteúdos. Estar na Universidade, ajudou-me a entender que as culturas indígenas são muito relevantes.

No momento atual aprendi que a ideia não é resgatar práticas culturais, e sim, ir além de um conhecimento científico, sendo a escola uma dessas ferramentas de superação dos povos indígenas que se constitui depois de anos de opressão social.

Podemos ter a certeza de que essa é uma conquista dos povos originários, na qual houve o reconhecimento a partir da aprovação de um curso de formação docente em Nível Superior. Esse curso de Licenciatura Intercultural voltado especificamente aos docentes indígenas, atuantes nas escolas de sua comunidade, resume em um fruto de muitos esforços e lutas diárias de todo o movimento de professores e lideranças do estado de Rondônia e noroeste de Mato Grosso.

Em 2016, elaborei um projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia-UNIR, o qual foi aprovado com título "Conflitos sociais e territoriais na Terra Indígena Igarapé Laje" (Ka' mana Krakan pin xine makan, pain makraxi Komi Memem). Dando continuidade a leituras sobre o tema, modifiquei para o nome da atual dissertação que é "Memórias e Saberes do povo Oro Waram" (Ka Piyim na het xine, ka' peho nain winaxi.)

Durante dois anos de estudos cursando o Mestrado na área de Geografia, não foi fácil, pois recentemente havia perdido de forma trágica um dos meus filhos que sempre me incentivou nos estudos, mesmo assim enfrentei a dor da perda.

Quando fiz o projeto para este curso, o orientador desta dissertação era o Dr. Adnilson de Almeida Silva, pois ele pesquisa sobre assuntos relacionados a questão do povo indígena dentro deste Programa, mas devido ele estar com vários orientandos, me encaminharam para o Dr. Josué da Costa Silva, atual orientador dessa dissertação.

Dentre as dificuldades, das quais enfrentei, foi à falta de internet na aldeia para o acompanhamento das atividades oferecidas pelo Programa do Mestrado e também a

disponibilidade da SEDUC em ajudar-me. Depois de algumas reuniões, as lideranças indígenas da aldeia resolveram apoiar-me e deixaram-me assumir o compromisso de estudar, com a ajuda dos colegas não indígenas e principalmente do professor Dr. Josué da Costa Silva, que sempre me incentivou dando força, vontade de estudar e terminar este curso.

Como universitário do povo Oro Waram, contribuí bastante no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia. Nas disciplinas estudadas com os professors, consegui ser aprovado em todas, e também os estudos das obras científicas do Dr. Adnilson de Almeida Silva e Dr. Josué da Costa Silva que me ajudou a ampliar meus conhecimentos.

Durante dois anos no Mestrado em Geografia, estudei as disciplinas contempladas na linha de pesquisa do curso na qual fui inserido, e aprovado nas seguintes disciplinas: Epistemologia da Geografia; Populações Amazônicas e sustentabilidades; Planejamento e gestão do território; Ecologia Humana da Amazônia e Fronteira, territórios, territorialidade e redes.

Em relação à importância do Mestrado em Geografia, foi um avanço de conhecimento científico dos "brancos" que me levou a estudar alguns cientistas brasileiros e de outros países. Admiro bastante os trabalhos de alguns pesquisadores que trabalham diretamente com alguns povos indígenas e consegue atingir a sua linha de pesquisa, como o caso do professor Dr. Adnilson Almeida Silva, algumas de suas pesquisas foram trabalhadas com povos indígenas do Estado de Rondônia e defende a questão indígena dentro do Programa do Mestrado.

Este projeto sobre o povo Oro Waram, juntamente com o de outro de Cacoal, Gasodá Suruí, foram os primeiros escritos por alunos indígenas que estudam nesse Mestrado de Geografia. Antes, eram os "brancos" que se encaminhavam até as aldeias para pesquisar sobre os povos originários, agora, somos nós mesmo que pesquisamos sobre seu próprio povo.

Isso significa, para o Mestrado em Geografia da UNIR, que a região Norte é o lugar onde concentra-se o maior número de povos indígenas.

As leituras de todas as obras repassadas, para estudar e ao mesmo tempo ter que fazer a resenha de cada uma, eram as minhas maiores dificuldades e por último os trabalhos eram apresentados e debatidos com os colegas e professores. Assim, consegui me esforçar bastante para superar e acompanhar o ritmo de estudo trabalhado na Pós-Graduação.

A Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior - CAPES, concedeu-me uma bolsa de estudos, a qual me ajudou na gestão de logística da aldeia para Guajará-Mirim, desta para Porto-Velho e na alimentação. O dinheiro era depositado em minha conta mensalmente e o termo de compromisso foi assinado por mim e pelo nosso

orientador. O conhecimento adquirido, durante dois anos, possibilitou desenvolver alguns projetos que tem beneficiado o povo Oro Waram, da Terra Indígena Igarapé Laje e principalmente os meus alunos, como demonstra a foto 2.

Teatro ‘’Um novo espaço Wari’

IMAGEM 02: ORO WARAM, Francisco. Edilene Oro Eo’, Alunos ORO WARAM: Franciele, Cilene. Alunos ORO MON: Vânio, Geovane e Nilson. Lage Velho. Filmagem digital celular. Abril de 2016.

A imagem 02 mostra o teatro sobre a origem do povo Wari sendo apresentado pelos alunos do 6° ao 9° ano do ensino fundamental da Escola Estadual e Indígena Wem Kanum Oro Waram, demonstrando a saída do povo Wari’ da caverna, assim como suas raízes, e sua força ao passar dos anos.

Estiveram presentes pela primeira vez os alunos universitários de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia-UNIR de Porto Velho.Também estiveram presentes no teatro os pais, a comunidade de Laje Velho. O teatro mostra como foi a resistência Wari’ com o passar dos séculos, como nos diz Altini, Manso e Marçoli, (2015) os povos originários mostram através de seus exemplos a resistência cotidiana e constroem seu modo particular de ver o mundo e suas funções naturais:

> Os povos indígenas nos oferecem muitas lições de confiança no futuro e de luta pela vida em plenitude. Apesar das constantes invasões em suas terras, eles lutam para garantir seus direitos, sua liberdade e sua autonomia. Nesta resistência cotidiana, as comunidades constroem e reconstroem suas crenças e tradições, que asseguram as diferentes maneiras de viver, de educar, de crer e projetar o futuro. (ALTINI; MANSO; MARÇOLI, 2015, p. 01)

Pretendo prosseguir futuramente e aprofundar as pesquisas sobre o subgrupo Oro Waram, com as suas memórias, identidades, marcas sociais e diversidades culturais.

1 INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

Essa dissertação analisou as histórias, as identidades e as memórias do povo Wari' especificamente do subgrupo Oro Waram sobre o período e tempos difíceis que enfretaram seus ancestrais, as suas dificuldades de sobrevivência e de manter a sua identidade cultural.

O foco principal desta dissertação foi estudar o subgrupo Oro Waram que reside na aldeia Laje Velho, da Terra Indígena Igarapé Laje, localizada em Guajará-Mirim e como ele relaciona-se com os demais subgrupos do povo Wari.

Como professor indígena do meu povo, interessei-me em trabalhar profundamente todas as histórias contadas pelos sabedores tradicionais que vivenciaram as conversas dos seus pais e contaram a história dos Wari' percorrida nesses longos séculos; conhecer as principais identidades e do patrimônio de suas diversidades étnicas e culturais presente na vida do povo Wari', tanto na área terrestre, quanto na fluvial.

Há milênios de ano, o povo Wari' vivia coletivamente dentro de uma caverna, juntamente com o fogo para aquecê-los das friagens. Segundo os anciões Oro Waram da aldeia, o Wari' Oropixi teve relações sexuais com a mulher de seu irmão maior e, devido esse fato houve a divisão entre os Wari e a família de Oropixi que tornaram-se em homens ''brancos'' ao longo do rio Mamoré.

Apresento aqui uma versão do Oro Waram de acordo com a pesquisadora Aparecida Vilaça referente ao Oropixi que gerou um mito de origem do Wayam (''homem branco''), na visão do povo Wari':

> ''. Quando chegou a estação seca, oro pixi chamou seu pai para irem embora O pai concordou. Foram também o seu irmão mais velho, seus outros irmãos. E todos os seus parentes. Ele não levou as pessoas. Oro pixi finalmente se casou com a mulher e foram todos para o rio grande. As pessoas costumavam ir visitar a família de Oro pixi, até que viram inimigos entre si. Não se gostavam mais. As pessoas pararam de visitar porque os ourtos, dizia-se, havia virado brancos: "Não se aproximem mais deles". Viraram brancos. Vejam que vivem perto do rio grande'' VILAÇA, 2006, p. 273.

As identidades culturais, antes do contato com o não indígena, eram fortes e preservavam todas as histórias, mitos, rituais, crenças e festas, através das memórias dos anciões que contavam os seus conhecimentos e guardaram para as futuras gerações.

Houve um período na quais todos viviam juntos, depois do fato de Oropixi envolver-se com a mulher de seu irmão, os Wari' espalharam-se por várias partes da floresta, e cada subgrupo visitava um ao outro, quando chegavam a um lugar, começaram a denominar os subgrupos com situações estranhas para eles.

Quando os Oro Waram foram visitar os Oro Mon, não havia nome ainda para os subgrupos, mas eles chamaram aqueles de Oro Mon devido às fezes que ficavam perto de suas residências, pois Mon significa fezes. Quando os Oro Mon visitavam os Oro Waram observavam que eles comiam frutos verdes e chamaram-lhe de Oro Waram, pois Waram significa (macaco aranha), associando a esses macacos, pois comiam frutos verdes.

Na questão da identidade cultural, as sociedades não indígenas pouco entendem sobre o povo Wari, até os dias de hoje. A minoria ainda não os reconhece como povos autônomos, nem seus direitos e deveres garantidos pela Constituição Federal de 1988.

Nos dias atuais, sofremos frequentemente o preconceito social e linguístico pelo não indígena. Através de conselhos orientados pelos sabedores tradicionais, nós, como protagonistas de nosso povo, jamais deixaremos as nossas próprias identidades, pois elas são essenciais na nossa vida social.

O objetivo principal dessa pesquisa é registrar e analisar os relatos a partir das narrativas dos sabedores tradicionais do subgrupo Oro Waram e com suas participações, mostrar uma visão diferente, de acordo com os olhares de cada um que presenciou o contato com não indígena durante esse período. Referindo ainda, todas as dificuldades enfrentadas pelos Iri' honana (ancestrais), pois através das entrevistas e relatos orais.

Na atualidade, os sabedores tradicionais são convidados para palestrar nas salas de aulas, e, com suas participações diretamente na pesquisa analisei com maior aprofundamento o tema proposto.

As entrevistas evidenciadas na dissertação são dos conhecedores da história do povo, mitos, rituais, portadores de saberes da língua e dos costumes, os quais vivenciaram e presenciaram situações antes, durante e depois do contato com o Wayam[12]. Todos os sabedores indígenas trazem em suas narrativas conhecimentos orais sobre a história do contato e a história da festa tradicional Kapiwa e Kawayinwa.

Sobre a pesquisa qualitativa, embasamo-nos em Silva Vieira (2012, p.48) em que o processo de coleta de dados é feito por meio da aplicação de questionários a um grupo de pessoas, pode ser utilizado através de perguntas abertas, as quais possibilitam uma discussão entre os entrevistados que permite a defesa do ponto de vista dos membros do grupo, no qual os participantes acabam por revelar mais daquilo que pensam.

Esta dissertação foi fruto de uma pesquisa participativa que embasamo-nos em Almeida Silva (2010, p: 50) na qual diz que a mesma possui um corpo identitário, pois

[12] Wayam, significa o homem branco falante da língua portuguesa e diferentes culturais, costumes e religiões.

permite criar aprendizado voltado ao tema que envolve os interesses locais, sendo que o contexto situa-se na Fenomenologia, na qual a pesquisa é tanto qualitativa como descritiva, pois estabelece uma relação de interpretação dos fenômenos sociais e culturais, atributos de significados entre o mundo real e o indivíduo, com isso um vínculo permanente entre o mundo objetivo e a subjetividade do homem que não pode ser traduzido na estatística.

As entrevistas coletadas foram da seguinte forma: primeiro visitemos os sabedores e dialogamos por um bom tempo, momento em que aproveitamos para fazer o agendamento da entrevista. A maioria dos sabedores preferiu ser entrevistado pela parte da manhã ou à noite, pois, acreditavam que pela manhã seria o melhor tempo para conversar com as famílias sobre a caçada do dia. Já pela parte da noite contavam histórias para seus filhos e netos, todos ficavam ali concentrados para ouvir os anciões.

Acreditava-se, que pela parte da noite, as memórias ficariam cheias, podendo assim, serem recontadas novamente para seus familiares. Assim, resolvemos trabalhar os dois períodos com os sabedores tradicionais. Os entrevistados de cada subgrupo falaram sobre o seu povo, a importância dos lugares que viveram e ainda comentaram sobre seu ponto de vista em relação ao passado.

Os colaboradores ativos foram Awo Kamip Oro Waram, Ko' Um' Oro Waram[13], Yamain Oro Mon[14], Tatoyi Oro Mon[15], Xowa Oro Mon[16], Hatem Oro Waram[17] Tokohet Oro Waram[18], Harein Oro Mon[19] e Mon Oro Mon[20].

Em todas as pesquisas de campo, os sabedores foram presentes nos temas abordados por elas. Os anciões são protagonistas que sustentam estruturas de todos os dados coletados e realizados, tornando-se um método qualitativo.

No primeiro momento, a maior preocupação em relação a pesquisa era de convencer os sabedores tradicionais a fazerem parte, pois através da sabedoria dos anciões seriam levantados e coletados os dados por meio das entrevistas e relatos orais de acordo com seus olhares. E por último, organizar alguns textos em estruturas corretas e na sequência, traduzida na língua materna do povo Wari' dos subgrupos Oro Waram e Oro Mon.

---

[13] Esse sabedor tem 80 anos aproximadamente e vive na aldeia de Semapa na Linha Bom Sossego na área terrestre.
[14] Nasceu na maloca as margens do rio Lage e tem 85 anos aproximadamente e vive na aldeia de Lage Velho.
[15] Nasceu na maloca antes do contato em 1961, as margens do rio Lage.
[16] Nasceu na maloca as margens do rio Lage, tem 68 anos.
[17] Nasceu na maloca as margens do rio Lage e tem 85 anos aproximadamente.
[18] Nasceu em Lage Novo depois do contato, e tem 34 anos.
[19] Nasceu na maloca as margens do rio Lage, tem aproximadamente 90 anos e mora na aldeia de Sagarana, ele se considera Oro Yowin, mas foi registrado como Oro Mon pelo SPI.
[20] Nasceu na maloca as margens do rio Lage e tem 78 anos aproximadamente.

Esta dissertação está estruturada em três partes que foram abordadas durante as pesquisas realizadas com sabedores tradicionais de cada etnia que residem na Aldeia Laje Velho.

A primeira parte apresenta um breve histórico, apresentação sobre a origem do Wari', um novo espaço Wari', quem são Wari' dos subgrupos Oro Waram e onde estão, como surgiram os subgrupos Wari', a origem, a divisão dos Wari' e o retorno de Oropixi. Na segunda parte, foi abordado o massacre do subgrupo Oro Mon, a história e as memórias Oro Waram, de modo que demonstramos os seus valores vivos em suas memórias.

Na terceira parte, abordamos sobre os saberes, conhecimentos e cultura do povo Oro Waram, através dos mitos narrados pelos sabedores como protagonistas e conhecedores em diversos históricos culturais do seu povo.

Serão apresentadas as memórias contadas pelos Wari' do subgrupo Oro Waram, sendo registrados também os conhecimentos tradicionais desse subgrupo, na educação tradicional, na visão dos sabedores e a identificação de suas peculiaridades culturais.

A história e a memória do contato do Wari' do subgrupo Oro Waram com o não indígena será contada a partir das narrativas e experiências vivenciadas pelos sabedores, como por exemplo, o contexto na aldeia e as formas de construções das casas feitas semelhantes umas as outras, bem como a invasão atualmente da Terra Indígena Igarapé Laje e as consequências dos invasores que antigamente eram os seus maiores inimigos.

A história do povo Oro Wari' já foi contada pelos anciões indígenas, que tiveram os seus primeiros contatos com os brancos, e registradas pelos pesquisadores das Universidades. Na visão dos Wari, os seringueiros eram considerados seus verdadeiros inimigos porque os sabedores tradicionais presenciaram seus parentes, filhos, jovens e crianças serem mortos pelas mãos deles e suas casas queimadas e saqueadas.

Além dos sabedores, cujos são os principais colaboradores essa dissertação, percebemos que a investigação, além de ser histórica tinha um papel fundamental que poderia ir além das entrevistas com os anciões, pois havia uma necessidade no sentido de envolver outros professores indígenas da Escola Indígena Estadual Wem Kanum Oro Waram na coleta de dados, de acompanharem o nosso trabalho e consequentemente ter sua participação e envolvimento na própria pesquisa, foi então que os convidamos para participarem, no dia 19 de agosto de 2017.

Naquele momento, observamos a oportunidade para que os professores também pudessem ter contato com a pesquisa e se apropriarem dos conhecimentos e dos saberes tradicionais narrados pelos nossos sabedores. Desse modo, os professores indígenas teriam

mais conhecimento da cultura de seu povo para ensinar a seus alunos.

Podemos afirmar segundo Munduruku *apud* Polastrini, (2011, p. 14) que os indígenas autores de livros são frutos de uma resistência que vem de muito tempo. Cada vez mais jovens indígenas estão buscando registrar as histórias orais de seus antepassados para mostrá-las à sociedade brasileira e diminuir a distância que houve por muito tempo entre estes dois mundos. Saber que estamos auxiliando a sociedade brasileira a se conhecer melhor, já é um grande feito.

Ao analisar várias obras sobre o contato do indígena com os não indígenas podemos propor conforme Baniwa (2006, p. 18) que é a partir do contato que as culturas dos povos indígenas brasileiros sofreram profundas modificações, pois dentro das etnias se operaram vários processos de mudança sociocultural, enfraquecendo sobremaneira as matrizes psíquicas e míticas em torno das quais girava toda a dinâmica da vida tradicional. No início do contato, apesar de serem uma maioria local adaptada socialmente ao meio em que habitavam, não contavam com uma experiência básica de intensas relações interétnicas e com os impactos provocados pela violência dos agentes de colonização, que foram por demais rígidos.

Assim aconteceu com o povo Wari, depois do contato os não indígenas lhe davam roupas para se vestirem, levou um longo processo para adequa-se a usar as roupas doadas pelos não indígenas, pois antes os Wari viviam sem vestimentas.

CAPÍTULO I

2 QUEM SÃO OS WARI'

Conforme CASSIRES, assim como LANGER (1967, p.8; 2004 [1942]; 2006 [1953]), *apud* ALMEIDA SILVA, (2010, p. 42), conceituam, o ser humano em sua caminhada histórica e que se encontra amparado nos símbolos e utiliza-se em sua forma concreta, bem como seus raciocínios são simbólicos e embasados na natureza humana, como elemento primordial nas ações do homem e de seu conhecimento, entendemos que o universo indígena é pleno dessas simbologias.

Paneiro / Koko

IMAGEM 03: ORO Waram, Francisco. Francélio Oro Waram. Lage Velho, Filmagem digital celular. Maio de 2019.

Na imagem 03, por exemplo, temos o paneiro (koko) e nele são colocados os animais de caças, milho e as crianças quando são novas para espantar os maus espíritos, sendo usado pelo subgrupo Oro Waram.

A partir desses teóricos podemos entender que o paneiro tornou-se um tipo de símbolo concretizado para o povo Wari, assim como suas próprias histórias míticas. Podemos entender que a memória e identidade estão interligadas entre si, como nos afirma Santos (2004, p. 59) *apud* Magalhães Batista (2005, p. 29) que a memória não pode ser entendida apenas como um ato de busca de informações do passado devemos levar em consideração a reconstituição desse passado, a qual deve ser entendida como um processo dinâmico da própria rememorização, o que estará ligado consequentemente à questão da identidade de um

povo.

Estudantes Wari'do subgrupo Oro Waram

IMAGEM 04: ORO WARAM, Francisco. Alunos ORO WARAM: Alex, Ilo, Jarbeson, Jacinaira, Lucas, Mariene, Hudson, Sidimar e Zuleide. Laje Velho, Filmagem digital Celular, Agosto de 2018.

Na imagem 04 temos os alunos Oro Waram que estão estudando sobre o seu subgrupo Oro Waram, sua cultura, mitos, desafios e oportunidades. Esta pesquisa sobre os Wari foi apresentada a esses alunos, mostrando que todos somos os Wari': Oro Waram (macaco aranha), Oro Mon (fezes), Oro Waram Xiyein (macaco de outra especie), Oro Nao'(morcego), Oro Eo'(arrota), Oro At (osso), Oro Yowin (macaco prego), Oro Kao' Oro Wayi (come virgem), e falantes de uma mesma língua, a Wari do tronco linguístico Chapakura.

Segundo Angenot & Ferrarezi, 1997 *apud* Lima Angenot, (1997, p. 22) as línguas, todas isolantes, da família Chapakura (Línguas falada pelo povo Wari), qualquer palavra é exclusivamente constituído por lexemas independentes, nocionais ou gramaticais, não sendo atestados nem afixos nem clíticos (palavras que precisam de outras para terem significados).

De acordo com as histórias contadas pelos sabedores indígenas tradicionais, o Wari' significa ("a pessoa, a gente, o ser humano"), os subgrupos são: Oro Waram, Oro Mon, Oro Waram Xiyein, Oro Nao, Oro At, Oro Eo, Oro Yowin e Oro kao Oro Wayi. Esses povos sempre se orgulharam de ser chamado de Wari' desde o seu surgimento. Os ancestrais acreditavam que eles eram as verdadeiras pessoas, os primeiros povos da humanidade e a única surgida no planeta Terra ("Makan").

Os anciões Wari' comiam somente frutos nativos (patoá e outros), e animais que eram

caçados.

Suas histórias e memórias são repassadas de geração em geração pelo seu povo. Nesse sentido, os relatos orais dos tradicionais sabedores constituem elementos ricos de memórias e significados de fundamental importância para essa dissertação. Aqui, as fontes orais constituem uma das principais referências de informações da história dos Oro Waram, resgatando e permitindo, entre outros, a relação entre memória e sua identidade.

2.1 A origem do povo Wari'

Durante muitos anos, os Wari' viviam na caverna coletivamente e era o único povo nesse planeta a se multiplicarem cada vez mais. Sendo assim, a caverna representava a vida dos Wari', patrimônio de identidade protegida por eles em qualquer situação. Ali, sempre existia uma linguagem própria, com a qual transmitiram conhecimentos tradicionais de suas culturas e com ela criaram narrativas, mitos, rituais e crenças.

Os Wari' viviam da relação com a natureza, sempre a tratavam com todo respeito, principalmente os animais. Mesmo na busca de alimentos para sua sobrevivência, raramente saiam de suas moradas, controlavam, a caverna de modo que formavam assim uma cultura em que havia limites e quantidade de pessoas para sair em busca de alimentação. Os Wari', na sua maioria, não podiam sair de dentro da caverna, visto que nem todos eram preparados e nem tinham conhecimentos técnicos tradicionais de caça, então, sempre eram selecionados as pessoas com habilidades e especialistas no uso de flechas tradicionais.

Durante muitos anos os Wari' sofreram com o problema de alimentação, cada vez mais o número de famílias aumentava demograficamente no espaço da caverna, o que os levou a não suportarem mais a morar ali.

Certo dia, vieram alguns grupos de famílias Wari que sobreviveram ao grande dilúvio, eles contaram o que havia acontecido com seus parentes mortos pela catástrofe. Pouco tempo depois, eles resolveram oferecer suas filhas para homens solteiros (trama) que foram casando e ao mesmo tempo incentivavam seus parentes a saírem da caverna, como forma de preservação cultural e, principalmente, humana, unindo forças entre povos mais experientes para sobrevivência dos Wari'. Decidiram assim, abandonar o patrimônio principal onde viviam os casais sairam da caverna, identificando-se Wari', não especificando definitivamente com os sobrenomes dos subgrupos.

Cada casal que saía da caverna levava consigo, na boca, um pedaço de objeto como a taboca (trakom) e um sabugo de milho (arain papak). Esses objetos tinham uma grande significação tradicional para as pessoas que saíam e os colocavam na boca. A taboca (trakom) mantinha os dentes sem cáries, os Wari'que confiavam de colocar pedaço de espiga na boca, os dentes facilmente caíam muito cedo, porque a espiga não é durável para segurar e levaram muito tempo para saír da caverna.

Como tinha muitos Wari' na caverna, levou-se muito tempo para finalizar a saída. Esses que saíram tinham o corpo normal, no entanto com o passar do tempo, o povo começou a seguir a tendência de aumentar o peso, em consequência de suas rotinas tribais, diante disso, os pais ficaram gordos e não conseguiam sair da caverna porque os corpos eram grandes, uns monstros, devido à hierarquia da comunidade que ali permanecia. Tentaram por várias vezes, porém não tiveram êxito e o sonho de conhecer o espaço cheio de multidão e ver outro mundo, não pode ser realizado.

Os pais ficaram muito desesperados e pediram socorro, gritaram, choraram e disseram para a multidão em geral: "vocês são heróis fortes, vão se multiplicar cada vez mais ainda nesse espaço que estão e vão morrendo. Fiquem sabendo que a altura de vocês como trama (homem) e narima (mulher) por enquanto é normal, mas com milhares de anos os tamanhos vão diminuir até os filhos de vocês".

Aluno demonstra como os pais dos Wari' ficaram presos na caverna.

IMAGEM 05: ORO WARAM, Francisco. Aluno Wanderson Oro Waram Xijein. Filmagem digital Celular. Lage Velho, Abril de 2017.

A imagem 05 mostra um teatro na qual um aluno representa os pais presos na caverna um dos mitos mais falados pelo povo Wari e nesse teatro presenciaram alunos do Mestrado e

Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia-UNIR.

Por isso, que hoje o tamanho dos Wari’ não é o mesmo que era antes, conforme afirma os relatos de dois sabedores indígenas tradicionais que pertencem ao grupo Oro Waram, Awo Kamip Oro Waram e Yamain Oro Mon, anciões de notório conhecimento tradicional-cultural.

2.2 O espaço do povo Wari’

Alunos apresentaram os Wari’, surpreendido com novo espaço além da caverna

IMAGEM 06: ORO WARAM, Francisco. Geovane Oromon e Edilene Oro Eo’. Lage Velho. Filmagem digital celular. Abril de 2017

Este teatro mostra como os Wari’, após terem saído das cavernas foram para um local distante do antigo lugarejo. Nesse novo espaço, a conquista pela sobrevivência foi muito lenta porque não havia xitot (roça), técnicas de defesa, a obtenção de alimentos por caça e pesca eram rústicas e antiquadas para a alimentação em massa, pois havia a necessidade de maiores recursos para a sobrevivência de um povo maior. Conforme Santos, a técnica está ligada à vida de uma sociedade humana.

> […]. É o lugar que atribui ás técnicas o princípio de realidade histórica, relativizando o seu uso, integrando-as num conjunto de vida, retirando-as de sua abstração empírica e lhes atribuindo efetividade histórica. E num determinado lugar, não há técnicas isoladas, de tal modo que o efeito de idade de uma delas é sempre condicionado pelo das outras. […]. SANTOS (2006, p.36).

Os Wari' sobreviviam alimentando-se de árvores, folhas e as orelhas de pau[21], com o tempo descobriram os pedaços de pedras afinados que perfuravam o mel e juntando esses pedaços faziam as roças.

As árvores grandes simplesmente não foram derrubadas, somente a "capoeira" foi roçada levemente e assim os ancestrais sofreram dentro de um determinado espaço de tempo, com muitos problemas de alimentação e lutaram demasiadamente pela sobrevivência de seus grupos. Muitos sonhavam em ter uma roça grande, mas não conseguiam porque usavam uma pedra que se desprendia do cabo e colada com resina.

Sempre procuravam se apropriar de novos espaços para saber lidar com o novo território, conforme informações coletadas da sabedora Tatoyi Oro Mon, anciã de notório conhecimento tradicional-cultural. Podemos relacionar os Wari como amigos da natureza pois eles não queimavam as florestas e fazia roças pequenas pois eles tinham grande respeito pela natureza, vivendo de substencia alimentos para si mesmo.

Eles viviam coletando fruto das árvores para se alimentar, e sobrevivessem com esses alimentos, caçavam os animas e pescavam não para vender e sim para seus familiares, vieram aprender a queimar seus lixos com os nãos indígenas, pois o fogo para o Wari servia apenas para aquecê-los da friagem e cozinhar seus alimentos.

2.3 Quem são os Oro Waram do povo Wari e onde estão?

Os Oro Waram, que habitam na Terra Indígena Igarapé do Laje ("*Komi Memem"),* é composta pelas seguintes aldeias: Semape, Laje Novo[22], Linha Dez, Linha Oito, Limão[23], Linha Seis, Linha Catorze, Linha Vinte e Seis e Laje Velho[24] as quais localizam-se nos municípios de Guajará-Mirim e Nova Mamoré.

Há outros Oro Waram que residem em outras terras indígenas como Ribeirão,

[21] Orelha de pau é espécie de Cogumelo que serve para comer chama-se mroyin e nrawo.
[22] Aldeia Laje Novo, segunda Aldeia dos Wari' e tinham alguns funcionários da funai que ajudaram construir.
[23] Desta aldeia surgiu a Aldeia de Boa Vista.
[24] Aldeia Laje Velho, primeira Aldeia do Wari' dos subgrupos Oro Waram, Oro Mon, Oro Waram Xiyein e foi abandonada 15 anos, por motivo das doenças que houve na época. Em ano 1990, voltou a ser habitada pelos Wari'.

Sagarana, Rio Negro Ocaia, Pacaás Novos e Guaporé, que ficam localizadas às margens dos rios Ribeirão, Pacaás Novos, Rio Negro e Guaporé.

Segundo Lima Sousa (2009, p. 15), os Wari viviam na época do contato com o SPI, ao longo dos rios Laje, Ribeirão, Pacaás Novos, rio Negro, Dois Irmãos e ao longo do igarapé Santo André. Os principais lugares tradicionais[25] do rio Laje foram selecionados pelos próprios sabedores indígenas, os principais são listados a seguir:

Demonstrativo dos Lugares Tradicionais.

Língua Wari	Língua Portuguesa
Tokom Towa	Olho de Jabuti
Tokom Hrok	Olho de Pássaro
Tain Wet	Fumaça de Penha
Tain Tot	Fumaça de Resina
Tokom Mre’	Olho de Periquito
Totain Kanum	Roça de Cacau
Tain Hop	Fumaça de Jacaré
Hron Xitot	Velho Roça

QUADRO 01: ORO WARAM, Awo Kamip. Abril de 2017.

Hoje, alguns desses lugares servem para o cultivo de lavouras e roças do nosso povo, no qual tiramos o nosso sustento. Os territórios e lugares selecionados são carregados de memórias e significados para os anciões Wari’ que vivenciaram os eventos do contato.

2.4 Como surgiram os subgrupos Wari’?

De acordo com as fontes contadas pelos sabedores tradicionais das etnias Oro Waram e Oro Mon, durante muitos anos, os Wari foram espalhados em todos os seus territórios tradicionais, criaram os seus saberes em diversos sentidos, como as festas, mitos, rituais e crenças. Sendo assim, todos os subgrupos começaram a criar suas normas e regras de vidas cotidianas em todos os territórios.

A manifestação era para poder rever seus parentes; uma forma sociológica de ressocialização e unicidade social de seus povos. Então, decidiram visitar coletivamente seus parentes através das festas (tamra), preparavam jenipapos e penas de diversas aves para enfeitá-las. Só assim, devido à festa, eles começaram a rever seus parentes e tiveram muitas

[25] São os lugares tradicionais, seguno o sabedor Awo Kamip Oro Waram, nos quais os Wari’faziam as festas tradicionais, caçavam e faziam as roças.

relações com os mais próximos, conheceram e trocaram maneiras de se organizar, de conviver com seus espaços cotidianos e entre si deram os sobrenomes.

Assim eles compreenderam em todas as festas que foram realizadas por eles chamou atenção de aproximar de olhar perto, seus costumes e modos de vida de todas as etnias, de acordo com a relação com a natureza ou espaço.

Para os sabedores acrediraram os espaços de festas foram conquistados este sentido. Conforme descrição abaixo, essas informações também foram fornecidas pelo sabedor Ko Um' Oro Waram.

Subgrupos Wari

Oro Waram (Macaco – aranha)	Comiam frutas verdes
Oro Mon(Fezes)	Defecavam perto de casa.
Oro Eo' (Arrotavam)	Arrotavam após cantar e falar
Oro Nao' (Morcego)	Acordado à noite como morcego
Oro At[26] (Osso)	Gostavam de comer osso
Oro Kao' Oro Wayi[27](Verdes)	Faziam sexo com moças muito jovens
Oro Yowin[28](Macaco – prego)	Com o pênis sempre ereto
Oro WaramXiyein(Macaco)	Espécies de outro macaco

QUADRO 02: VILAÇA, Aparecida, 2006, p.57-58.

Para os pesquisadores não indígenas, nós somos também conhecidos na literatura como Pakaas Nova ou Pacaás Novos, e assim foram pesquisados oitos subgrupos existente em nosso povo com seus respectivos costumes. Todos Wari'pertencem à família líguistica Chapakura. E compreendemos a importância do nome dos subgrupos Wari', recebido pelo honana (anciões), não podemos desvalorizar essa importância histórico, isto é, fazem parte da nossa vida é um fruto deixado pelos nossos antepassados.

2.5 Origem e divisão dos grupos Wari'

Durante muitos anos, os Wari' apropriaram-se de novos espaços e conheceram a importância da alimentação e das origens vegetais e animais. Assim, decidiram entre eles terem os nomes de plantas frutíferas[29] e animais[30]. Pois acreditavam que a própria natureza

[26] Eles vivem na Terra Indígena do Rio Negro Ocaia.
[27] Vivem em sua maioria na Terra Indígena de Sagarana.
[28] Eles vivem na Terra Indígena do Rio Negro Ocaia.
[29] São frutas, cacau (Wem Kanum) e tocumã (Oro Wao')
[30] Animais: anta (Mon Min), veador capoeira (Oro wao' Komem)

contribuiria ao longo dos anos para sua sobrevivência e por isso escolheram tais nomes plantas para darem nome a seus filhos. Dessa maneira, os nomes de frutas foram ganhando espaços em todos Wari', e seus descendentes recebem nomes de frutas e animais, assim os Wari' perceberam que as frutas nativas salvaram bastante a vida dos Wari' para sobreviver e os nomes foram passando por gerações por gerações, conforme descrição abaixo:

Nomes de Wari' derivados de animais ou futas

Nomes	**Frutas / Animais**
Wem Kanum	Cacau
To'kohet Memem	Frutas
To' Kohet Piyo	Beija- flor
Harein Pan' Tokwe	Castanha
Niro Kayiwa	Buriti
Mon Min'	Anta
Wem Kap	Lagarta
Awo Wayo	Gavião
To' o Xak Wa	Mel
Yap ka'howam	Peixe (piabinha)
To'o Takao'	Peixe (cara)
Mantun Mete'	Minhoca
Orowao Pin Kan	Gafanhoto
Orowao Piyimain	Tamandua
Orowao Yein	Cogumelo

QUADRO 03: ORO WARAM, Ko Um. Agosto de 2018.

Homenageando os nomes dos filhos com nomes de animais e frutas, os Wari começaram a cuidar da natureza, ou seja, sem derrubar as árvores, sem quebrar os galhos e colhiam cuidadosamente as frutas e animais que são necessários para alimentar. Essas informações foram coletadas do sabedor Ko Um Oro Waram.

A divisão dos subgrupos Wari' aconteceu devido a um indivíduo chamado Oropixi que se tornou homem branco, sendo expulso de seu grupo, por ter tido relação sexual com a esposa de seu irmão maior.

Contam os anciões dos Oro Waram que certo tempo desconhecido todos viviam em uma aldeia, mas nasceu uma criança chamada Oropixi, segundo afimam que quando ele chorava bastante no momento que sua mãe fazia as atividades de sua casa. Sua mãe, ocupada, pediu a sua nora, mulher do irmão maior de Oropixi, para que ela lhe desse colo afim de que parasse de chorar.

No entanto, de um momento para o outro, ele virava grande e tinha relações sexuais com a mulher de seu irmão maior, na plantação de mandioca (macaxeira). Até que um dia, nesta plantação, tinha um papagaio e este papagaio avisou a mãe de Oropixi que ele estava

tendo relação sexual com sua cunhada.

A mãe desesperada avisou ao irmão de Oropixi o acontecido, este indignado expulsou da aldeia e queimou todos os seus materiais como a esteira (wi') e devido a este fato, Oropixi foi morar no rio Grande (Mamoré) sozinho, levando toda a água da aldeia, fazendo o povo a sofrer por falta da água, mas os pais de Oropixi tinham água porque a colocaram no oco de madeira avisados por seu filho Oropixi.

Depois de algum tempo, seu irmão maior decidiu ir atrás de Oropixi para que ele trouxesse água para o seu povo. Depois de algum tempo Oropixi voltou à aldeia de seus pais e com ele veio à chuva e todos ficaram alegres com a volta da água. Oropixi disse que queria voltar para o rio grande, convidou todos os seus familiares para ir com ele e todos foram: seus pais, a mulher de Oropixi e seu irmão mais velho.

Nesse período eles começaram a dividir os grupos identificando como Wari', ainda não existiam os nomes dados pelas etnias. Os Wari' evoluiram cada vez mais em suas próprias organizações sociais em todos os sentidos e criaram seus espaços tradicionais.

Os anciões do povo Oro Waram acreditam que os Oropixis e suas famílias foram para as margens do rio Madeira ou Mamoré (kotene kom), isso são marcadores territóriais utilizados pelos Wari', para compreender os espaços limite em seu território que são ligadas nas memórias, de acordo com Almeida Silva, (2010, p.131) ao referir-se à aldeia, comunidade, estão sempre conectadas com espaços em diversos lugares e serve como fonte principal de conexão de manifestação com o espaço e a ação.

Assim os Wari' conhecem seus lugares para apropriar-se, com esse conhecimento os subgrupos atravessaram o rio Pacaás Novos "Ao He[31]" que na época era estreito no limite com rio Mamoré "Kotene Kom". Podemos ver também, segunda Vilaça (2006, p.80), todo o curso dos rios Laje e Ouro Preto, igarapé Santo André, igarapé da Gruta, rio Negro e igarapé Ocaia, a margem esquerda do Ribeirão e as nascentes do Mutum-Paraná e do Formoso.

[31] Ao He' é um pássaro chamado Alencor.

Rios principais na visão dos Wari’

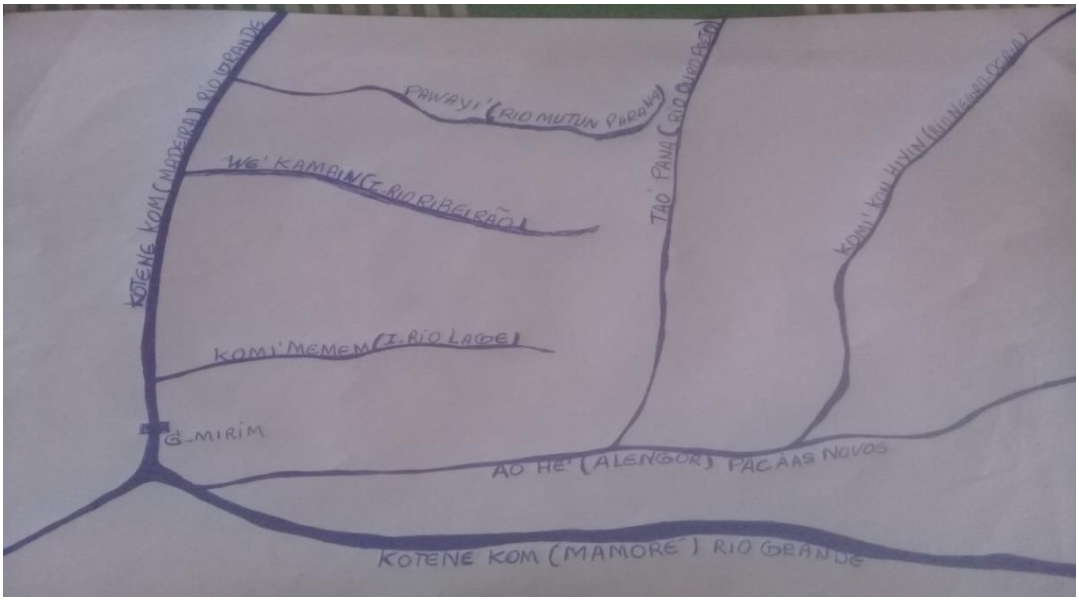

IMAGEM 07: ORO OMON, Vânio. Laje Velho. Filmagem digital Celular. Julho de 2019.

Na margem esquerda do rio Pacaás Novos, há o rio Dois Irmãos e o rio Novo, além das nascentes de alguns afluentes da margem direita do Mamoré. Apresento esta imagem 07 sobre a localização dos rios ocupadas pelos Wari’. Sendo que eles (os Wari’) somente saem para irem às festas reencontrar seus subgrupos, segundo as informações coletadas do sabedor tradicional Yamain Oro Mon. Abaixo apresento o significado dos rios no desenho livre:

- Kotene kom (Rio grande: Mamoré e Madeira)
- Ao He’ (Passáro Alencor: Pacaás Novos)
- Komi’ Memem (Igarapé rio Laje: água de fruta)
- We’ Kamain (Igarapé Rio Ribeirão: vomito sem doce)
- Tao’ pana (Rio Ouro Preto: tocar a madeira)
- Pawayi (Rio Mutun-Paraná: bater na cabeça)
- Komi’ Kon Hiyin (Rio Negro Ocaia: Água de Choro)

2.6 O retorno de Oropixi’

Para os sabedores tradicionais do povo Oro Waram, os subgrupos dos Wari’ contavam que as famílias Wari’, do grupo do Oropixi, tornaram-se homens não indígenas porque foram expulsos, pois muitos acreditavam que foram eles que causaram a primeira

divisão dos grupos Wari', naquele momento tão marcante da história, devido um deles ter tido relação sexual com a esposa de seu irmão maior, afastando-se imediatamente dos seus grupos e formando uma nova família e indo morar bem longe, tornando-se "inimigos até hoje"[32].

Os Wari' do subgrupo Oro Waram, acreditavam que os descendentes de Oropixi não foram extintos, mais apenas separados de seu grupo, tornando-se inimigos fortes. Lembravam que os Oropixi guerreavam, somente com flechas, contra os demais subgrupos durante muitos anos e com o passar do tempo sumiram e não foram encontrados durante vários séculos, até o encontro com os seringueiros já com armas.

Ao retornar o povo Oropixi', os Oro Waram e Oro Mon não conseguiram viver tranquilamente como era em suas aldeias e nem conseguiram atravessar os rios para fazerem as festas das quais sempre participavam. Pois, não havia diálogo os demais subgrupos que habitavam o outro lado do rio. Sendo assim, eles conquistaram os espaços de navegação dos rios à procura de látex (komi' pik) e atacaram com arma de fogo contra subgrupos, conforme informações relatadas pelos sabedores tradicionais Awo Kamip Oro Waram e Yamain Oro Mon.

Podemos analisar que segundo Vilaça (2006, p. 274) que nem sempre Oropixi é um mito de origem do "branco", ao considerar que o branco é um Wari que se afastou geograficamente, indo habitar em um local onde não se costumava viver: o rio grande. O branco é também aquele que substituiu ou induziu a troca das festas pela troca de flechas e posteriormente pelos tiros de armas de fogo.

Também podemos ver que o subgrupo Oro Nao', associam a origem do homem branco ao mito do Nananana que narra a reconstituição da sociedade Wari' pelo dilúvio.

[32] Ainda existe na ideia dos sabedores o Massacre de 1960, na qual os seringueiros mataram vários Wari.

3 BREVE HISTÓRICO: MASSACRE DO SUBGRUPO ORO MON E A HISTÓRIA E MEMÓRIA DO CONTATO WARI'

Alunos Wari' do subgrupo Oro Mon

IMAGEM 08: ORO WARAM, Francisco. Alunos ORO MON: Rodrigo, Suelen, Leia, Zuleide, Sandro, Francinildo, Geferson, Genilson, Elisson, Jânia, Gabriel e Kawe. Lage Velho, Filmagem digital Celular. Agosto de 2018.

Nessa foto mostra os alunos Oro Mon, no espaço escolar Wem Kanum Oro Waram que são encorajados diariamente como futuros guerreiros de seu povo para defender a causa dos Wari. A primeira aldeia do povo Wari' do subgrupo Oro Mon foi atacada pelos seringueiros e muitos parentes foram mortos, principalmente jovens e crianças. Esse foi o maior massacre que ocorreu s e g u n d o LIMA DE SOUSA, 2009, p.14-15.

Com o segundo ciclo da borracha, nos anos 1940, houve a ocupação dos seringais às margens dos rios Pacaás-Novos e Ouro Preto, afluente do Mamoré e mais densamente ocupado. Por volta de 1950, houve vários conflitos entre os Wari' e os não índigenas, nos quais os seringalistas atacavam as aldeias, com armas de fogo, exterminando grande parte dos Wari', estes, no entanto não tardaram em contra-atacar com flechas os seringueiros e trabalhadores que também vieram a morrer.

Casas destruídas e corpos dos Wari' queimados, segundo Ko' Um Oro Waram, a aldeia Tain Wakram foi destruída pelos não indígenas, o que com os indígenas fugissem para longe com medo dos homens brancos. Os sabedores tradicionais e os pajés ficaram furiosos, assim resolveram se vingar e os Wari' perseguiram os não indígenas no Seringal da região do

rio Pacaás Novas (Ao He') e (Ouro Preto) Tao Pana. Os Oro Mon espalharam-se em diversos territórios e criaram outras novas aldeias, fugindo dos massacres e também foram para a aldeia dos Oro Waram.

As aldeias dos Oro Waram, Oro Waram Xiyein, não foram atacadas pelos seringueiros, mas os indígenas dessas aldeias que andavam na floresta foram mortos pelos seringueiros. Até hoje, os Oro Mon contam esses massacres que aconteceram na aldeia Tain Wakram, no rio Ouro Preto, pois ainda estão presentes na lembrança de cada um e nas memórias dos anciões.

Nós, Wari', somos diferentes da cultura e dos pensamentos dos não indígenas, esses massacres não atingiram somente os Oro Mon, mas também os Oro Waram e o Oro Waram Xiyein porque nós somos os Wari' e jamais esqueceremos esses fatos que aconteceram com nossos antepassados.

As nossas casas antes do contato eram feitas de palha de babaçu e paxiúba, aqui mostro o desenho da casa antiga desenhado pelo aluno Vânio Oro Mon e orientado pelo sabedor de acordo com sua visão:

Casa Tradicional antes do Contato (Trim pain kra pane)

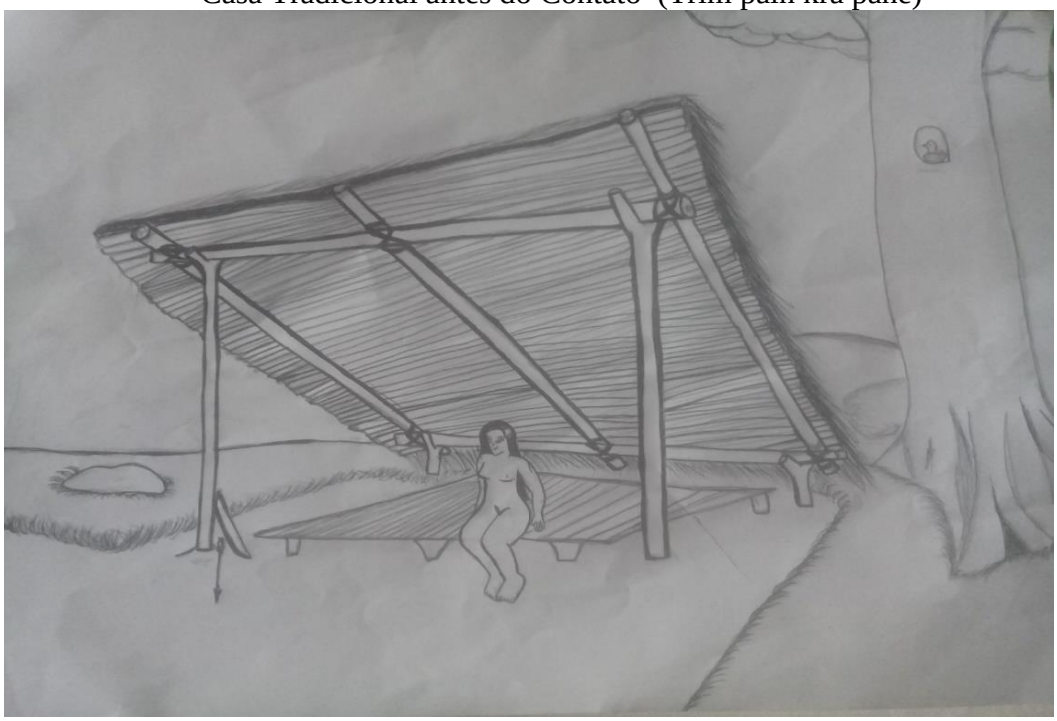

IMAGEM 09: ORON, Vânio. Lage Velho. Filmagem digital celular. Agosto de 2019.

Na imagem 09 mostra uma narima (mulher) sentada na casa tranquilamente e espera o seu marido da caça. As principais atividades, recomendadas para as mulheres Wari', eram de produzirem bastante paneiros (koko) que serve para carregar alimentos e as crianças, (xokat) paneiro com formato diferente e somente para carregar a caça e os peixes.

O (hato) tambor é feito de argila produzida pela mulher, que são utilizados para cozinhar em diversos alimentos e ainda também existe um (hrowin), pote de barro especifico próprio para a festa, geralmente é segurada nas mãos e bate no pedaço de pau com pequena força e sai o som de tambor acompanhada pelos passos dos Wari' na festa.

Em relação às mulheres Wari', ante do contato, elas ajudavam os seus maridos nas atividades, como por exemplo: roçar para o plantio, colheita de milho, colheita de frutas, pescaria e carregavam palha de babaçu para construir a casa e dedicavam-se bastante em cuidar dos seus filhos, davam conselhos para respeitar os mais velhos e andavam em direção certa para não criar problemas com parentes na aldeia.

Assim que acabavam as brigas entre os Wari, eles se comprimentavam pediam desculpas entre si e logo a dona de casa ou aldeia oferecia a chicha de milho, em seguida começavam a despedir aqueles que vieram de outra aldeia para brigar. Atualmente não está acontecendo mais este tipo briga entre os Wari (parente), conforme afirma sabedora Tayi Oro Mon.

Hoje, analisando as mulheres dos subgrupos Oro Waram, Oro Mon e Oro Waram Xijein são poucas as que se dedicam em participar das reuniões dentro da aldeia e todos precisamos do apoio delas para incentivar e lutar juntos em qualquer situação.

Por isso que os professores e lideranças estão trabalhando intensamente para que elas entendam as ações dos polítcos desenvolvidos pelo poder público, principalmente os projetos de emendas elaborado pela três esferas do governo brasileiro que eventualmente prejudicam as diversidades culturais e afetam diretamente ou indiretamente o direitos e deveres conquistados pelos nossos caciques e lideranças assegurado pela constituição de 1988.

Na alimentação, a chicha, a caça assada e o peixe moquecado não poderiam faltar. Cada família tinha sua própria casa e cuidavam para que não acumulasse lixo, deixando sempre limpo em seu entorno. Atualmente Oro Waram enfrentam o lixo e seus problemas.

Segundo Oro Waram no contato os Wari deixaram de serem nômades e fixaram um lugar específico para residir com seus familiares, conforme ORO WARAM no diz:

> Devido ao contato e proximidade com o homem branco, o sbgrupo Oro Waram sofreram Influências em vários aspectos e seus hábitos foram alterados na alimentação, na medicina nativa, nas atividades das aldeias e na organização social dentro da aldeia. Deixaram também de ser nômades fixando-se em um local. Como não era da cultura do povo Oro Waram permaneceram por longos anos em um só lugar. '' ORO WARAM, (2018, p.128)

Antes de contato, os Oro Waram não conheciam o lixo em volta na aldeia. Os lugares onde moravam tinha pouco lixo e todos controlavam de acordo com a sua vivência. O lixo na aldeia era palha de milho, palha de babaçu ou olho de babaçu, casca de cará, casca de frutas silvestres, ossos de animais, peixes, aves e casca de tucumã e alguns eram

reaproveitados para confeccionar arcos e flehas na qual eram necessários para utilizar diariamente.

3.1 A história do povo Wari' contado pelos não indígenas

Livro sobre os povos Indígenas de Rondônia

IMAGEM 10: ORO WARAM, Francisco. Lage Velho, Filmagem digital celular, Janeiro de 2017.

De acordo com Vilaça (2006, p.56) foi dado esse nome de Pacaas Novos aos Wari possivelmente por terem sido visto pela primeira vez no final do século XIX e XX junto ao rio do mesmo nome, afluente da margem direita do rio Mamoré.

Os não indígenas os chamaram de Pacaás Novos (Ao he'), porque encontraram pela primeira vez os Wari' do subgrupo Oro Nao' no rio Pacaas Novos. Na visão dos Oro Waram o nome primitivo pelos ancestrais que deram para o ''branco'' é Oropixi, em seguida recebeu o nome oro u'u', porque quando chegou a Estrada de Ferro Madeira Mamoré, os seringueiros viviam assoviando na estrada, depois a palavra foi substituída para Wayam (não indígena) na língua Wari'.

Consideramos Wari' as seguintes etnias: Oro Waram, Oro Mon, Oro Waram Xiyein, Oro Eo', Oro At, Oro Yowin, Oro Nao' e Oro Kao Oro Wayi porque todos são falantes da mesma língua materna, porém com dialetos diferentes. No estudo feito pelos pesquisadores das Universidades, definiram os Wari como parte do tronco linguístico dos Txapakura.

No livro Panewa, muitas informações estavam corretas e outras incorretas, os autores precisavam buscar mais informações com sabedores tradicionais que entende o seu povo e que sabem contar suas histórias verdadeiras. Antes do contato com o não indígena, o povo Wari' já tinha seus territórios tradicionais, aonde havia muitos espaços para suas atividades rotineiras.

Hoje a terra é demarcada, homologada e documentada pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI. Segundo a pesquisadora Vilaça (2006, p.578-579), os Wari' estão presentes em sete terras indígenas que estão regularizadas sendo: T.I do Pacaás Novass, com 279.906 ha, homologado pelo Decreto 256/91 (CRI/DPU); T. I Rio Negro Ocaia, com 104.063 ha; T.I Igarapé Laje, com 107.321 ha; T.I Igarapé Ribeirão, com 47.863 ha; homologadas Decreto 86.347/1981 (CRI / DPU); T.I Sagarana, com 17.260 ha; Homologada Decreto s/n, 23/05/96 (CRI/DPU); T.I Rio Guaporé, com 128.196 ha; T.I Uru Eu Wau Wau 1.867.000 ha.

Para entender melhor as terras indígenas e suas aldeias do povo Wari', resolvemos organizar desta maneira:

Terras Indígenas e suas aldeias

Terras Indígenas	**Aldeias**
T.I. Pacaás Novos	Cajueiro, Capoeirinha, Tanajura, Pitop, Santo Antônio, Graças a Deus, Santo André, Bom Futuro, Deolinda, Barranquilla, Sotério, Bom Jesus, Castanheira, São João e Mangueira.
T.I. Rio Negro Ocaia	Rio Negro Ocaia, Ocaia Três, Komi Wawam, Pantirop e Piranha.
T.I. Igarapé Ribeirão	Ribeirão, Linha Doze, Linha Vinte, Primeira Linha, Linha Quatro, Linha Vinte e Quatro e Linha Quatorze
T.I. Igarapé Laje	Laje Novo, Semape, Linha dez, Linha Oitava, Laje velho, Limão, Linha seis, Linha Quatorze, Linha Vinte e Quatro, Linha Vinte e Seis, Linha Trinta e Um.
T.I. Sagarana	Sagarana[33]
T.I do Guaporé	Ricardo Franco, Baia da Coca, Baía das Onças, Baía Rica, Urusarí e Pedral.
T.I do Uru Eu Wau Wau	São Luíz, Cristo Rei, Pedreira e Limão (São Luiz)

QUADRO 04: Fundação Nacional do Índio-FUNAI, 2017.

Nas sete terras indígenas que existem há 46 aldeias atualmente sob a jurisdição da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Estas aldeias são em sua maioria reconhecidas

[33] Existe uma aldeia desmembrada de Sagarana que se chama Winaim Tain.

como povoamento do povo Wari', em três polos: Terrestre, Mamoré e Pacaás Novos.

Não havia casamentos de indígenas do povo Oro Wari', com outros povos indígenas, isso ocorreu de 1985 em diante, por isso que podemos ver alguns Wari em terras do Guaporé, casando-se com Canoé, Jabuti, Macurap, e outros, e também ocorreu que os outros indígenas do Guaporé começaram a residir em terras habitadas pelos Oro Waram, Oro Nao, Oro Mon e Oro Waram Xijeim.

O acesso às áreas indígenas, na sua maioria, dá-se por via fluvial, exceto, às áreas de Ribeirão e Laje. Na época de baixo nível das águas do rio Pacaás Novos dificulta-se o acesso às aldeias. A Obra Panewa não esclarece bem as dificuldades de duas terras indígenas nas áreas terrestres, mas uma delas era a falta de um carro para levar os produtos agrícolas para vendas e uma estrada boa para facilitar a chegada dos produtos à cidade de Guajará-Mirim. As aldeias nas áreas fluviais enfrentavam as secas no mês de agosto até o final de novembro, pois são os períodos difíceis para navegar no rio Pacaás Novos até a sede do município.

Nos últimos anos, começamos a reivindicar nas Assembleias da Organização Oro Wari' a retomada dos territórios tradicionais, no qual foram levantados os estudos diagnósticos pelos antropólogos, e até o momento ainda encontra-se parada em processo de regularização.

Assim conta-se um pouco a história do povo Wari contado pelos pesquisadores não indígenas:

> […] De acordo com até a segunda metade do século XIX quando ocorreu o primeiro "boom" da borracha, o Rio Ouro Preto era o centro geográfico das terras Wari e a partir de então, este rio se tornou uma via importante de penetração das frentes extrativistas. (VILAÇA, 2006, P.86)

Houve uma queda abrupta no interesse pelo látex brasileiro suplantado economicamente pela produção malasiana. Muitos seringueiros foram obrigados a abandonar suas atividades e com o fim do primeiro ciclo da borracha deu início ao segundo, nos anos de 1940. No Município de Guajará-Mirim, a região dos rios Pacaás Novas e Ouro Preto foi intensamente ocupada pelas frentes de exploração e os indígenas eram atacados pelos seringueiros que resultaram em verdadeiros massacres.

Os seringalistas organizavam expedições, muitas vezes, com metralhadoras compradas em contrabando na Bolívia. Aldeias inteiras foram assim dizimadas. O exemplo disso foi o massacre da aldeia Tain Wakram na Terra Indígena Igarapé Laje onde dezenas de homens armados chegaram pela madrugada e atearam fogo nas casas e em seguida atiraram em quem se movia, neste caso, sendo a maioria mulheres e crianças.

Os Wari' costumavam vingar-se matando em geral um seringueiro. E de volta à aldeia

seus homens cumpriam um ritual de reclusão de aproximadamente um mês.

> ‘’Após o contato o SPI concentrou os Wari' em vários ‘‘postos'', muitas vezes, distantes de suas aldeias tradicionais. Todos os grupos quase que foram totalmente dizimados de maneira drástica pela gripe e em seguida pelo sarampo. Nos primeiros anos de contato, além da gripe e do sarampo, outras doenças como catapora, tuberculose e malária dizimaram os Wari' e o Dr. Nutels foi chamado devido a uma epidemia desconhecida. De volta ao Rio Negro Ocaia, ele concluiu que essa ‘‘doença'' que matava era a fome. A população Wari antes do massacre foi estimada em torno de 5.000 pessoas e na época do contato em 1961 restavam 1.000 pessoas e um ano depois, devido às epidemias, apenas 399. Como o apoio do órgão governamental responsável e dos missionários no atendimento à saúde a população começou a crescer. Atualmente, a estimativa populacional do povo Oro Wari' é de 3. 864 pessoas (Sesai[34] / 2014). […] ALTINI, MANSO, MARÇOLI, (2015, p. 41-42-43**).**

Os sabedores tradicionais que fizeram parte da dissertação durante todo o trabalho de campo não afirmaram positivamente as informações escritas pelo o homem branco. Nos olhares dos sabedores, dizem que faltaram muitas partes importantes escritas pelo não indígena.

Como pesquisador indígena percebemos que os meus parentes foram praticamente usados em diversos campos de trabalhos. Segundo Awo Kamip Oro Waram afirma: “Nós Wari' dos subgrupos Oro Waram, Oro Mon e Oro Waram Xiyein, sofremos muitos nas mãos dos brancos, pois, trabalhávamos bastantes para Wayam (branco) cortando seringa, fazendo a roça e trabalhando coletivamente durante as roças e ainda não respeitavam as nossas mulheres.

Através da fala dos sabedores, entendemos que os meus parentes foram bastante humilhados nesses sentidos. Na sociedade não indígena, o povo Wari’ não foi atendido como a necessidade pública exigia, e exige, pois, nos processos sociológicos em que o Estado deve cumprir com a demanda de administração com os rigores dos direitos e deveres da pessoa natural.

Entendemos a diferencia entre terra indígena e território, a terra indígena igarapé laje é uma área homologada e demarcada pelo não indígena assegurada pela constituição federal. Para sabedores tradicionais também compreendem a importância de território é uma área mais ampla e livre de espaço onde os Wari’constrói a sua história e memória do que a terra demarcada. Veja a imagem 11 indicado a Terra Indígena Igarapé Laje.

[34] Secretária Especial de Saúde Indígena.

Localização das Terras Indígenas do povo Wari’

IMAGEM 11: ORO WARAM XIJEIN, Arão. Lage Velho. Filmagem digital celular, Fevereir de 2018.

Nesse período a portaria nº 1108/ e de 17 de setembro de 1981 foi demarcada a Terra Indígena Igarapé Laje na Presidencia do Sr. João Baptista de Oliveira Figuereido.

> O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃONACIONAL DO ÍNDIO-FUNAI, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 8° do Estatuto, aprovado pelo Decreto nº 84.638, de 16 de abril de 1980,
>
> RESOLVE:
>
> I-DECLARAR como de posse permanente do Grupo Indígena PAKAÁ-NOVA a área, já demarcada, compreendida pelos limites constantes do memorial descritivo e planta anexos, partes integrantes desta Portaria, com a superfície de 107.321,1789 há (cento e sete mil, trezentos e vinte e um hectares, dezessete áreas e oitenta e nove centiares), localizada no Município de Guajará-Mirim, Território Federal de Rondônia. (BRASIL, 1981, p. 1)
>
> 17 de Setembro de 1981. Octavio Ferreira Lima. Fundação Nacional do Índio – FUNAI.

Porém os sabedores tradicionais não ficaram felizes, porque muitas malocas tradicionais continuaram fora da demarcação. As demarcações foram feitas através dos estudos dos antropólogos sem participação dos sabedores tradicionais para acompanhar o processo na Terra Indígena Igarapé Laje. Muitas roças tradicionais do povo eram ocupadas por nós e ficaram de fora, deixando muitos territórios tradicionais perdidas.

Juntamente com lideranças, professores, cacique e sabedores de cada povo, na Terra Indígena Igarapé Laje, reivindicam a ampliação da terra, mas até o momento não obtivemos resposta. Em termos de distribuição populacional apresentamos as aldeias, número de famílias e população da Terra Indígena Igarapé Laje.

População dos Wari na Terra índigena Igarapé Laje

ALDEIAS	FAMÍLIAS	POPULAÇÃO
Laje Novo	45	220
Semapa	07	39
linha 10	26	138
8ª linha / Bom Sossego	07	42
Laje Velho	75	405
Limão	05	30
Boa Vista	21	100
6ª Linha	07	39
Linha 14	07	40
Linha 24	07	38
Linha 26	09	44
Total Geral:	**231**	**1101**

TABELA 01: Fundação Nacional do Índio - FUNAI, Guajará-Mirim, Agosto de 2017.

Existem onzes aldeias na Terra Indígena Igarapé Laje, todas atendidas pela FUNAI de Guajará-Mirim de acordo com ações desenvolvidos pelo CTL (Coordenador Técnico Local) Roberto Braga. O servidor afirmou que não houve um novo levantamento de cadastros, por falta de liberação dos recursos pelo Governo Federal.

Segue abaixo o número de famílias que vivem na aldeia Laje Velho, de acordo os com os dados do posto de saúde indígena Komi Memem, localizado na aldeia Laje Velho, levantamento feito pelo agente de saúde indígena Assis Oro Mon em 2017.

Subgrupos existentes na aldeia Laje Velho

Aldeia	Número de famílias	População	Subgrupos
Laje Velho	75	405	Oro Waram Oro Mon, Oro Waram Xiyein, Oro Nao', Oro Eo'

QUADRO 05: ORO MON, Assis. Março de 2017.

Sabemos que o Coordenador técnico local tem o compromisso de elaborar o projeto, executar e acompanhar as ações desenvolvidas nas aldeias, prém o sabedor tradicional Xowa Oro Mon afirmou que as equipes técnicas da FUNAI não tinham compromissos sérios de trabalhar, os funcionários apresetam suas propostas prontas e levavam para as aldeias

justamente para definir e aprovar pela comunidade, raramente com pouca participação ativa de algumas lideranças para acompanhar algum o discursão sobre o projeto.

Em todas as aldeias acontecem, nesse sentido, muitas reclamações são feitas pelas (Cacique, Professores Agente de Saúde e sabedores), tudo é discutido na Assembleia da Organização Oro Wari', que acontece uma vez por ano.

Ainda assim, nunca tivemos resultados melhores, como esperávamos dessas instituições que trabalham diretamente ou indiretamente como Funai, Sesai e Seduc. Com isso, não vamos ficar em silêncio, enquanto o orgão responsavél não atende as nossas reivindicações, o que buscamos para o futuro, jamais deixaremos de exigir nossos direitos e deveres garantidos na constituição de 1988.

Há mais de 30 anos, a FUNAI na região não consegue atender as necessidades do povo Wari' as sete terras indígenas, além disso, ocorre muitas invasões com garimpeiros, grileiros, pescadores e madeireiros.

Alguns Wari'foram enganados pelos invasores para facilitar a entrada do não indígena em seu território, assim os Wari' criam conflitos entre si por falta de ação do orgão responsavél nas áreas de fiscalização. Segundo o Coordenador João Soares, as áreas de fiscalização exigem um carro especifico, para atender e minimiza os problemas nos locais mencionados.

Percebemos a preocupação do chefe da FUNAI em diversos setores de trabalhos que competem a sua obrigação no poder público, inclusive com o carro que deveria atender os Wari' que se direcionam à cidade para vendem seus produtos agrícolas; o veículo se encontra, há mais de seis meses, parado, e o chefe alega que já solicitou à administração em Brasília, os recursos para o conserto dos veículos para atender as demandas necessárias para o Wari'; porém isso não resolvido.

Lembramos que no período de 1990, as sete Terras Indígenas decidiram organizar e planejar o seu futuro, assim foram criadas associações, as quais são coordenadas por membros Wari'; as equipes da diretoria, geralmente são capacitadas através de cursos de formações, orientados pelos não indígenas.

Além disso, essas associções atenderam as demandas de cada aldeia através de projetos aprovados pelas comunidades, as ações foram executadas de acordo com o prazo terminado pelo conograma de atividades. Assim, os Wari' de Pacaás Novos, Mamoré, Guaporé e áreas terrestres foram beneficiados pelo governo.

Em diversos campos de trabalhos dos Wari' e principalmente nas questões sociais de cada aldeia, conseguiram minimizar os ploblemas encontrados, portanto, as associações na

época, tiveram grandes resultados, com condições melhores de atender as demandas necessárias para o povo e apoiaram esse atendimento.

Os Wari' conquistaram espaço autônomo, na qual as comunidades determinavam o seu projeto de vida. Atualmente, as associações indígenas, não são mais contempladas com esses recursos, de execução longo prazo e valores máximos de crédito, apenas algumas delas recebem os recursos de ementas parlamentares das três esferas do governo, porém não são suficientes para suprir as necessidades de como antes.

De modo recente, a aldeia Laje Velho fundou a Associação Komi Memem, para criar uma nova alternativa para apoiar, incentivar a produzir e comercializar seus produtos agrícolas.

3.2 Histórias e memórias do contato Wari' do subgrupo Oro Waram, Oro Mon, Oro Waram Xiyein com o não indígena a partir das narrativas e experiências vivenciada por sabedores tradicionais.

A história do contato Wari' dos subgrupos Oro Waram, Oro Mon, e Oro Waram Xiyein foi contada por seus protagonistas que vivenciaram os acontecimentos referentes ao encontro com a sociedade não indígena. Segundo os sabedores tradicionais afirmaram: o primeiro contato com não indigena ocorreu na roça tradicional Tokon Towa (olho de jabuti), assim este lugar para Oro Waram ficou na memória como um espaço inesquecível que marcou um grande fato histórico.

Tiveram participação ativamente, o Serviço de Proteção ao Indío (SPI), a Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB) e os Wari' do subgrupo Oro Nao', que foram os primeiros a terem contato com os nãos indígenas nas margens do rio Pacaás Novos, que é ponto de referência fundamental e serviu bastante para facilitar ao encontro no processo de pacificação. Nesse contato não foi um momento agradável para os Wari', pois foram ''oprimidos'' pela falta de políticas publicas nos quarenta anos após o contato.

Os sabedores tradicionais, que vivenciaram esse contato, obtiveram alguns de seus nomes citados pelos Wari' dos subgrupos Oro Nao', dos quais fizeram parte na missão a procura de outros Wari', que presenciaram a pacificação segundo Awo Kamip Oro Waram.

Sabedores tradicionais que estiveram no contato

Nomes	Subgrupo dos Wari
Tokorom Mip	Oro Nao’
Yamain Yiprai	Oro Nao’
Manim	Oro Nao’
Tem We’	Oro Nao’
Wem Kap	Oro Nao’

QUADRO 06: ORO WARAM, Awo Kamip, Agosto de 2017.

Esses sabedores acompanharam os missionários da Missões Novas Tribos do Brasil juntamente com o Serviço de Apoio ao Indígena no contato com os Wari em 1956.

Missionários que participaram do contato com os Wari

Nomes	Agência Missionária
Richard Sollis	MNTB
Royal Taylor	MNTB
Joe Moreno	MNTB
Abrahan Koop	MNTB

QUADRO 07: VILLAÇA, Aparecida. 2006, p. 371.

O contato do povo Wari’ com o não indígena foi de grande tensão e impacto, já resultou em várias doenças e mortes nas aldeias recém- construídas pela etnia Oro Nao’, juntamente com os missionários. Essa foi a maior força tarefa que se propuseram a fazer para que todas as etnias se concentrassem em uma nova moradia.

Awo kamip oro waram, assim contou:

> “Nós do subgrupo Oro Waram, antes do contato com o homem branco, nunca tivemos uma Aldeia só para todos morarmos, sempre tivemos várias aldeias para cada etnia diferente. O homem branco sempre andou perseguindo a gente no mato. Eles já mataram muitos parentes nas aldeias. Não vivemos tranquilamente e sempre nos mudamos para lugares diferentes com medo do homem branco. Enfrentamos os brancos com flechas. Só que a gente não tinha armas de fogo que como eles e quando tivemos contato com não índio, nunca gostamos deles. Porque eles já mataram muitos parentes. Quando tivemos contato com eles, muitos parentes foram mortos pelas doenças deles, eu vi com os meus próprios olhos e é muito triste ver os parentes morrendo”. (Awo Kamip Oro Waram, Abril de 2017.

Todas essas informações contadas pelo sabedor tradicional Awo Kamip Oro Waram, foram praticamente guardadas nas memórias e transmitidas aos jovens para que eles possam conhecer os principais problemas enfrentados durante esse período. O povo Oro Waram afirma, que por causa do não indígena, não viveriam mais completamente tranquilos, como antes, nas antigas malocas tradicionais. Muitos dos sabedores já se questionavam muito antes, pois com suas inteligências realizaram e tinham suas previsões do que iriam acontecer com o povo Wari’.

Hoje, as situações dos Wari’ subgrupo Oro Waram, em relação às tradições

culturais e suas peculiaridades, está sendo cada vez mais prejudicadas por consequências do não indígena em diversos espaços de conhecimentos culturais, por não saber em lidar com isso e não praticarem. Com todas as consequências trazidas pelos "brancos" finalmente foram demarcadas terras e isso foi um avanço para populações indígenas do Brasil.

3.3 Festas tradicionais do povo Wari' subgrupos Oro Waram, Oro Mon e Oro Waram Xiyein.

Os Wari' do subgrupo Oro Waram eram unidos e possuíam os seus próprios territórios, buscavam os instrumentos que serviriam para as festas, das quais os sabedores tradicionais, sempre repassavam seus conhecimentos de anciãos para seus filhos. Esses sabedores organizavam primeiramente os adultos que tinham talentos de se expressar melhor, de cantar e ensinar os passos de todos os ritmos das músicas cantadas.

O mesmo sabedor convocava os jovens para assistirem no máximo três dias de danças e em seguida eles entravam no meio dos grupos e acompanhavam os passos e os cânticos cantados pelos sabedores tradicionais. Durante quinze dias, no máximo, os ensaios finalizavam coletivamente, com muita alegria e esperança de que chegassem as aldeias e as etnias convidadas para as festas participassem.

Assim, os Oro Waram recolhiam todos os ingredientes e objetos principais que serviriam para a festa como: pintura de jenipapos, penas de aves e pintura de urucun acompanhada um (hrowin) pote de tambor, feito pela argila e recoberto com fitas de caucho, muitas vezes, os Oro Waram chegavam de surpresa nas aldeias, com desenhos de vários tipos de animais ferozes.

Em relação as pinturas corporais dos Wari', foram coletadas as informações pela sabedora Tatoyi, que mencionou a importância de pintura que representam o valor de sua identidade como histórias, memórias que são ligadas no sentimento cultural e foram coletadas no campo de pesquisa duas cores mais usada como o preto do jenipapo e o vermelho do urucum Segue o tabela 12 Abaixo:

Materias usados para pintura dos Wari’

Língua Materna	**Língua Portuguesa**
Komi’ Orop	Liquido de jenipapo
Moyi Mawin	Urucum

QUADRO 08: ORO WARAM, Francisco, Agosto de 2019.

Todas as pinturas do jenipapo são usadas exclusivamente para produzir materiais gráficos no corpo dos Waris’sempre associados com elementos da natureza, sendo o urucum apenas que tem dois processos que são necessários onde é aplicado misturado como óleo de babaçu e óleo de gongo (lagarta de se alimentam do coco).

Os Wari’ enchergavam a pintura Mawin útil para usar na festa e utilizava também para afastar a tristeza e a doença, principalmente em caso de criança recém-nascida. As mãos e os pés eram partes principais pintadas com jenipapo. Além disso, para evitar que o bebê ao levar a mão à boca sugasse o sangue do parto para não prejudicar no crescimento e principalmente na nutrição da criança.

Em relação ao Wari’ que estava triste (tomi’xaxa) ou doente (kati) a pessoa era pintada somente com urucum vermelho para espantar alguns espíritos invisíveis que procuravam atacá-lo.

Foi apresentado para os sabedores tradicionais o trabalho dos alunos da licenciatura Intercultural sobre a pintura corporais dos Wari’e foram lidas em sequências para eles e aprovaram e confirmaram a veracidade dos trabalhos segundo os alunos relataram. Esses alunos foram: Ariram Cao Orowaje, Edna Cao Orowaje, Jap Mete Verônica Oro Mon, Wan E’ Oro Waram Xijein, Wem Cacami Cao Oro Waje.

Existem desenhos específicos para cada região do corpo e também específicos para homens e mulheres. Há pintura para o rosto, braço, costas, pernas, assim como tamanho, significado e momentos certos para utilizá-los que devem ser conhecidos pelas pessoas que está usando, conforme o quadro demonstrativo abaixo:

Algumas pinturas do Wari'com jenipapo

Língua Materna	**Língua Portuguesa**
Oroxita	Uma espécie de lagarta
Piniwin	Uma espécie de lagarta
Kaowiyikam	Cipó (mais fino),pintura só para mulheres
Wutu wutu	Cobra preta
Mayiwao	Espécie de cobra
Xepana	Tronco de árvore,pintura só para homens
Paxam	Pássaro pica-pau
Tikiram	Espécie de bolsa feita de palha
Pa'krop'	Peixe piau
Kopakao'	Onça pintada
Kap	Lagarta grande
Mamram	Peixe Piaba
Yam	Sombra
Xaxao'	Tipo de lagarta
Oropitin	Tipo de lagarta pequena
Iriman	Tipo de marimbondo
Witinain Krawa ka' Xrao wa pain Mawin	**Nomes de algumas pinturas com urucum**
Ka' xrao xine kayitrawa	Faixa vermelha na testa
Pa'am	Faixa nos olhos
Toto' nain mawin	Untar todo o corpo com urucum

QUADRO 09: A. CAO OROWAJE, E. CAO OROWAJE, J.M. V. ORO MON, *ET AL*, 2018, p. 32.

Podemos verificar o quanto ainda temos a aprender, e que na cultura Wari'a pintura corporal é extremamente marcada de vários significados importante para o grupo. Além de aprender, compreendemos a importância da pintura corporal no passado e no presente, e que não podemos deixar de resgastar, manter e praticar algo que faz parte de nossa identidade.

Segundo o sabedor indígena Awo Kamip Oro Waram, todas as músicas que foram cantadas pelo seu povo possuem significados de diversos sentimentos como amor, floresta, terra, água e espirituais.

Informou também que os Wari' possuíam quatro principais tipos de festas que gostavam de usar para visitar os parentes de outras aldeias, conforme descrição abaixo:

Demonstrativo das festas tradicionais do povo Wari.

Língua Materna	**Língua Portuguesa**
1ª Tamra /Kapiwa	1ª Música “vamos dançar e ver parente”
2ª Hiroroin’e Hitop	2ª Flauta e grupo de bebedores
3ª Kawayinwa	3ª Pesca pra mim, caça pra mim
4ª Iyaya e’	4ª Música específica para mulheres

QUADRO 10: ORO WARAM, Francisco, Agosto de 2018.

Os sabedores tradicionais que foram entrevistados relatam que as principais festas (Tamra) são essas: Tamra Kapiwa, Hiroroin Hitop, Kawayinwa e Iyaya, como as mais praticadas é relatada pelo Wari’. O respeito pelas nossas tradições culturais orais como no ritual do Kawayinwa.

Kawayinwa (festa)

IMAGEM 12: ORO WARAM, Francisco. ORO MON: Rute e Tatoyi. Lage Velho. Filmagem digital celular. Setembro de 2016.

Este ritual foi realizado em setembro 2017 na aldeia Laje Velho, com a participação dos alunos de 6º ano ao 9º ano, no qual, depois, fizeram uma redação sobre suas experiências vivenciadas na pescaria. Foram três dias de festas, comendo peixes assados pescados pelas mulheres.

O ritual kawayinwa acontece sempre no período de verão, no mês de setembro ou outubro, não tem uma data definida pelos sabedores, quem pede primeiro o convite, podendo ser tanto eles os homens quanto as mulheres. Quem pede primeiro deve ser atendido podendo

ser tanto o homem (trama) quanto as mulheres (narima). Os desafiados caçam animais das florestas, preparam o veneno (que é o cipó) para matar o peixe e pescam. A preparação do veneno já está desaparecendo devido destruir muito filhotes do peixe e por poluir o rio.

Geralmente o ritual está contemplado no calendário da Escola Indigena Estadual de Ensino Fundamental Wem Kanum Oro Waram e atende às especificidades do povo e respeita-se seus costumes tradicionais conforme (LDB, art.28).

> "Quando uma mulher (narima) pede ao homem (trama) "pesca pra mim", "caça pra mim" (pa' mi ne krawa, pa' mi ne ham) o trama ou a narima aceita o convite. Neste ritual, os homens, as mulheres e as crianças se respeitam e se ajudam mutuamente na preparação da dança (kapiwa), da caça (ka' pawa krawa), da pesca (ka' pawa ham) e dos alimentos como: a chicha (krawa tokwa), a carne assada (ka' xain ne krawa); na distribuição destas, na confecção dos instrumentos musicais (ka'mi' xine oro trakom) e nas pinturas corporais (ka'xrao'xine oro kwrexi') ..." Awo kamip' Oro Waram, Abril de 2017.

Assim, atende as pecularidades do povo Wari', dos subgrupos Oro Oro Waram, Oro Mon e Oro Waram Xiyein, respeitando ao fluxo das atividades econômicas, sociais e culturais das comunidades indígenas da aldeia Laje Velho.

A apresentação no dia 19 de abril de 2017, foi organizado pelo professor Francisco Oro Waram demonstrando algumas festas tradicionais do povo Wari' dos subgrupos Oro Waram, Oro Mon e Oro Waram Xiyein.

Tamra (festa) tradicional na aldeia Laje Velho

IMAGEM 13: ORO WARAM, Francisco. ORO MON: Toyi, Haren, Iape,Yamain, Valdemar. ORO WARAM: Carlito. Laje Velho. Filmagem digital celular. Agosto de 2017.

> “Quando uma etnia desejava kapiwa, ela ia visitar os parentes e aproveitava para ir buscar a taboca (que eles não tinham) para fazer as flechas (kiwo). Kapiwa é uma festa coletiva, com a participação nukukun mon ‘trama’ (Homem), das ‘narima’ (mulheres) e dos ‘hiyima ko’xo hroin nana’ (jovens moços). Muitas vezes, era feita de surpresa, outras, o anfitrião convidava os parentes para festejarem, momento em que ele se responsabilizava por tudo. Primeiramente, ensaiavam todos os dias juntos e se preparavam para a festa. Os sabedores Wari eram os responsáveis pelas pinturas corporais (xrao’) a base de jenipapo (orop) e de urucum (mawin), pintavam com figuras tradicionais que possuem vários significados como: os animais ferozes, venenosos... ’’ (Harein Oro Mon, Abril de 2017).

Essa festa é feita por uma etnia de uma aldeia para visitar a outra etnia de outra aldeia com músicas ensaiadas, tendo por base o respeito e a confraternização do povo Wari.

A festa tamra kapiwa também está inserida no calendário escolar, inclusive a semana de comemoração do dia 19 de abril, assim como todas as festas culturais de acordo com a legislação vigente. Antes do contato com o não indígena a Kapiwa ocorria na época da seca e no outono, mas atualmente não ocorre mais nesse período, havendo apenas uma lembrança nesse dia como uma marca cultural do povo Wari.

Hiroroin (flauta) acompanhada pela festa

IMAGEM 14: ORO MON, Vânio. Lage Velho, Filmagem digital celular. Fevereiro de 2019

Nas festas culturais os instrumentos de flautas de bambu serviam para avisar os donos da aldeia, e informavam que os tatrim (estrangeiros) chegavam para tomar as chichas de milho oferecido pela aldeia.

> ‘’ O trama (homem) tinha seus instrumentos próprios, que eram feitos por eles próprios individualmente e cuidavam para não quebrar essas flautas de bambu, os trama que chegavam ali no espaço da festa, assopravam vários tipos de flautas com som muito alto, os bambus (taboca), mediam dois metros de comprimento e eram acompanhados com ouriço de castanha, ovos de mutum e ovos de patas domesticos, colocados nas pontas das flautas, chamada Hiroroin.’’ (VILAÇA,

2006, p.119).

Os principais instrumentos musicais tradicionais eram as flautas (hiroroin), que é formado por uma taboca de bambu medindo dois metros de comprimento e assentada na ponta com o ouriço de castanha.

Há também outro instrumento chamado (heim), que é formada por uma taboca com dois metros de comprimento com a ponta formada por ovos de mutum (me'komowa) e pata (tak nain kom). O wakam é formado por madeira e mede meio metro de comprimento e possui uma abertura lateral.

Hitop (festa) acompanhada pela taboca no IFRO.

IMAGEM 15: ORO WARAM, Pascoal. ORO MON: Leia, Tailane, Erica. ORO WARAM; Cilene, Franciele, Pâmela, Jacinaira, Crislaene. ORO EO: Edilene. Elaine Oro Não'. Guajará-Mirim. Filmagem digital celular. Maio de 2017.

A apresentação da dança Hitop realizada pelas alunas no pátio do Instituto Federal de Rondônia-IFRO significa que as jovens indígenas valorizam a cultura tradicional do seu povo. Além disso, é uma troca entre duas realidades sociais de forma diferenciada.

Segundo, o sabedor Awo Kamip Oro Waram informou que essa festa frequentemente acontecia nas aldeias mais próximas. Como no caso Oro Mon, Oro Waram Xiyein e Kao' Oro Wayi, que pertencem ao território do Oro Waram, os convidados chegavam dançando em linha e imitavam alguns tipos de animais tipicos. De acordo com Vilaça:

> […] quando a bebida estava pronta, os convidados, homens, mulheres e algumas crianças que entraram na linha de dança por brincadeira, se aproximaram andando literalmente, em linha, tocando flautas transversais e doces de bambu, de diversos tamanhos. Nessa festa não se canta, so os sons das flautas, segundo eles, imitam

pássaros e rãs. […] (VILAÇA, 2006, p.124-125).

Os homens eram castigados pelas mulheres com a chicha azeda fermentada de milho ou patuá, os convidados não aguentavam e acabavam caindo no chão ficando inconsciente. Levava um bom tempo para se recuperarem daquele momento. Acreditavam que yatam (caimbra) era um sinal de perda de inconsciência dos convidados. Os anfitriões diziam: "nós matamos tatrim (estrangeiros)" (Tatoyi Oro Mon, agosto, 2017).

Atualmente, a comunidade da aldeia Laje Velho dos Wari' dos subgrupos Oro Waram, Oro Mon e Oro Waram Xiyein, não praticam mais essa festa Hitop, devido à taboca especifica para confeccionar esses instrumentos estar fora da Terra Indígena Igarapé Laje Velho e os grandes fazendeiros não permitem a entrada dos Wari'.

As lideranças ja questionaram a FUNAI para encaminhar um documento para o dono da fazenda pedindo autorização de entrada, somente para retirar a taboca até momento ainda não tomaram providências.

Iyaya - festa especifica para mulheres - no IFRO.

IMAGEM 16: ORO WARAM, Francisco. Alunas ORO WARAM: Franciele e Cilene. Érica Oro Mon. Laje Velho. Filmagem digital celular. Maio de 2017.

Na apresentação da dança Iyaya específica para as jovens e mulheres indígenas do povo Wari', as jovens são preparadas pelas sabedoras tradicionais e demonstram que têm habilidades de dominar os ritmos das músicas cantadas nessa festa.

A sabedora Tatoyi Oro Mon lembrava que essa festa era específica para as mulheres. Geralmente, elas cantavam sentadas e tocavam um hrowim acompanhando os

cânticos, cada um minuto e meio, permaneciam com o hrowim nas mãos das mulheres jovens e depois repassavam para as companheiras, até amanhecer o dia. Enquanto as mulheres cantavam aos maridos que bebiam chichas preparadas com o dono da casa.

Todas essas festas tradicionais dos Wari'dos subgrupos Oro Waram, Oro Mon, Oro Waram Xiyein eram parecidas, menos a dos subgrupos Oro Nao', Oro At e Oro Eo', as maneiras de festejos eram diferentes de acordo com seus costumes tradicionais. Em todas as festas, os anfitriões ofereciam aos convidados peixes assados, pamonhas de milho, peixes moquecados e chichas.

Geralmente, os instrumentos eram pendurados na horizontal. Os músicos sabedores que tocavam em duplas produziam as altas batidas, utilizavam dois pedaços de pau que mede 12 centímetros de comprimento. Assim como mostra a imagem (17) em que um sabedor toca no Wakam.

Wakam (Pedaço de madeira) tocado pelo sabedor.

IMAGEM 17: ORO WARAM, Francisco. Sabedor Xowa Oro Mon. Lage Velho, Filmagem digital celular. Abril de 2016.

Apresentação do Wakam tocado pelo sabedor tradicional Xowa Oro Mon, essa apresentação foi no dia 19 de abril de 2016 na aldeia Laje Velho na qual a maioria do povo observava a habilidade do sabedor.

4. SABERES, CONHECIMENTOS E CULTURA DO POVO ORO WARAM.

4.1 Os Mitos Wari' dos subgrupos Oro Waram, Oro Mon e Oro Waram Xiyein.

Existem mais de dez mitos com versões diferentes de todas as etnias, conforme os ancestrais do Wari', mas registrarei apenas seis deles nas versões dos subgrupos Oro Waram, Oro Mon e Oro Waram Xiyein que contavam e contam até hoje, as mais marcantes histórias contadas pelos sabedores indígenas Awo Kamip Oro Waram e Ko Um' Oro Waram, são dentre elas o grande Dilúvio ou a Alagação.

4.1.1 A Grande Alagação

Começa a cair chuva. Chove muito forte toda manhã. Continua caindo com a mesma intensidade o dia e a noite. Dia e noite chovendo.

Uma chuva muito forte, não diminuiu em nem um momento sequer. Muitos dias e noites chovendo. As pessoas já estavam com muita fome. Às vezes parecia que ia parar, mas nunca parava.

Já era outro dia, as pessoas se juntaram para conversar de manhã cedinho, olharam para um lado e estava vindo caminhando, uma velha que carregava um paneiro (koko) nas costas.

Um grupo disse aos companheiros:

— Acendam o fogo para a nossa vovó,

Porém, ela ficou pouco tempo e se despediu,

— Já vou embora, meninos. O Disse ela.

Por que você não espera a chuva passar vovó?

— Não. Já vou! Porque quero chegar logo.

Continuou chovendo, assim que ela saiu só se via água correndo para um lado e para o outro. Os peixes começaram a subir, acompanhando a correnteza das águas e os homens começaram a flecha-los.

Um homem compreendeu a situação e disse a sua família:

— Vamos embora! Vamos sair daqui agora!

Assim que ele e sua família saíram, escureceu e relampejou. Era uma grande chuva, um grande temporal!

Em todo lugar, por todos os lados, começou a ter correnteza, no quintal ou dentro de casa, na mata. As pessoas ficaram todas desesperadas e não sabiam o que fazer. Era tanta água que todas as pessoas morreram. Só sobreviveu quem já tinha fugido: o homem, a mulher e as três filhas que reconstruíram novamente as famílias.

A velha não era uma pessoa de verdade, apenas tinha se transformado em vó (Apa') para trazer a grande alagação. Assim os mais velhos contavam a história de dilúvio do Povo Wari'. O sabedor Oro Waram lembra-nos como é importante que os professores e outros comecem a escrever os nossos mitos para nossas histórias não se percam. (Ko Um Oro Waram, Novembro de 2016).

Para comparar essa versão de mito de alagação, os Wari' do subgrupo Oro Yowim contam a mesma versão. Os sabedores Harem Winaitain, Ko' Um e Wem Prawan do subgrupo Yowim, atestado pelos anciões locais, relatam que houve uma grande alagação e a reconstrução do povo Wari' a partir de duas famílias, segundo eles, assim diziam os seus pais, no texto infracitado, intitulado por "A grande alagação e a reconstrução do povo a partir de uma família".

> ''Nossos pais contavam….Naquele tempo, começou a chover. Chovia dia e noite sem parar. Os dias passavam e a chuva, os rios sairam no seu leito e invadiram a terra firme, alagaram os caminhos, as casas, os roçados. Uma velha caminhava debaixo da chuva com paneiro nas costas, era o espirito da chuva (a dona da chuva). Aproximou-se de uma aldeia fingindo que estava passando, os wari' a chamaram: "Vem cá vovó, vem aquecer-se ao fogo. " A velha entrou numa casa, ajeitou o fogo e pouco depois se despediu: "Já vou embora, meninos! "; " - Espera, vó! "; " – Não, tenho que ir" e foi embora. Começou a subir todo tipo de peixes: matrinxã, jejum, surubim, traíra, mandis, cará, curimatã, tucunarés, os wari' flecharam muito peixe. A chuva continuva a cair. Não se via mata e nem terra, via-se uma coisa só: água! Água por todo canto. Um homem "avisado" resolveu ir embora e chamou os parentes que muito ocupados em flechar peixes não lhe deram ouvidos. A esposa concordou em ir embora e o casal saiu da aldeia com os filhos. Com muita dificuldade chegaram a roças, subiram no paiol de milho e se mudaram. Pela madrugada ouviram um grande barulho, era a terra que afundou uma vez. O pai pensou que os parentes deviam ter morrido e chorou, chorou até amanhecer o dia. Depois foi reparar a aldeia, não encontro nem casa nem gente. De volta, contou para a esposa que chorou muito. Choraram muito. Passaram-se um, dois anos numa grande tristeza. No terceiro ano, o homem disse para a esposa: "Vou atrás de gente". Saiu pela mata procurando de um lado, do outro… até que achou vestígios sem saber se era Wari' ou inimigos, de volta, contou para a esposa. No dia seguinte, tomou o mesmo caminho. Chegando perto de uma roça ouviu mulheres conversando, ele se escondeu até que criou coragem e agarrou uma mulher que gritou e as outras mulheres se aproximaram. O homem contou a alagação, a terra que inundou e a morte dos parentes…. Quando soube que a família da mulher era grande, o homem disse que tinha filhas para oferecer, deu a volta e um rapaz e viu que ele tinha rabo. Achou um rapaz com o rabo mais curto e bem enroladinho, então perguntou-lhe se queria casar com a sua filha. Depois encontrou um rapaz sem rabo

> e fez a mesma pergunta. Ambos aceitaram. O homem convidou-os a descer da serra e fazer suas casas em baixo. Todos concordaram, pois, a moradia deles era uma gruta com uma entrada estreita. Os pais eram muito gordos e não puderam sair, ficaram presos na gruta. Então, gritaram: "suas mulheres vão ficar pequenas e não vão passar de sua cintura. É por isso que hoje, as mulheres são menores do que os homens. As filhas tiveram filhos, netos, bisnetos... e com o tempo, o rabo foi encurtando, até desaparecer (…)'' WINAITAIN *apud* ARRUDA, 1997, p 1)

4.1.2 Um Wari' transformou-se em Orokot (O Fantasma)

Este mito também é contado pelo povo Wari' do subgrupo Oro Waram, sendo muito forte ainda na nossa cultura e os mais velhos contam até hoje. Com essa dissertação vai fortalecer essa história e incentivar o nosso povo a contá-las.

Os ancestrais do povo Oro Waram contam que um wari' (gente) foi caçar e encontrou um bicho (orokot) no meio do caminho. Com muito medo, começou a correr e o bicho percebeu que o homem estava fugindo, então começou a persegui-lo, mas não conseguia pegá-lo porque ele corria mais do que o bicho.

O homem conseguiu chegar à aldeia e contou aos parentes que tinham visto um monstro bicho. No outro dia, os homens convidaram-no para caçar, ele foi com os parentes. Quando eles chegaram da caçada, as mulheres foram preparar os animais que eles tinham matado para cozinhar. O homem que tinha sido perseguido pelo monstro escolheu a caça mais gorda para comer.

Ele voltou para a casa dele e chamou a esposa para tirar a lenha e foram juntos, mas disse a ela:

—Fique aqui me esperando que vou pegar a lenha, não fique com medo de mim, porque vou me transformar num bicho monstro.

A mulher ficou esperando o homem enquanto ele voltou para assustar seus parentes na aldeia. Quando os parentes na aldeia viram que um bicho monstro (orokot), vinha chegando, ficaram assustados e gritaram:

— Olhem, olhem, o monstro bicho!

Todos começaram a correr para o mato e se esconder.

Ele veio chegando, rolando, rolando, até que chegou perto de uma vasilha no fogo, meteu a mão dentro dela e tirou a caça mais gorda. Depois voltou para onde a sua mulher estava e comeram a carne no mato, escondidos, estavam comendo escondido porque já tinham levado pamonha para comer no mato. Quando terminaram de comer, foram tirar a lenha para

voltar para casa e para ninguém desconfiar pegavam o paneiro e colocavam o resto da comida no fundo e lotavam de lenha por cima da carne gorda assada.

Quando chegaram em casa, ele perguntou para os parentes:

— Por que vocês gritaram tão fortes?

— Nós vimos um bicho enorme, por isso gritamos. — Responderam os parentes.

Durante muito tempo o homem bicho assustou e comeu as caças gordas das pessoas da aldeia. Outros povos das aldeias vieram os Oro Mon, Oro At, Oro Waram, Oro Waram Xiyein e Oro Yovin, também vieram para ver como era o orokot, mas ninguém tinha coragem de matá-lo, pois ficavam com muito medo.

Os Oro Eo' que vieram por último, conseguiram matar o orokot. Os homens guerreiros Oro Eo' ficaram escondidos em cima das casas para flechar o orokot. e foi assim que conseguiram matá-lo após acertarem várias flechas nele.

Só depois que mataram, descobriram que era próprio parente que se transformava no orokot. Cada Wari' do subgrupo conta o mito em versões diverentes. (Awo Kamip Oro Waram, novembro de 2017).

4.1.3 O sapo e o pica – Pau

Vamos contar a história de como surgiu o pé de castanheira. Segundo os sabedores tradicionais foram narrados, assim:

Certo dia, um passarinho que se chamava pica - pau engravidou e ninguém soube de quem ela havia engravidado. Alguns dias depois, ela deu a luz. Sabe o que o que nasceu? Um sapo cururu! O filho dela foi crescendo, crescendo, até a idade certa de se casar. Ele se casou com uma menina linda da aldeia, só que essa menina estava compromissada com outro homem, mas o sapo não queria saber se ela tinha marido ou não. O povo dessa aldeia tinha medo do sapo e de sua mãe pica – pau. Porque o sapo e sua mãe pica – pau tinham o poder de matar seres humanos.

Alguns dias depois, um bando de japó passou na aldeia onde o sapo e a sua mãe moravam. Ele estava dormindo quando a sua mãe lhe chamou:

— Sapo, meu filho! As crianças já levaram suas flechas!

— Ué! — Exclamou ele.

Rapidamente se levantou e foi na direção do rio, próximo da aldeia. Ao chegar ao

local, observou que não tinha ninguém por perto para não descobrir o seu segredo. Ele deixava a sua flecha na beira do igarapé e, em seguida, ele mergulhava para pegar os peixes. Enquanto isso, sua mãe ia pegar os gongos de patoá para sua nora. Na ausência dos dois, do sapo e da pica-pau, o marido legítimo levava a sua esposa para tirar frutas e, principalmente, para fazer amor com ela.

Antigamente não tinha relógio, eles observavam a direção e a altura do sol para marcar o horário. O marido da mulher via que os dois iam chegar naquele momento e ia deixar sua esposa na casa do sapo. Alguns minutos depois, o pica – pau chegou com uma moqueca de gongos, entregou nas mãos de sua nora e, em seguida, o seu filho sapo chegou cheio de peixes e jogou no jirau. A mulher levantou e deu chicha para o sapo e ele ficou muito satisfeito.

Como era costume deles, a mulher distribuiu os peixes para sua família e todos comeram os peixes do misterioso sapo.

A mulher bonita, a que o sapo escolheu para se casar, fazia tudo para ele, mas não tinha relações sexuais com ele, tinha apenas com seu marido legítimo. No ano seguinte, ela engravidou do seu marido e sua barriga estava aparecendo. O pica–pau, mãe do sapo, ficou muito contente, porque pensava que a criança que estava na barriga da mulher fosse do seu filho.

O pai verdadeiro da criança tinha falado com sua esposa para envenenar a chicha que o sapo bebia, todos os parentes e familiares da mulher combinaram para acabar com a vida do sapo. Mas tinham medo que o sapo e sua mãe descobrissem e a matasse.

No dia seguinte, o bando de japó passou novamente na frente da aldeia, e sua mãe lhe chamou:

— Sapo, meu filho! As crianças já levaram suas flechas!

— Ué! — Respondeu ele.

Pegou suas flechas e foi rumo ao igarapé onde ele costumava pegar muitos peixes. Após a saída do filho, a mãe também saiu para tirar gongos de patoá. Depois que os dois saíram, o marido verdadeiro foi buscar sua esposa para fazer a chicha misturada com veneno. Depois que preparam a chicha com veneno, os pais da mulher deixaram o pote de chicha na casa do misterioso sapo e pediram para sua filha aguarda-lo.

Pouco depois, o pica–pau chegou com moqueca de gongos de patoá, seu filho sapo também chegou com muitos peixes e colocou no jirau da casa, a mulher levantou e perguntou:

— Você quer chicha?

— Ué. — respondeu ele.

A mulher pegou um pote de barro e deu a chicha para o sapo misterioso. Ele estava

com tanta sede e fome, que bebeu à vontade. Em seguida, a mulher começou a distribuir os peixes para a sua família, todos comeram e ficaram satisfeitos com a refeição.

Após jantarem, todos foram dormir com a barriga cheia, enquanto o sapo estava com a barriga inchada, com muito vômito e diarreia. Na madrugada, o sapo faleceu e sua mãe não percebeu que o seu filho tinha morrido. A mulher viu toda a tragédia, mas ficou calada, fingindo que não sabia. Ao amanhecer, o bando de japó passou novamente e sua mãe pica – pau lhe chamou:

— Sapo, meu filho, levante! As crianças já levaram suas flechas!

E nada do sapo responder. Ela chamou várias vezes, não se conformou e foi até a cama onde ele dormia. Ao chegar ao local, ela sacudiu o sujeito, ele estava morto e duro. Começou a gritar:

— Meu filho! Mataram meu filho querido! Por que fizeram isso contigo? Seu filho está perto de nascer. — ela lamentou bastante.

O marido da mulher e seus irmãos foram até o local e queimaram o corpo do sapo, porque na nossa tradição comem os mortos e depois queimam os ossos, os espíritos vão diretamente bem longe e moram embaixo da água, com outros que já faleceram.

As famílias falavam:

— Estamos livres do sapo, falta só a velha pica – pau.

— Nós vamos dar um jeito de acabar com a vida dela também. — disseram os homens.

Ela vivia mais no mato do que em casa, porque estava planejando como vingar a morte de seu filho.

Duas semanas depois, nasceu um lindo menino, filho da mulher que estava grávida. Toda a família cuidava muito bem da criança, eram carinhosos porque sabiam que o pica – pau seria capaz de matar a criança, devido à criança ser gente e não sapo ou pica – pau. Quando ela soube que a criança tinha nascido, ela perturbou aos pais da criança para ver o menino.

— Quero ver o meu neto para dar um presente para ele. — ela dizia.

Os pais não a deixaram ver a criança, porque sabiam da sua intenção de matar o bebê. Todos os dias perturbavam aos pais, queria pegar o bebê. Ela mandava a mãe fazer necessidade, até que um dia, a mulher não aguentou mais a perseguição. Então falou:

— Eu vou entregar meu filho, mas sei muito bem que você irá matá– lo.

Quando a mãe entregou o seu bebê na mão da velha pica-Pau, sabia que seu bebê ia morrer. Depois que pegou a criança, ela foi em direção ao mato.

A mãe ia sentar para fazer a sua necessidade, quando ouviu o grito do bebê, gritou:

— Eu sabia que você ia matar meu filho.

A velha pica-pau disse:

— O que foi meu neto? Onde a formiga te ferrou?

A mãe correu na direção do filho e pegou do colo da velha. Ao pegar o bebê, a mãe observou logo um furo na cabeça dele e a velha pica–pau voou sumindo na floreta.

A mãe levou o bebê para sua casa e fizeram uma cova dentro dela para enterrá-lo. Após o enterrarem, os parentes prepararam as flechas para acabar com a vida da velha pica – pau. Foram para o mato procurá-la, quando acharam a maldita, mataram-na com flechadas e deixaram seu corpo na mata.

Na volta, os homens, que já estavam distantes do corpo, ouviram uma voz estranha atrás deles.

— Olhem! — disse uma voz para o grupo de homens.

Ao olharem para trás e notaram que a velha pica – pau ainda estava viva. Disseram:

— Oba! Ela está viva. E começaram a esmagar sua cabeça e seguiram novamente seu caminho, a voz retornou a falar:

— Olhem!

— Oba! Ela está viva.

Os homens voltaram outra vez e esmagaram as asas, pernas, unhas e corpo inteiro. E seguiram de novo em direção ao caminho. Ela falou novamente:

— Orelhão!

— Oba! Onde será a vida dela? — e turma voltou de novo e imaginaram — Mas já está tudo esmagado. O que está faltando? Deve ser o pinguelo dela.

Começaram a esmagá-lo até o fim. Seguiram de novo o caminho de volta, mas de repente, ouviram um barulho igual ao escorpião, porém seguiram a viagem e comemoraram a morte da velha.

— A morte dela estava mesmo no pinguelo. — disseram os homens guerreiros.

Dias depois, brotou uma planta em cima da cova do menino e a mãe cuidou até a planta crescer, não ficou muito alta, ficou baixa, não passando da altura da casa. A planta cresceu e deu fruto.

Logo depois, começaram a comer o fruto da árvore e descobriram que era castanha. Porém, os pais ordenaram que tirassem o fruto com muito cuidado para não cair no chão, por isso a mãe nunca gostava que as pessoas pegassem as castanhas, porque só ela tinha o cuidado necessário.

Mas sempre têm aquelas pessoas teimosas, que pediam para que elas mesmas pudessem tirar o fruto, a mãe confiou e uma pessoa deixou o ouriço de castanha cair no chão. A mãe se pôs a chorar:

— Eu sempre falei para vocês pegarem este fruto com muito cuidado para não o deixar cair no chão, mas vocês são muito teimosos.

Ela brigou com todas as pessoas.

Anoiteceu, todo mundo dormiu, o pé de castanha arrebentou a casa e cresceu, ficou muito alto, passando de todas as outras árvores. Ao amanhecer, os pais acordaram, viram a castanheira que crescera muito alto, então abraçaram chorando a castanheira, chamando-a para descer, como era antes.

— Desça mais, meu filho! — chamou a mãe.

— Aqui está bom, mãe. — respondeu a castanheira.

Então a castanheira, com pena da mãe, atendeu seu pedido e começou a descer, aos poucos.

— Desce mais, meu filho! Assim sucessivamente, várias vezes repetiu a mãe.

Quando ele viu que estava se aproximando das outras árvores da mata, falou à mãe:

— Vou ficar por aqui, quando vocês quiserem me comer, terão que derrubar o pé para tirar a fruta ou esperarem os ouriços caírem no chão. Os meus irmãos cutia me comerão também e assim será para sempre.

Por isso que as castanheiras são mais altas que as outras árvores da floresta. Foi assim que surgiram os pés de castanheira para o Povo Wari' dos subgrupos Oro Waram, Oro Mon e Oro Waram Xiyein; conforme narrado pelos sabedores tradicionais: Awo Kamip Oro Waram e Ko' Um' Oro Waram.

4.1.4 O homem tamanduá

Antigamente, os mais velhos contam que não existia tamanduá para os Wari' dos subgrupos Oro Waram, Oro Mon, Oro Waram Xiyein, ninguém sabia o que era tamanduá.

Um dia um homem se casou com uma mulher e teve três filhos com ela. A mãe dele não morava na mesma aldeia em que ele morava com a mulher e filhos.

Um dia ele levantou cedo para fazer arcos e flechas, passou o dia inteiro fazendo.

No outro dia, ele falou para mulher que ia visitar a irmã e os irmãos dela, pediu para

ela lhe dar chicha para aguentar chegar até a última maloca de seus cunhados.

Ao amanhecer do dia seguinte, ele levantou bem cedo e falou para a sua esposa:

— Vou visitar seus irmãos.

Ele andou, andou mais um pouco e olhou para trás, não viu ninguém, entrou no mato, quebrou uma folha de patuá e tirou a ponta da flecha que carregava e procurou um lugar para cortar a batata de sua perna.

Quando ele terminou de cortar, pegou a folha de patuá, enrolou a carne da batata da perna na folha e se levantou para retornar para casa. Ele caminhava e parava, caminhava e parava novamente, até chegar ao caminho na direção de sua casa.

Sempre que se sentava, deixava a folha e a capeba de patuá perto dele e se alguém fosse atrás dele, ele botaria a folha de patuá como rabo e a capeba no nariz. Também usaria as pontas de flechas nas unhas. Deixava as coisas perto dele, se caso alguém aparecesse, colocaria e sairia correndo transformando-se em tamandúa.

Pegou a flecha e o arco e voltou para casa. Chegando lá, ele pediu para os filhos irem pegar a carne da batata de sua perna que ele havia deixado em um toco próximo da entrada da aldeia. Os filhos não sabiam que aquela carne era do próprio pai, ele não contara a ninguém sobre o que ele estava fazendo.

Ele falou aos filhos:

— . Meus filhos, vão pegar a carne de tamanduá que os tios de vocês me deram e que deixei na entrada do caminho, lá no toco.

Quando os meninos chegaram com a carne, a mulher perguntou para o marido:

— Por que você não pegou a carne inteira?

— Mulher, não fique preocupada com a carne.

— Encontrou meus irmãos? — perguntou a mulher.

— Sim. — disse o marido.

A mulher levantou, deu chicha para ele, pegou lenha, acendeu o fogo e assou a carne. Ela não sabia que o marido tinha transformado um pedaço de carne de sua perna em tamanduá. Ele não podia comer daquela carne se não ele morreria.

Quando a carne estava assada, a mulher o chamou para comer. Ele não quis. Então a mulher perguntou:

— Por que você não quer comer?

— É muito pouca carne, eu não posso comer. — respondeu ele.

Então o marido só comeu pamonha, a mulher e os meninos comeram a carne.

Chegou um amigo dele e perguntou para ele:

— Vamos caçar amanhã?

— Eu não quero.

— Por que você quer?

— Eu não tenho arco, — admitiu ao amigo — o meu arco e minha flecha se quebraram.

Sabe por que ele disse isso? Ele não queria andar junto das pessoas para que elas não descobrissem que ele tinha transformado a carne de sua perna em carne de tamanduá.

Assim termina a história do homem tamanduá. Foi assim que surgiu o tamanduá pelos nossos ancestrais do Povo Wari'. (Ko Um Oro Waram, Outubro, 2017).

4.1.5 O fim da volta da morte

Contam os nossos antigos que no início, nós ressuscitávamos. As pessoas morriam, depois de dias voltaram e continuavam a vida, com muito mais saúde.

O primeiro homem que morreu avisou antes as pessoas da sua casa:

— Eu vou voltar, não queimem a minha casa, não quebrem as minhas flechas, nem os outros objetos do meu uso. Daqui alguns dias, eu volto.

— Está bem. — espondeu a mulher — Nós vamos esperar.

E assim fizeram, esperaram alguns dias e de fato, completado os dias, ele voltou.

Já outro que morreu não gostou, não gostou mesmo, porque quando voltou, a mulher dele já estava com outro homem. Zangado, ele bateu muito na mulher e no homem com quem ela já estava. Antes de morrer, ele chamou a mulher e o pessoal de casa e avisou que ia voltar logo.

— Está bem. — respondeu a mulher — Eu te espero.

Mas quando voltou a mulher já estava com outro homem. Os parentes dele o esperaram, mas a mulher dele não esperou. Chegou em casa e não encontrou a mulher que havia saído com o outro homem para caçar. O tio e a irmã dele o acolheram. Ele sentou-se na cama, ficou olhando... Os parentes trouxeram-lhe a chicha.

— E a minha mulher? — perguntou ele.

— Aquele outro homem a levou. — responderam – lhe os parentes.

— Não avisei que ia voltar? — insistiu o homem.

Ficou muito bravo, nervoso sentou- se e ficou esperando... Já bem à tardinha vêm

chegando a mulher e o outro companheiro, ele pegou o arco e bateu no homem, bateu, bateu até ele cair e depois bateu também na mulher, bateu, bateu até ela cair.

A mãe da mulher, a velha Huma, grita:

— Deixa ela... deixa a minha filha, seu falso! Por que você não vai de uma vez com seu maldito corpo?

De repente ele caiu de novo. Morreu. Chorando, queimaram o corpo e esperaram, porque pensavam que ele sempre voltaria.

Os parentes do morto disseram:

— Ficaram as flechas dele.

Por isso pensavam que ele voltaria, então esperaram alguns dias. Vendo que ele não voltava, queimaram as flechas.

Dizem os historiadores que nós morríamos e depois voltávamos, naquele tempo antigo.

Quando a velha que gritou morreu, ela não voltou. Era pra gente voltar se não fosse a velha que gritou para o primeiro homem não voltar. Dizem os mais velhos do nosso povo Wari' dos subgrupos Oro Waram, Oro Mon, Oro Waram Xiyein, que era para nós voltarmos para cá quando morrêssemos. Conforme narra o Awo Kamip Oro Waram.

Os sabedores informam que antes do contato já havia essa história da ressurreição dos mortos, pois era falada de geração em geração entre os Wari. Coincidentemente essa história assemelha-se a um pensamento Cristão Ortodoxo. Muitos não indígenas pensam que essa história foi adptada devido ao evangelismo dos missionários, no entanto antes do encontro dos missionários já havia essa história da ressurreição.

Acontece que muitos Wari acreditavam que quando um deles morria de acidente com algum animal, deveria a família lavar o corpo do ferido com chicha azeda. Segundo os sabedores esse Wari este ferido sobrevivia por alguns dias depois morria de novo definitivamente.

4.1.6 O homem que quebrou o pênis

Antigamente tinha a história do homem que quebrou seu pênis por causa de uma mulher. Essa mulher tinha marido e arrumou um namorado. O marido dela não sabia que ela estava namorando outro rapaz. Todos os dias, o marido ia para o mato caçar. Muitas vezes o namorado tinha coragem de ir namorar na casa dela. Sempre foi assim.

A mulher inventava de fazer chicha e pamonha para ir até o rio e neste momento ela tinha os seus encontros amorosos. O namorado dela combinava direitinho para esperá-la no mato onde fica o caminho da água.

Ela pegava a panela de barro para ir buscar água a fim de fazer a chicha, andava, andava mais um pouco, e olhava onde o namorado estava. Na ida, ela passou direto para pegar água e na volta ele assoviou para ela: — Vem logo. — disse ele. A mulher foi em casa para voltar logo, como havia combinado com o rapaz.

Ele não aguentou mais e seu pênis quebrou, de tão duro que estava estourou no meio. A mulher não sabia que ele iria morrer por isso, deixou a água e voltou alegre com muita vontade. Ela andou rápido, olhou para frente, viu ele morto. Ela admirou-se e falou: — O que será que está acontecendo? Virou-o e viu o pênis dele estourado no meio. — O que vou fazer com esse rapaz? Voltou para casa muito mal e triste.

Quando veio à tardinha, as pessoas sentiram a falta do rapaz, porque ele não apareceu, então começaram a procurá-lo no mato. Quando já estava escurecendo, bem à tardinha, ela disse às pessoas que ele estava morto. — O rapaz que vocês procuram, morreu porque quebrou o pênis e foi culpa minha. Ele queria transar comigo. — disse ela. A mulher acabou cantando tudo. E assim termina a história do homem que quebrou o pênis. ’’ (Narrada pela sabedora Hatem Oro Waram).

A sabedora deixou as mensagens para as meninas de hoje, disse:

— Meninas, casem e saibam que não podem trair seus maridos se os trair, vai acontecer igual ao nosso antepassado, o pênis de namorado de vocês também se quebrará.

Todas essas informações narradas pela sabedora foram coletadas com maior atenção e respeito pela sabedoria que ela carrega na memória e que nunca foram escritas na língua materna. Essa pesquisa nasceu para contribuir juntamente com os sabedores, sabedoras como registro das histórias do passado.

4.2 Sabedores e sabedoras, cada memória uma história.

Os narradores tradicionais eram exemplo em nossa aldeia Laje Velho e dependemos bastante deles no espaço escolar. Seguem os nomes dos sabedores que colaboraram em nossa dissertação:

Sabedores tradicionais da aldeia Lage Velho

Nome	**Etnia**	**Aldeia**
Awo Kamip	Oro Waram	Laje Velho
Tokohet	Oro Waram	Laje Velho
Hatem	Oro Waram	Laje Velho
Yamain	Oro Mon	Laje Velho
Harein	Oro Mon	Laje Velho
Tatoyi	Oro Mon	Laje Velho
Xowa	Oro Mon	Laje Velho
Mon	Oro Mon	Laje Velho
Ko' Um	Oro Waram	Semapa

QUADRO 11: ORO WARAM, Francisco. Agosto de 2018.

Todas essas informações narradas pelos sabedores tradicionais do Wari dos Subgrupo Oro Waram e Oro Mon vieram de excelentes pessoas que nos ajudaram diariamente nas coletas de dados de campo dando informações históricas guardadas na memória do Povo.

Através do conhecimento dos anciões, a dissertação ganhou um grande suporte para se fortalecer ainda mais, pois todos participaram com a maior boa vontade de se expresser na língua materna, os relatos de nove sabedores foram escritos em bilíngue. Os anciões são fundamentais para a aldeia Laje Velho e quando um deles morre, perdemos importantes autores das memórias do nosso povo.

4.3 Organização Social antes do contato com não indígena.

Os Oro Waram eram unidos com seus grupos e sempre tiveram líderes em seus territórios, pois com o objetivo de manter a organização da aldeia e seus costumes tradicionais, sempre havia um homem para representá-los, os quais coordenavam as festas, pescaria, caçada, roçada e até mesmo a guerra contra os inimigos.

No que se refere aos casamentos, também existiam suas regra e normas a serem cumpridas e isso era repassado. Quando um casal tinha uma filha, logo os pais chamavam um homem com mais idade para casar-se com ela assim que se tornasse uma moça. Nesse caso, o mesmo assumia o compromisso de responsabilizar-se pelo sustento da família até que a menina completasse 14 ou 16 anos de idade, momento em que os pais entregavam imediatamente sua filha para esse homem.

Quando o marido morria com pouco tempo, a viúva tornava-se esposa de um dos cunhados que cuidava de seus sobrinhos como fossem seus filhos de sangue. Além disso, existiam homens casados com duas irmãs, o que era considerado normal na visão do povo e sem nenhum problema, os homens podiam ter mais de uma mulher.

Os pais sempre escolhiam homens corajosos que buscavam a sobrevivência procurando os alimentos ou caças. Esses eram merecedores de se casar com mais de três mulheres.

Segunda Hatem Oro Waram[35], (hayam) é feito com ‘’Aliás’’ (o olho de palha do babaçu) e existe três tipos de hayam, os hayam que mede dez centímetro de comprimento e oito centímetro de largura serve para abanar as crianças no calor e outra exclusiva para ascender o fogo.

O hayam com cinquenta centímetro de comprimento e vinte centimentro de largura é próprio para cobrir a criança principalmente à noite e o outro hayam com quinze centímetro de comprimento e dez centímetros de largura, as mães produzem bastante somente para meninas em suas menstruções.

A esteira (Wi) também é feito do olho de katima (babaçu), úteis para usar no dia a dia e mede dois metros de comprimento e cinquenta centímetro de largura é servem para deitarem com suas famílias como se fosse colchão.

Assim os alunos confeccionam hayam que serve para cobrir a criança à noite com a

[35] Nasceu as margens do rio Lage na maloca em 1953, antes do contato com os não indígenas. Vive atualmente na aldeia de Lage Velho.

participação das sabedoras.

Trabalho sobre Wi[36] (esteira) com os alunos.

IMAGEM 18: ORO WARAM, Itálo. Elaine Oro Não'. ORO WARAM: Franciele, Francisco, Geniane. Érica Oro Mon. Lage Velho. Filmagem digital celular. Maço de 2018.

A Imagem 18 mostra a participação coletiva de trabalho realizada na escola na qual trabalho, na qual convidamos a sabedora Tokohet Oro Waram, da Escola Wem Kanum Oro Waram para dar aulas práticas para os alunos de como confeccionar esteira (wi) e como podem ser usadas. Todos os alunos observaram a forma de fazer wi e por último as alunas foram selecionadas para falar da importância da esteira para os Wari'. Cada aluna deu sua contribuição falando sobre a esteira.

Os Wari' acreditavam que o xamã (ko tuku ninim) era um Wari' que estava relacionado diretamente com os espíritos dos animais e acompanhava as trajetórias de espíritos do mundo universal de seu Povo.

Por esse motivo, os Oro Waram respeitavam todos os animais, seres vivos e vegetais porque possuíam espíritos. Em todas as caçadas de animais e nas pescarias, eles eram respeitados e tinham uma atenção especial até antes de matá-los, principalmente os filhotes de qualquer animal.

Em relação aos xamãs, os indivíduos geralmente desrespeitavam as regras de como respeitar e tratar os animais mortos ou vivos na casa e nos lugares de caças, sendo que no momento em que eles descumprissem as regras impostas pelos antigos xamãs Oro Waram,

[36] Wi, na língua Portuguesa é chamada de esteira, era usada como cama para os indígenas deitar, sendo que pode ser usada atualmente quando os Wari vão colher castanhas e caçar animais.

entravam neles, em seus corpos, os espíritos, tornando-os animais. Com isso, demoravam bastante para recuperarem a normalidade do seu corpo e assim que recuperavam se tornavam pajé na sua aldeia.

O sabedor tradicional Awo Kamip Oro Waram em maio de 2017, comentou um pouco sobre xamã[37] (ko tuku ninim): "Ko tuku ninim'' curavam muitas pessoas nas aldeias com os conhecimentos espirituais e todos os Wari' os respeitavam e tratavam os pajés como se fosse o seu guia espiritual que os cuidavam em qualquer situação de perigo."

Não existem mais pajés, pois todos eles converteram-se ao Cristianismo e tornaram-se pastores da Igreja Evangélica Indígena. Deixaram o animalismo, pois se sentiam maus e perturbados pelos espíritos e depois que se converteram ao Evangelicalismo Cristão sentiram-se bem segundo relato deles.

Esses pastores não deixaram as suas culturas ancestrais, pois ainda participam de festas tradicionais, muita das vezes os não indígenas acreditavam que eles tinham abandonado as festas tradicionais, no entanto eles ainda continuam nas festas tradicionais de seus antepassados. Já os mitos e rituais, os professores, lideranças, sabedores e alunos estão trabalhando na escola para reafirmar as nossas tradições culturais

No ano de 1990, os Oro Waram tinham vários xamãs adultos e jovens na aldeia de Lage Velho e Lage Novo. Na época a pesquisadora Aparecida Vilaça afirma que havia muitos xamãs no Rio Lage, Pacaás Novos e Rio Negro Ocaia. Segundo Vilaça (2006, p. 202-203), o xamã "é aquele que vê" ou seja, um ser especial que pode ser tanto humano quanto animal, na maioria das vezes, eles eram agredidos pelo espírito do animal interessado em tornar-se seu companheiro, podendo virar seu inimigo.

Com a presença da igreja não indígena, os xamas foram extintos. Fizemos um levantamento em todas as aldeias na Terra Indígena do Igarapé Laje, porém não encontrei nenhum xamã tradicional de nosso povo. Os anciões indígenas já faleceram e outros que estão vivos se tornaram pastores na Igreja Evangélica Indígena Laje Velho.

As práticas da pajelança para nós, dos subgrupos Ora Waram, Oro Mon e Oro Waram Xiyein, diminuíram nos primeiros anos após o contato com o homem branco, isso aconteceu no início dos anos 1990 na Terra Indígena Igarapé Laje.

Em 1985, a aldeia Laje Novo dependia dos pajés para o tratamento de doenças causadas por espíritos de animais, sendo a maioria os Wari'. Na visão do pajé, enxergava-se os espíritos maus que estavam nos corpos das pessoas e curavam-nas, expulsando-os.

[37] São conhecidos entre os não indígenas como os Pajés que eram líderes espirituais do povo Wari.

O pajé conversava com os espíritos e negociava a proteção dos Wari' para não serem atingidos com suas flechas invisíveis.

A dissertação visa conscientizar os alunos, lideranças e sabedores tradicionais a não esquecerem os mitos e rituais de sua história que são raízes originárias das nossas tradições.

4.4 Os Sabedores e os conhecimentos tradicionais do subgrupo Oro Waram

Através de nossa dissertação, podemos identificar e compreender o espaço que corresponde o território na qual viveram os Oro Waram e faziam as festas com outras etnias. Para os Oro Waram, o território é um ambiente sagrado que é guardado todas as memórias do passado e do presente como: festas, caçadas, pescaria, roçadas e até os genocídios que sofreram, são guardadas nas memórias do povo Wari.

O subgrupo Oro Waram já valorizava a sua língua, antes do contato, as crianças eram ensinadas a soletrar as palavras. Na tradição dos subgrupos Oro Waram, Xiyein, Oro Mon, eles nomeiam as crianças ao nascerem e quando elas crescem os pais decidem mudar o nome, pois alguns registram o nome de um parente falecido, segundo Awo Kamip Oro Waram seria para não perder o nome da família.

Outra preocupação se refere a ter filhos, o casal tinha que ter filhos, pois os pais incentivavam os jovens a casarem, garantindo e fortalecendo a identidade do povo. Os pais e os avós aconselhavam os jovens desde pequenos a serem obedientes no sentido de crescerem, terem compromisso com seu o povo e condições de se sustentar na caça, na pesca, na colheita e a protegerem sua família.

Aqueles que fossem obedientes na cultura teriam facilidade em progredirem e dificilmente morreriam mais cedo, já que eles ouviriam os mais velhos, tendo como base e referência nas suas experiências vivenciadas por eles.

Três gerações dos Oro Waram: neto, avô e pai.

IMAGEM 19: ORO WARAM, Italo. Francisco Filho Oro Waram, Awo Kamip Oro Waram e Francisco Oro Waram. Lage Velho. Filmagem digital celular. Agosto de 2018.

Os conhecimentos e saberes transmitidos pelos sabedores tradicionais não são apenas repassados pelas gerações, pois era uma forma de vivenciar, de compreender a ordem dos momentos vivenciados, mas é um conhecimento concreto de uma estrutura rígida com significados e valores para não se perder a língua materna, ou seja, a oralidade.

Com os ensinamentos dos saberes dos mais velhos, os jovens passariam a compreender que ali existia um acervo (dos sabedores indígenas) da língua tradicional, e esta é um dos elementos garantido pela cultura tradicional do seu povo, como exemplo o Kapiwa e o Kawayinwa que resistem e sobrevivem até hoje.

Nós, indígenas, percebemos que a nossa língua vai além da oralidade. Entendemos sua importância na escola que chegamos a vê-la (sentido concretizado) na escrita (xrao), algo totalmente inesperado e nunca imaginado, pois nunca havíamos visto uma escrita no papel, sempre fazíamos os riscos no chão e isso foi fantástico de se ver.

No passado, ela não tinha sido escrita e nem sistematizada, mas era registrada pelos sabedores indígenas. Cada um destes é considerado uma legítima fonte de riqueza de conhecimentos, dos quais estão disponíveis na fonte oral. Esse conhecimento tem outra dimensão que a língua escrita não possui e que estão depositadas em uma fonte viva, cheias de detalhes relacionados à cultura.

Descobrimos que a escola é um espaço fundamental, nela guardarmos nossas histórias, nossos rituais e mitos. Mas por outro lado, essa mesma escola não registrou a história, nem os mitos e rituais do povo quando surgiram na aldeia, essa escola substitui os conhecimentos tradicionais de milhares de anos do povo, nossa identidade, por outro

conhecimento.

Vieram com punição e tentaram a muito custo extinguir a riqueza do nosso povo. A escola punia quando faziam a universalização da língua portuguesa e desconsiderava todas as especificidades linguísticas do nosso povo. A materna era somente falada no espaço da aldeia sendo proibido seu o uso na escola.

Ao contrário do povo Oro Nao', os missionários incentivavam o uso da língua materna na escola com a finalidade de compreenderem sua estrutura e produzirem material escrito de evangelização na língua originária e universalizá-la.

Além de universalizar a língua Oro Nao', os missionários exigiram que cada um tivesse o nome em português. Assim, todos os alunos liam os possíveis nomes (em português) numa folha e escolheriam aqueles que gostariam de ter. Com a escola e com os missionários na aldeia, cada criança que nascia a partir daí os pais corriam na casa da missionária para escolherem o nome da criança na língua portuguesa e assim os filhos dos Wari' recebiam nomes não indígenas dados pelos missionários; conforme afirmo Tatoyi Oro Mon

Segundo Awo Kamip Oro Waram em setembro de 2017 falou sobre o estudo (xrao'): "Entendo que são armas para defender a nossa própria identidade como Wari' e outros povos diferentes".

A escrita para nós é como se fosse uma fruta, a qual se pode experimentar, sentir o seu gosto e o sabor sendo fixado, e ao mesmo tempo compartilhado. A escrita estimula a mente a pensar e a criar suas próprias histórias.

Nesse contexto, entendemos a incorporação da escola, aos "conhecimentos étnicos", sobre sustentação da interculturalidade que permiti, reordena e reinterpreta os saberes

trazidos pelos patrimônios intelectuais sociais e morais, à luz de um novo contexto em relação aos demais conhecimentos.

4.5 O subgrupo Oro Waram e sua relação ao meio ambiente

Os ancestrais dos Oro Waram tinham muitas relações com a natureza e respeitavam tudo o que existia: os animais, os vegetais e os minerais. Sendo assim, os acreditavam que todas as espécies de seres vivos e não vivos tinham um espírito que os controlavam, como se fossem o criador e cuidavam de todas as espécies existentes na natureza, ou seja, mantinham uma relação com ela, dessa maneira, acreditavam que seria um espaço de aprendizagem na oralidade.

Antes do contato, qualquer lugar e espaço na aldeia eram considerados um lugar de aprendizado. Os saberes transmitidos pelos mais velhos na oralidade era um momento onde estava presente o processo de ensino-aprendizagem da cultura tradicional Oro Waram. Toda e qualquer situação, seja nas festas, nos rituais, na transmissão dos mitos, das histórias, nas práticas cotidianas, nos afazeres e também nos momentos fúnebres de algum parente, era traduzido como um espaço de aprendizado tradicional do povo.

O saudoso Ko'Um Oro Waram relatava como os funerais dos povos aconteciam e como cada parente que morresse teria um choro diferente. Os outros parentes se comportavam e se expressavam por meio do choro conforme a pessoa e o grau de parentesco.

AwoKamip Oro Waram contou alguns tipos de educação oral: "Nos mitos, a atenção e a compreensão são importantes, pois eram contados pelos sabedores na sua maioria os anciões (honana)". Os adultos e as crianças escutavam com atenção e respeito às palavras dos mais sábios.

A educação informal é baseada no respeito aos mais velhos, pois existe entre as gerações a partilha de conhecimentos e tradições contados todos os dias conforme as necessidades dos avós e idosos da comunidade. As "crianças prestavam muita atenção na transmissão destes rituais para mais tarde repassarem as futuras gerações".

Existia a casa dos jovens (kaxa), que significa casa de formação específica dos solteiros, onde aprendiam com os pais e avós a fazer flecha, caçar e cantar. O conselho dos pais para os seus filhos era uma atividade bem rígida para os meninos (hiyima trama), não devem mexer com a mulher do outro, respeitar a moça comprometida e obedecer aquilo que o pai determina fazer.

O mesmo conselho era repassado às meninas (hiyima narima), para respeitarem o homem casado, não ‘’mexer’’ com o moço comprometido com alguém e todos os dias os pais conselhavam seus filhos, porque a briga do Wari'entre si era eles que preparam. Primeiramente era preparado a bordona (papao') feita de pupunha com dois metros de comprimento que serviam para bater na cabeça

ou no corpo e muitas das vezes as brigas deixavam os braços quebrados de alguém que são envolvidos na briga e levavam os meses para se recuperarem.

Assim que acabavam as brigas entre os Wari, eles se comprimentavam pediam desculpas entre si e logo a dona de casa ou aldeia oferecia a chicha de milho, em seguida começavam a despedir aqueles que vieram de outra aldeia para brigar. Atualmente não está acontecendo mais este tipo briga entre os Wari, conforme afirma sabedor Awo Kamip Oro Waram

4.6 Relatos dos sabedores tradicionais sobre o contexto: aldeia, casa e invasão na Terra Indígena Igarapé Laje.

4.6.1 Relato do sabedor indígena Awo Kamip Oro Waram

Awo Kamip nasceu na aldeia tradicional do povo Oro Waram, filho de Paton e de Ain Towatok que eram guerreiros pelo seu povo. Sempre foram seus pais que organizavam as festas tradicionais como Kapiwa ou tamra (festa ou música cantados por eles) e Kawayinwa (caçaria ou pesca para mim). Com cinco anos de idade, os seus pais lhe davam conselhos e ensinavam como se devem respeitar os mais velhos na aldeia.

> "Lembro-me que na aldeia tudo era bem organizado, todas as casas eram no mesmo formato e ficava uma distância entre elas. Todas as noites, os anciões contavam os mitos, rituais e festas tradicionais dos seus subgrupos e as crianças escutavam tranquilamente, observavam os gestos dos contadores de histórias. Antigamente, as casas dos subgrupos Oro Waram eram cobertas de palhas de babaçu amarrados com envira[38], pois os nossos antepassados ficavam no máximo quatro meses e mudavam de lugar. Nós não temos lugar certo para permanecer, sempre visitamos as nossas roças tradicionais que pertencem aos nossos territórios. Nas aldeias não tinha sujeira em volta da casa, estavam sempre todas limpas. Lembro que, no passado, os trabalhos eram feitos de forma coletiva e demoravam no máximo uma semana para concluir, pois eram muito dedicados. As mulheres também tinham suas tarefas, preparar esteiras, chichas, pamonhas e cuidar os filhos. Hoje, vejo as estruturas das casas totalmente diferentes das casas tradicionais do povo Oro Waram, agora estamos copiando o modelo da casa do não indígena. Geralmente, as nossas casas eram praticamente abertas e cercadas com algumas palhas de babaçu para nos proteger do vento ou da chuva. Fenômeno da natureza. Depois do contato com não indígena, fizemos ainda as casas tradicionais na primeira aldeia Tokom Mre', onde moramos por quase três anos e foi ali que os missionários e os subgrupos Oro Nao' ensinaram como construir as casas feitas pelos brancos. Todos nós participamos da construção juntamente com eles. Deixamos de morar Em Tokom Mre'e fomos morar na segunda aldeia Porção (Xitot), onde nós mesmos construímos a nossa própria casa no modelo que haviam nos ensinado. A maioria das casas foram montadas pelo homem branco e moramos mais ou menos cinco anos neste local. Saímos de Porção e fomos abrir uma nova aldeia chamada Lage Velho (aldeia atual) e fizemos o mesmo processo

[38] Cascar de árvore toari (serve para amarrar palha de casa e serve também para carregar crianças no colo.

> de construção de casa, pois nos acostumamos a fazê-lo. Na Aldeia Lage Velho tinha várias casas de palhas com modelo de homem branco. Os parentes estavam evoluindo cada vez mais, a maiorias deles já tinha casas cobertas de telhas de amianto e algumas até de alvenaria.“ (Awo Kamip Oro Waram, Outubro de 2018.)

Hoje em dia, os parentes já sabem fazer sua própria casa construidas com telha brasilit e ainda tem alguns que contratam o não indígena para construírem suas casas de alvenarias na aldeia.

4.6.2 Relato da sabedora indígena Tatoyi Oro Mon:

A sabedora indígena Tatoyi é um membro do subgrupo Oro Mon e filha do Nimon Oro Waram e da Piro Oro Mon nasceu na roça tradicional do Oro Mon, com dez anos de idade conviveu com os pais nas malocas tradicionais, onde ela viu todos os formatos de casas Oro Mon. Ainda lembra que as casas eram feitas pelos Oro Mon, parecidas com os dos Oro Waram.

> ‘’Na nossa aldeia, antes do contato com não indígena, não tinha nenhum tipo de doença contagiosa e as aldeias eram todas limpas e organizadas pelos sabedores tradicionais. Nunca deixamos acumular o lixo na aldeia. As mulheres e os homens sempre colaboraram com a natureza, pois é daí que retirávamos a nossa alimentação de todos os dias. Quando nós chegamos aqui no meio da sociedade envolvente, já não tínhamos mais a nossa organização social de como era antes. Lembro que antes do contato, nunca pegamos alguns tipos de doenças. Hoje, estamos sofrendo bastante porque está se acumulando o lixo aqui dentro da nossa aldeia. Precisamos alertar nossos parentes para tomar as devidas providências, não podemos copiar esse modelo que está acontecendo em nossa comunidade indígena aldeia Lage Velho. Vamos manter nossas casas limpas todos os dias. É por isso que os nossos filhos ou netos só paravam doentes, pela falta de higienização dentro da nossa comunidade. Precisamos cuidar bastante de nossas crianças.’’ (Tatoyi Oro Mon, Outubro de 2018.)

A aldeia Lage Velho foi à primeira do polo terrestre do Wari’ subgrupos Oro Waram, Oro Mon Oro Waram Xijein e Kao Oro Wayi; por motivo das doenças como a malária, o sarampo, a catapora entre outras, as etnias se espalharam e formaram novas aldeias como Lage Novo, Ribeirão e Sagarana. Nesse período, na aldeia Lage Velho houve um abandono por 15 anos, no ano de 1990, voltou a ser habitada pelos próprios povos, sendo uma minoria, mas com o passar dos anos, foram chegando outras etnias como: Oro Eo’e Oro Nao’.

A partir desse período foi fundado a Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental Wem Kanum Oro Waram, cujo nome é uma homenagem a um guerreiro do povo Oro Waram e mantida pela Secretária de Estado da Educação, conforme Decreto de nº

15.564 de 07 de dezembro de 2010. Atualmente a escola funciona nos turnos: matutino e vespertino.

Assim a Escola Indígena Estadual Wem Kanum Oro Waram, tem carga horária minima anual de 800 (oitocentas) horas, distribuídas por um mínimo de 200(duzentos) dias de efetivo escolar e o currículo tem a base nacional comum, complementada por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Sendo cinco professores indígenas formados em magistério que atuam do 1º ao 5º ano e um professor indígena, Francisco Oro Waram, com nível superior formado em Educação Básica Intercultural, com Habilitação em Licenciatura da Educação Básica Intercultural e com formação específica em Gestão na Educação Escolar Intercultural e uma professora não indígena com curso nivel superior, atendendo alunos de 6º ao 9º ano, conforme o quadro abaixo do corpo Docente.

Demonstrativo dos Professores indígenas e não indígena.

Nº	Nome	Sexo M/F	Formação Habilitação	Cargo	Série/Disciplina
01	Antenor Oro Waram	M	Mag. Indígena	Prof.º	3ºAno/Série Iniciais
02	Dalvana G. Macurap	F	L.P. letras	Profª	6º ao 9º / L.PORT., HIST., ESP
03	Francisco Oro Waram	M	Intercultural	Prof.º	6º ao 9º / MAT., GEO., CIE., ART.
04	Pascoal Oro Waram	M	Mag. Indígena	Prof.º	2º Ano/Série Iniciais
05	Robson Oro Waram	M	Mag. Indígena	Prof.º	1º Ano/Série Iniciais
06	Silvano Oro Waram Xiyein	M	Mag. Indígena	Prof.º	4º e 5º Ano / Série Iniciais
07	Valdemar Oro Mon	M	Mag. Indígena	Prof.º	L.M., C.P., ED.FISICA.

QUADRO 12: Secretaria Estadual de Educação, Dezembro de 2018.

A escola procura desenvolver atividades e conteúdos que favorecem sentidos à vida real dos alunos na comunidade e realidade do cotidiano global, considerando suas necessidades atuais e futuras, garantindo, assim, o pluralismo de ideias aos professores indígenas e não indígenas, bem como os direitos de divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber milenar dos sabedores tradicionais.

Neste contexto, a escola busca caminhos para a construção do processo do saber, em que os alunos apropriam-se dos conhecimentos disponiveis e articulam as experiências

anteriores e dessa forma podem conquistar nova maneira de agir e pensa. Temos um posto de saúde indígena Komi Memem para atender as comunidades, onde permanecem um agente de saúde indígena e uma técnica de enfermagem.

O atual posto foi construído pelas lideranças com apoio das instituições como a FUNAI, SESAI e SEDUC, que colaboraram nas compras de alguns materiais como gasolina, telhas de amianto, pregos, cimento e como contrapartida a participação coletivamente da comunidade.

Além disso, foi iniciada a construção de um posto de saúde contemplada pela instituição responsável pela Saúde Indígena, através de um projeto da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA).

As obras não foram concluídas na aldeia, muitos materiais de construção foram abandonados pelos operários que sairam da comunidade sem dar satisfação. Fomos informados que a empresa responsável pela construção não conseguiu entrar em acordo com o Ministério de Saúde com relação ao valor de projeto.

Através das reivindicações feitas pelas lideranças, a empresa contemplada (ESBER) voltou a executar a obra no mês de outubro de 2017.

Obetivemos ainda uma nova escola e um posto de saúde, a construção realizada pela Energia Sustentável do Brasil S.A., em atendimento ao Acordo de Cooperação Jirau Nº 057/17. As duas obras foram concluídas e entregues à comunidade no mês de fevereiro de 2019.

As invasões, na Terra indígena Igarapé Laje, aumentaram devido à presença dos não indígenas devido aceleramento de duas rodovias entre Nova Mamoré e Nova Dimensão e outra Guajará-Mirim e Cachoerinha, com isso facilitaram acessos de (fazendeiros, madeireiros, garimpeiros e grileiros), os dois anos mais piores foram os anos de 2014 e 2016. Resumindo, os contextos gerais das invasões em nossa terra, significou uma invasão relâmpago dos não indígenas que nos deixaram com grande preocupação.

As principais linhas invadidas foram as seguinte: 24, 28, e 29 que tiveram algumas participações dos Wari', envolvidos. Durante o ano de 2015, os subgrupos Oro Waram, Oro Mon e Oro Waram Xiyein com as suas lideranças, cacique, professores e agentes de saúde, abordaram esse tema na XV Assembleia da Organização Oro Wari' que está situada nos municípios de Guajará- Mirim e Nova Mamoré. Assim foram encaminhadas as denúncias para o Procurador do Ministério Público Federal (MPF), Dr. Daniel Luiz Dalberto.

E assim defendemos nossos territórios, se organizamos e elaboramos um documento com mais de 150 assinaturas de lideranças, solicitando a presença da Polícial Federal, para

tomar as devidas providências cabíveis em relação à Terra Indígena Igarapé Laje. As autoridades competentes atenderam aos pedidos de nossas lideranças com a presença da Polícia Federal e do Exército, o que mudou completamente o cenário, com a expulsão desses invasores e apreensão de alguns equipamentos.

Hoje, as questões das terras indígenas no Brasil viraram clima de ameaças aos povos indígenas no Congresso Nacional, criaram várias PECs contra as populações indígenas, principalmente a PEC 215, que trata justamente para transferir a responsabilidade das demarcações das terras indígenas e quilombolas ao Congresso, que devem tramitar e serem aprovadas no plenário da Câmara e do Senado.

Com as propostas da bancada ruralista de arrendar terras indígenas através da PEC 343 muitos indígenas no Brasil vivem sob a ameaça de perderem as suas terras, notícias que viraram uma novela nacional e internacional, nós não iremos ficar de braços cruzados assistindo essas más notícias, somos seres humanos sabemos que temos direitos e deveres como cidadãos brasileiros e ricos em diversidades culturais.

O governo não está cumprindo os acordos da Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), na qual essa Convenção não está sendo mais usada para os povos indígenas e para os quilombolas e precisamos que o governo respeite os nossos direitos e deveres, conforme Art. 6°:

> 1. Ao aplicar as disposições da presente Convenção, os governos deverão:
> A) Consultar os povos inteteressado, mediante procedimentos apropriados e, particularmente, através de suas instituições representativas, cada vez que sejam previstas medidas legislativas ou administrativas suscetíveis de afetá-los diretamente.
>
> Desse artigo podemos tirar as seguintes conclusões:
>
> 1- A consulta prévia é obrigatória.
> 2- Ela não pode ser feita de qualquer jeito. Deve ser mediante um procedimento apropriado para os povos indígenas, respeitadas sempre a diversidade e especificidade deles. Ou seja, o jeito de cada povo tem de ser respeitado.
> 3- Devem ser respeitadas as formas de representação dos povos indígenas. Para cada caso concreto os próprios povos indígenas devem definir quem vai representa-los no processo de diálogo. Podem ser os caciques, os anciãos, o presidente da associação ou todo o povo. É a comunidade ou povo que decide qual a melhor forma de representação.
> 4- Cada vez que governo forem tomar alguma medida administrativa ou legistativa que afete diretamente direitos indígenas, devem consulta-los previamente.
> 5- A consulta prévia é para evitar a insegurança dos povos indígenas, o desrespeito aos seus direitos e garantir sua autonomia nas formas de desenvolvimento que querem para suas vidas enquanto povos.
> 6- A consulta Prévia envolve, pois, várias etapas. Por isso ela é também, conhecida como Processo de Consulta. (KEPPI, 2013, p. 7.)

Uma das causas que o governo não está cumprindo a Convenção 169 da OIT, é não

proporcionar livros didáticos na língua dos povos indígenas e também temos várias escolas indígenas no Estado de Rondônia que não estão estruturadas, com falta de banheiros e funcionários para manter a limpeza das escolas. Temos ainda professores fazendo merenda e quando não podem os professores pagam alguém para ficar responsável pela merenda escolar.

5 IMPRESSÕES DOS SABEDORES SOBRE A DISSERTAÇÃO

Sabedor tradicional Awo Kamip Oro Waram com o pesquisador.

IMAGEM 20: ORO WARAM, Cristiane. ORO WARAM: Awo Kamip e Francisco. Lage Velho, Filmagem digital celular. Março de 2018.

O sabedor Awo Kamip Oro Waram com seus 70 anos de idade, gostou de ser entrevistado pois segundo ele essa pesquisa ajuda a preservar a língua e os costumes de seu povo, e ficará de memória para as gerações futuras como acervo bibliográfico.

> ‘’Meu nome é Awo kamip Oro Waram, gostei muito da sua pesquisa, o projeto de pesquisa fala somente do Wari’. Gostaria que os outros alunos indígenas também pensassem e escrevessem nossas histórias que são importantes para nós indígenas. Se os nossos filhos pensassem desta forma, como você está pensando, com certeza as histórias do nosso povo serviriam para nossa escola como acervo. Ficaria mais bonita ainda se tivessem pessoas suficientes para produzir em DVD e assistir na sala de aula com nossos filhos. Nós, que somos indígenas, precisamos ter um bom coração e começar a escrever em nossa língua as histórias, mitos e rituais, assim seria bom. Os não indígenas não gostam da nossa língua, porém temos que valorizá-la. Fico muito feliz por ter me chamado para fazer parte como colaborador de sua pesquisa.’’(Awo Kamip Oro Waram, 2018.)

Relato traduzido para a língua Wari’:

> Wutu iri na ne Awo Kamip Oro Waram ina, awi tamana na pain ka xrao’ main oro ka piyim nukukun oro honana nexi. Awi na pain krao’ kakain oro hiyima ne xi kem, an tiho tetrem pain ka xrao’ nem ka. Ma ta om pi ne kem, an to xo ak hem tra pain xrao’ xrao’ to wa. Awi tamana pain xra pain ka ma ne oro hayam mi pain ka nro wa kem. Wayam iri na ne nok nanain oro ka’ piyim nexi. Wari pan tra ko om nok nain oro ka’ piyim nexi. Tomi’ krek te ina pain kep tiho tim ka, pain ka’

xrao’ nem.

Sabedor tradicional Yaman Oro Mon

IMAGEM 21: ORO WARAM, Francisco. Yamain Oro Mon. Lage Velho. Filmagem digital celular. Agosto de 2018.

Ao analisar os relatos do Sabedor Yamai do subgrupo Oro Mon podemos afirmar que ele tinha medo de essas histórias fossem perdidas na memória do povo, por isso ele ficou alegre com a pesquisa, na qual ele relatou sobre as histórias contadas pelo seu povo.

> ‘’ Quero falar o que entendo da sua pesquisa, ele é muito boa porque você o escreveu aqui na nossa Terra Indígena Igarapé Laje, na aldeia Laje Velho. Eu fico mais alegre com você, quando pede para eu contar mitos e ritual do nosso povo, é muito agradável de contar e fico imaginado as histórias contados pelos nossos ancestrais há muitos anos. Peço para que os jovens deem continuidade em escrever essas histórias para não se perderem no meio do caminho, porque vai servir muito para nossas crianças que ainda virão. A sua pesquisa é mais voltado para nós Wari’. Eu também fico muito emocionado em dar continuidade. Não desanime e confie em si mesmo, pois você não está sozinho, estará sempre conosco, pense nisso!’’ (Yamain Oro Mon, 2018).

Escrito na língua Wari’:

> Jamain Oro Mon, napa’ wutu, tomi’ krek te ina pain ka xrao’ nem ka’. Xi om ne ka’ xrao’ ara ma’ pain makraxi ka to iri ka’. Tomi krek te mip ina pain oro ka’ piyim an het tain oro ka’ piyim nukukun honana nexi kem. Pran inonon oro hiyma nexi pain ka’ xrao’ kakain oro I’ ma’ kem. Ma’ ta om pi’ hra na ne oro me nexi ta’. Oro I’ ma’ tati tekim ak kaka tra oro hiyima nexi ko’ maki nana pa’ ao kem. Tomi krek te ina pun, ta naro ma’, kep tiho uru pun, om ka xa ka’ pe ma’, ma’ uru pain ka’ kep tiho uru pun ta.

Sabedora tradicional Tatoyi Oro Mon.

IMAGEM 22: ORO WARAM, Francisco. Sabedora Tatoyi Oro Mon. Lage Velho, Filmagem digital celular. Agosto de 2018

A sabedora tradicional Tatoyi é uma Wari' do subgrupo Oro Mon, tem 65 anos de idades, falante da língua materna, tem seis filhos e é casada com sabedor Awo Kamip Oro Waram. Tatoyi sabe confeccionar artesanatos do seu povo. Ela também, sempre, gosta de organizar as festas tradicionais como kawanwa e outras.

> ''Meu nome é Tatoyi Oro Mon, foram os meus pais que deram esse nome para mim, quero parabenizá-lo por seu projeto de pesquisa, porque as suas pesquisas abordaram as nossas origens, de onde viemos, conta as histórias dos mitos, rituais e também de antes do contato com o homem branco. Quero dizer aqui, que os nossos sabedores sempre contavam de onde viemos há milhares de séculos, é muito bom ouvi-los, eles também gostavam de contar das festas (kapiwa) que tiveram nos momentos de festejo e que sempre guardavam nas memórias. '' (Tatoyi Oro Mon, 2018)

Escrita na língua Wari':

> Wutu iri na ne Tatoyi Oro Mon ina. wriko Ate kam Na' ko homa napa' pan wit ka', Tomi krek te inem pain ka' xrao mao oro ka' piyim tokokwa oro honana pane, pain ka' om tan het krik to kwa wayam pane kem. Awi ara xi na oro ka' piyim xine. Oro kapiwa nukukun oro honana nexi pane, om ka' nok kakain, oro ka' wrayu nukukun oro honana pane, to' pi' pin nain winakokon ye ka' kromikat wa kem. Xi nok kakain oro ka' wrayu wa.

Sabedora tradicional Tokot Oro Waram

IMAGEM 23: ORO WARAM, Francisco. Cristiane Oro Waram, Francélio Oro Waram e Francisco Oro Waram Filho. Lage Velho, Filmagem digital celular. Setemrbo de 2018.

Esta imagem é de minha esposa Tokohet Oro Waram e dois dos meus filhos, Francisco Oro Waram Filho e Francélio Oro Waram (Ko' Um Oro Waram). A sabedora Tokohet gostou da pesquisa sobre o seu povo Oro Waram, e diz que quando era criança escutava as histórias de seu povo relatadas pela sua avó e mãe.

Nessas entrevistas podemos observar que as crianças ajuntavam-se ao meu lado para escutar as histórias que os sabedores contavam, diferentemente da sociedade não indígena na qual os entrevistados querem contar suas histórias sozinhas, e mandam suas crianças saírem no momento da história.

> "Meu nome é **Tokohet Oro** Waram, sempre, a minha avó e meus pais contam as histórias do nosso povo, gostava de ouvir quando era criança e gosto até hoje, por isso sei contar as histórias dos mitos, rituais e outros. Espero que essa pesquisa contribua bastante na Escola Wem Kanum Oro Waram e principalmente aos professores indígenas, para que possam incentivar os nossos filhos na escola. Gostaria também que outros professores indígenas desenvolvessem pesquisas com temas diferentes, mas sempre pesquisando o nosso povo Wari' na aldeia Laje Velho.'' (Tokohet Oro Waram, 2018).

Língua Wari':

> ''Wutu iri na ne Tokohet Oro Waram, oro wram yeo' pane, tama' piyim het tatipa nanain oro kapiyim nukukun oro honana pane. Pram tatipa inain ka trayuwa, om ka nok tan kem. Winim inanain ka' xrao' nem ka', kep tiho ak nem tra', xrao'xrao' pe' wa. Wrikoko pain trata oro ko ka' na'nana ko xrao' tekin nanain oro xiyein ka' xrao'. Xrao' an tekin ak kaka' pari' tra', pain ka' Wari nexi ka', pain ka' to iri ka'.''

Sabedora tradicional Hatem Oro Waram

IMAGEM 24: ORO WARAM, Francisco. Hatem Oro Waram, Francisca Pakai Oro Mon. Lage Velho, Filmagem digital celular. Setembro de 2018.

Os relatos de Hatem Oro Waram nos embasa a dizer que os sabedores tradicionais na sua maioria os anciões gostavam de contar as histórias de seus antepassados aos seus filhos, netos e outros parentes que gostavam de ouvir.

Também observamos que o seu povo os Oro Waram gostavam da festa Kapiwa. Ela ficou feliz com a pesquisa, pois segundo ela ajudará as crianças e os adolescentes da aldeia que são os alunos a conhecerem o seu passado antes do contato e posterior ao contato, para não esquecerem suas identidades e origens.

> ‘’Quero falar um pouco sobre o nosso povo, eles gostavam muito de contar as histórias para seus filhos e também de contar das festas que faziam. Os nossos antepassados amavam fazer as festas (kapiwa). Fico muito feliz por você e acredito que esse projeto de pesquisa ajudará muito o nosso povo aqui na aldeia Laje Velho e principalmente os alunos.’’ (Hatem Oro Waram, 2018.).

Língua Wari’:

> ‘’Pram inain ka’ tomi’ wiyimain tain ka’ Wari’ nexi ka’. Oro honana nexi pane pram tatipa nanain oro kapiyim an het xine oro ka piwa. Om’ka’ nok kakain oro kapiwa kem. Tama’ tomi’ krek te nana pain kapiyim wa. Ka xrao’ nem ka’ kep tiho tamana ta pri pain makraxi ka’, wrikoko oro hiyima ko xrao’ nana kem.’’

Sabedor tradicional Mon Oro Mon

IMAGEM 25: ORO MON, Francisco. Mon Oro Mon. Lage Velho. Filmagem digital celular. Outubro de 2018.

Ao analisar os relatos do sabedor Mon Oro Mon já com os seus 78 anos, podemos observar que ele ainda lembra-se das festas do seu povo Oro Mon antes do contato com o não indígena e segundo ele todos gostavam principalmente os sabedores na qual saboreavam as chichas feitas de milho.

> ''Meu nome também é Mon Oro Mon, sou da etnia Oro Mon. Eu vi os sabedores tradicionais antes do contato com homem branco, eles gostavam muito de fazer as festas com outras etnias. Lembro muito de quando eu era menino e via com meus próprios olhos. Todas as festas tinham chicha de milho para os convidados e algumas alimentações.'' (Mon Oro Mon, 2018.).

Língua Wari':

> Wutu' iri na ne Mon Oro Mon I' na'. " Pain ka Wari' nexi ka Om nok tati xim tamra. Honana pane pi' krakain tati pa' xukukun, Xi nok kakain ta'. Kromikat tati pa'ina pai ka' piye ne kem, krek inonon honana kem pain tuku ka'. Oro Kapi' kaka' oro honana kem, tama'ma' na' tokwa nem papak, ye ka' nok tatipa' kaka ko pi' nana ye oro xiyein ka' kao' wa kem, ak I' ma' na tati pa' nana oro honana nexi' pane.

Alunos colaboradores da pesquisa.

IMAGEM 26: ORO WARAM, Francisco. Alunos ORO WARAM: Franciele, Alan, Cilene, Geniane, Alexsandro, Gelson e Varlei. Alunos ORO MON: Érica, Elisson, Sandro, Genilsson, Armelindo, Sidney, Daniel. Elaine Oro Não'. Fevereiro de 2018.

Ao final da pesquisa, as entrevistas dos sabedores tradicionais e os trabalhos foram apresentados para os alunos do 8º ao 9ºano, da E.I.E. F Wem Kanum Oro Waram. Os registros fotográficos feitos durante o trabalho de campo junto com os nossos sabedores e os resultados dos trabalhos foram socializados em um evento realizado na escola citada acima.

Os alunos que participaram coletivamente produziram textos e desenhos sobre a importância da pesquisa voltada ao assuntos relatados pelos sabedores tradicionais dos subgrupos Oro Waram Oro Mon, Oro Waram Xiyein, Oro Eo' e Oro Nao'.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação à categoria social do Wari, a Associação Komi Memem da aldeia de Laje Velho foi criada há mais de dois anos, porém recentemente foi registrada no cartório podendo, assim, realizar projetos.

Um dos questionamentos entre os Wari' é a disputa para presidente da Associação, esse é o principal problema encontrado na aldeia Laje Velho. Esperamos que tal questão social da aldeia seja resolvida e começamos a olhar de maneira diferente.

Essa pesquisa foi realizada na aldeia Lage Velho na Terra Indígena Igarapé Lage, com registro de narrativas dos sabedores tradicionais indígenas e analisa a história do subgrupo Oro Waram, mostrando a importância dos sabedores na elaboração e participação ativa desse projeto. Foram registradas as principais dificuldades enfrentadas na vida dos Wari', nas quais uma delas foi à luta pela sobrevivência deles há milhares de anos.

Com a participação dos sabedores, os relatos ficaram bem mais consistentes, aprofundados e detalhados sobre o que aconteceu com os ancestrais no passado. Além de tudo isso, nos mostra como os Wari' sofreram ao longo dos anos, como muitos deles enfrentavam dificuldade para sobreviverem e procuravam um espaço para garantir a vida do grupo.

Foram registradas as histórias do passado e do presente dos subgrupos Oro Waram, Oro Mon e Oro Waram Xiyein na aldeia Lage Velho, sem contar os outros subgrupos Wari'.

Por último, os sofrimentos e os problemas oriundos do primeiro contato com não indígena (wayam) que trouxeram grandes pragas e doenças, das quais muitas crianças, jovens e adultos morreram, sem falar de como as culturas indígenas foram desrespeitadas pelas pessoas da sociedade envolvente.

Houve também a participação dos sabedores indígenas tradicionais que foi um grande exemplo para o desenvolvimento da dissertação, pois são os autores principais nessa longa caminhada, houve também a participação dos alunos do 6º ano ao 9º ano que compartilharam o resultado e apresentaram na Escola Indígena Wem Kanum Oro Waram.

Propomos que presente dissertação torne-se uma base de conhecimentos para os subgrupos Oro Waram, Oro Mon, Oro Waram Xiyein que reconheçam os seus valores como indígenas e valorizem as suas histórias, mitos, rituais, crenças e seu modo de vida, ao tempo que despertem para novos estudos sobre nosso povo Wari'. Entendemos que cumprimos os propósitos almeijados para a dissertação, pois trazemos nossa trajetória histórica e

geográfica como um povo que luta incansavelmente por dias melhores.

O que queremos é ser reconhecidos pela sociedade como um todo e que essa se concientize da importância dos povos indígenas no processo de desenvolvimento do país, bem como de nossos valores sociais, culturais, espirituais e do respeito que temos com a natureza.

Compreendemos que a nossa luta e o acesso à Universidade para nossa formação possa trazer elementos e conhecimentos novos para a nossa comunidade e que podem ser aprendidos num processo de intercâmbio, em que indígenas e sociedades não indígenas tendem a ganhar.

Assim, esperamos que essa dissertação possa despertar outras oportunidades para a disseminação dos conhecimentos, afinal nós habitamos no mesmo planeta e dele precisamos para a nossa sobrevivência, outro caminho é possível, por meio de diferentes olhares sempre respeitando as outras comunidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA SILVA, Adnilson de**. Territorialidades e identidades dos coletivos Kawahib da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia:** "Orevaki Are" (reencontro) dos marcadores territoriais". Tese Doutoral em Geografia. Curitiba: Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia. Curitiba. Universidade Federal do Paraná, 2010.

ALTINI, Emília. **MANSO**, Laura Vicuña Pereira. **MARÇOLI**, Osmar. **Panewa Especial**. Porto-Velho: Conselho Indiginista Missionário Regional de Rondônia, 2015.

ARRUDA, L. G. *et al.* **Portas Abertas sobre a cultura Oro Wari**. Universitat Rovira i Virgili, Espanha, 1997.

BANIWA, Gerson dos Santos Luciano**. O índo brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de Hoje.** Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade-SECAD, Ministério da Educação-MEC, 2005.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade-SECAD, Ministério da Educação-MEC, 2005.

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil de 1988**. Brasília: Supremo Tribunal Federal - Secretaria de Documentação. Brasília, 2018.

BRASIL. Quadro Demonstrativo da população e terras indígenas em Guajará-Mirim. Guajará-Mirim: Fundação Nacional do Índio, 2017.

BRASIL. **Portaria nº 1108 de 17/09/1981**. Brasília: Fundação Nacional do Índio, 1981.

LIMA ANGENOT, Geralda de. **Fonotática e fonologia do lexema Protochapacura.** (Mestrado em Ciências da Linguagem). Guajará-Mirim: UNIR, 1997.

LIMA DE SOUZA, Maria de Fátima. **Dicionário da Língua Wari' Oro Mon-Português**. (Mestrado em Ciências da Linguagem). Guajará-Mirim: UNIR, 2009.

LVESA, MARIA ISABEL ALONSO**. Identidades indígenas:** um olhar para o Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural de Rondônia. (Mestrado em Educação). Porto-Velho: UNIR, 2014.

KEPPI, Jandira. **Mineração em terras indígenas**. São Leopoldo-RS: OIKOS, 2013.

MAGALHÃES BATISTA, Carlos. **Memória e identidade:** aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. ISSN: 1677-6976. Caderno Virtual do Turismo. Vol. 5, n° 3, 2005.

MEIRELES, D. M. **Os Pacaás-Novo**s. (Mestrado em Antropologia), Brasília: Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 1986.

MONSERRAT, Ruth Maria F. **ALTINI**, Emília. Nossa Língua (Payaxi pain Ka). Porto-Velho: Conselho Indigenista Missionário, 2015.

POLASTRINI, Leandro Faustino. **Transculturação e identidades na obra de Daniel**

Munduruku. (Mestrado em Estudos de Linguagem). Cuiabá: UFMT, 2011.

ORO WARAM, Francisco**. ORO NÃO',** Abel. **ORO NAO',** Abrão. **Experiêcias de ensino e pesquisa em ciências, meio ambiente e Etnomática na Licenciatura Intercultural**. Ji-Paraná: UNIR, 2018.

ORO WARAM, Hatem. **Relato de uma sabedora Indígena**. Guajará-Mirim: 2018.

ORO WARAM, Awo Kamip**. Relato de um sabedor indígena.** Guajará-Mirim: 2018.

ORO WARAM, Tokohet. **Relato de uma sabedora indígena.** Guajará-Mirim: 2018.

ORO MON, Yamain. **Relato de um sabedor indígena.** Guajará-Mirim: 2018.

ORO MON, Tatoyi. **Relato de uma sabedora indígena.** Guajará-Mirim: 2018.

ORO MON, Mon. **Relato de um sabedor indígena.** Guajará-Mirim: 2018.

RONDÔNIA, Secretaria do Estado de Educação. . Lei Complementar nº 578, de 1º de junho de 2010. DOE nº 1502, de 2 de junho de 2010.

SANTOS, Maria Aparecida Siqueira. **As políticas educacionais e seus impactos na educação indígena:** um estudo nas comunidades pertencentes ao município de Guajará-Mirim/RO. Porto-Velho: UNIR, 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: EDUSP, 2006.

SILVA VIEIRA, José Guilherme. **Metodologia da pesquisa científica na prática**. Faculdade Educacional da Lapa-FAEL, Setor de Pós-Graduação. Editora da Fael, 2012.

VENERE, Mário Roberto. **Projeto Açaí:** uma contribuição a formação dos professores indígenas no estado de Rondônia. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

VILAÇA, Aparecida. **Quem somos nós, os Wari encontram os brancos**. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2006.

VILAÇA, Aparecida. **Quem somos nós. Questões da alteridade no encontro dos Wari' com os brancos**. Vol.1, Tese Doutoral em Antropologia. Rio de Janeiro: Museu Nacional, UFRJ, 1996.

APÊNDICE

Resumo em Língua Wari’ do subgrupo Oro Waram

I’ ka’ oro ka’xrao’wa ka’xrao’pe’ e’ nain komi’ Memem, pain wra trim ka’to wa’, pain makraxi ka’ makrahu’ ta’kapri’ wayam ka’, ka’ pe’ yamao nain om’ hompri’ (Guajará- Mirim), pain estado nein Rondônia ye pain Brasil ka’. Ka’ xrao’ wa ka’maki’ nain oro ka tomi’nukukun oro honana ye oro ka’tomi’ krek tokokwa oro honana nexi’ko trayupa’ nanain oro ka piyim tokokwa honana nukukum Wari’ ye pain ka’ Oro Waram iri’ ka’ kem. Xrao’ak xine na oro krawa ka’i’i’na nonon oro wra honana nexi’ pain kra pane, ye oro krawa ka’ to e’nonon kem. Xrao’ ak xine na oro krawa ka’ om’ wrakrekrewa, ka’ maki’ non Wayam ko tan het pin wa kwa, pain xok wrika’. Wrikoko pan nana oro honana ko kep tiho nanain ka’ xrao’ wa ka’, wrikoko ko piyim nonon oro honana pane, xi piyim an het mi’ara kokon pain mana kotekaka pain ka’ e’ e’ wet nukukun pane. Ye ka’piyim an het pin kaka oro honana nexi pain xok wrika, ye ka’kep tiho nain ka’ xrao’ wa ka’, pain ka krek pin kakain oro ka nro mao nukukun pain oro ka’ piyim wa. Kep tiho ak nein na ka’ xrao’nekem na VILAÇA (2006) ye ka’ xrao’nekem LIMA DE SOUSA (2009). Oro ka’xrao’kut in xo xine oro ka’piyim waka’, xrao’ maki o’ non panawo nukun (novembro) nein kawati 2016, pi’ ak nein panawo nukun (novembro) nein kawati 2018. Ma’ ak kaka na oro ko ka’nana wrikoko (professores), ko kep tiho nanain ka’xrao’ waka kem, pain oro ka’ piyim an het mao tokokwa honana nexi’pain ka Wari’ nexi’ ka’ye pain ka’ Oro Waram, Oro Mon wrikoko Oro Waram Xiyein kem. Awi tamanana pain ka’om’pan am’ne oro ka’ piyim nukukun oro honana nexi, pain ka’ Wari’iri’ ka. Xi ma’ ara kapri oro tati nexi’, om’ ta an pe’kamain xim oro ka piyim nukukun oro honana nexi’, tomi’ an het tekim ak xim tra oro i’ ma’pain ka Wari’iri’ka.

Palavra-Chave: Oro Wari’. Oro Waram. Ka’ maki’ iri’. Honana ko tati nana.